



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, NATUREZA E DINÂMICA DO  
ESPAÇO – PPGeo

**GISELE POLANSKI FRANÇA DA SILVA**

**DOMINGO É DIA DE FEIRINHA SÃO LUÍS: (re)viver em festa e entre  
paisagens patrimoniais e turísticas**

São Luís, MA  
2021

**GISELE POLANSKI FRANÇA DA SILVA**

**DOMINGO É DIA DE FEIRINHA SÃO LUÍS: (re)viver em festa e entre paisagens patrimoniais e turísticas**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora constituída pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço (PPGEO) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Orientador:** Prof<sup>o</sup>. Dr. José Arilson Xavier de Souza.

Linha de pesquisa I: Dinâmica do espaço urbano e rural.

São Luís, MA

2021

**DOMINGO É DIA DE FEIRINHA SÃO LUÍS: (re)viver em festa e entre paisagens patrimoniais e turísticas**

**Autora:** Gisele Polanski França da Silva.

Aprovada em: 14/05/2021.

**BANCA EXAMINADORA:**



---

Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza  
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA  
PPGEO/UEMA  
(Orientador)



---

Prof. Dr. Saulo Ribeiro dos Santos  
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA  
PPGEO/UEMA  
Examinador Interno



---

Prof. Dr.ª. Maria Tereza Duarte Paes  
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP  
PPGEO/UNICAMP  
Examinadora Externa

Silva, Gisele Polanski França da.

Domingo é dia de Feirinha São Luís: (re)viver em festa e entre paisagens patrimoniais e turísticas / Gisele Polanski França da Silva. – São Luís, 2021.

112 f

Dissertação (Mestrado) – Curso de Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço, Universidade Estadual do Maranhão, 2021.

Orientador: Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza.

1.São Luís-MA. 2.Centro histórico. 3.Feirinha São Luís. 4.Festa. 5.Paisagens patrimoniais e turísticas. I.Título.

CDU: 338.483.12(812.1)

*Aos meus pais, Jorge Sebastião e Deusemar  
Adriane, em retribuição à dedicação e à  
confiança que sempre depositaram em mim.*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer a todos que me ajudaram a percorrer esta jornada não é tarefa fácil, uma vez que, por um mero lapso de memória, corro o risco de incluir alguns nomes e esquecer outros de igual importância. Mas não poderia deixar de materializar, individualmente e também em grupo, o meu sentimento de gratidão as pessoas que foram imprescindíveis ao meu caminhar até aqui. À vista disso, àqueles que, de alguma forma, contribuíram, encorajaram e me ajudaram durante esta investigação, os meus reconhecidos e francos agradecimentos são:

À Deus, causa primária da minha essência e de todas as forças que contribuíram para eu não desistir de entrar no programa de pós-graduação e para que este trabalho fosse realizado.

Aos meus pais, Jorge Sebastião e Deusemar Adriane, pelo incondicional apoio emocional e financeiro, vocês nunca deixarem faltar nada para eu continuar os meus estudos, toda a minha gratidão.

Aos meus irmãos, Giovanni e Joatânia, vocês são exemplos de pessoas dedicadas e preocupadas com os estudos.

À minha família França e Silva, vocês são o meu suporte para seguir em frente com ética e respeito.

Ao querido Diego Lima, por ter me ajudado a acreditar em mim mesma. Suas palavras e atitudes não permitiram eu desistir da realização deste trabalho, apesar das inúmeras incertezas que surgiram ao logo deste percurso. Agradeço por partilhar as alegrias e dificuldades daqui e da vida.

A todos os meus amigos que sempre me incentivaram e apoiaram a minha jornada no mestrado e que por diversas vezes entenderam a minha falta em alguns momentos.

À Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pela oportunidade e pelo auxílio imprescindível para a efetivação desta pesquisa durante os 2 anos de mestrado.

À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), por apoiar financeiramente e permitir a continuidade dessa pesquisa.

Ao meu orientador José Arilson, por ter me ensinado a caminhar para outros horizontes para pensar o trabalho. Sua orientação foi excepcional e contribuiu brilhantemente para o meu crescimento profissional e pessoal. Agradeço por todo o seu esforço, dedicação, paciência, respeito e carinho ao longo dessa jornada.

Aos muitos professores e professoras, especialmente ao professor Saulo, não somente pelas preciosas contribuições na etapa de qualificação e defesa desse trabalho como também

pelo apoio inestimável ofertado durante o meu percurso acadêmico na graduação e no mestrado.

À coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço (PPGEO), em especial, à Nana, invariavelmente muito simpática e atenciosa.

Aos meus colegas de turma, em especial à “Territorialidade ética”, cujo apoio foi imprescindível para que as aulas e o percurso dentro e fora da UEMA se tornassem mais interessantes.

Aos membros e colegas do Grupo de Estudo sobre Espaço e Cultura, que durante as leituras e discussão das reuniões, entre conversas e lanches, contribuíram para abrir novas fronteiras de reflexão ao passo que serviram como debatedores das ideias e pensamentos aqui presentes. Estendo o agradecimento também ao Grupo Marielle.

Aos professores, membros da banca examinadora da qualificação e da defesa, por terem atendido ao convite para desempenhar este papel, dispondo de seu tempo e conhecimentos para analisar este trabalho.

Aos profissionais de órgãos públicos que cederam informações, assim como aos entrevistados que compartilharam suas percepções e experiências, acreditando no estudo, vocês foram de singular importância na co-construção desta pesquisa.

*Brilham sobrados, brilham telhados da minha  
linda São Luís. Que ilha bela, que linda tela  
conheci.*

Carlinhos Veloz

## RESUMO

Na interface com o turismo, os centros históricos têm sido alvo de políticas públicas que visam revalorizar as suas paisagens patrimoniais. Tema de explícita dimensão espacial e temporal, tais ações vão além da preservação do passado, tornando dinâmico, e às vezes, festivo, o presente. Este parece ser o caso do que vem ocorrendo no Centro Histórico de São Luís, Maranhão, tomado aqui mais especificamente pela Feirinha São Luís. No Centro, diversas têm sido as políticas que vêm tencionando, através do conteúdo histórico, aquecer a imagem cultural da cidade que, dentre outras funções, busca se fortalecer como destino turístico. Relacionada ao Programa Reviva Centro, a Feirinha São Luís ocorre desde 2017 aos domingos na Praça Benedito Leite, com destacada conotação festiva. Privilegiada como nosso campo empírico, dela surge a problemática desta pesquisa, a saber: em meio às políticas de requalificação urbana proporcionadas pelo Programa Reviva Centro, como se estruturam e são vividos os patamares de significados da Feirinha São Luís, enquanto festa, entre paisagens patrimoniais e turísticas, no sentido de contribuir para fazer reviver o Centro Histórico de São Luís? No tratamento com teorias entrecruzadas entre o Turismo e a Geografia, admitindo uma abordagem cultural, guiada, predominantemente, por indicações do método fenomenológico, com posturas de cunho qualitativo, a pesquisa tem como objetivo geral interpretar a dimensão festiva da Feirinha, situada no “coração” do Centro Histórico, rodeada, portanto, de paisagens patrimoniais e turísticas, e que é composta por experiências e percepções múltiplas, das quais condensamos reflexões referentes ao que escutamos da coordenação da Feirinha, de comerciantes, ludovicenses e turistas. Em suma, é possível auferir que a Feirinha vem, de fato, encetando novas configurações culturais ao Centro Histórico de São Luís e à imagem turística da cidade, funcionando como singular estratégia simbólica de apropriação do espaço e do tempo.

**Palavras-chave:** São Luís-MA; Centro Histórico; Feirinha São Luís; Festa; Paisagens Patrimoniais e Turísticas.

## ABSTRACT

In the interface with tourism, historic centers have been the target of public policies aim to revalue their heritage landscapes. It is a theme of explicit spatial and temporal dimension, and such actions go beyond the preservation of the past, making the present dynamic, and at times, festive. This seems to be the case of what has been happening in the Historic Center of São Luís, Maranhão, taken here more specifically by 'Feirinha São Luís'. In the Center, several policies have been intending, through the historical content, to heat up the city's cultural image, which, among other functions, seeks to strengthen itself as a tourist destination. Related to the Reviva Centro Program, the 'Feirinha São Luís' has been held since 2017 on Sundays at Benedito Leite square, with an outstanding festive connotation. Privileged as our empirical field, the problem arises from this research, to wit: in the midst of the urban requalification policies provided by the Reviva Centro Program, how the levels of meanings of the Feirinha São Luís are structured and experienced, as a party, between heritage and tourist landscapes, in the sense to contribute to the revival of the Historic Center of São Luís? In the treatment with theories intertwined between Tourism and Geography, admitting a cultural approach, guided predominantly by the phenomenological method, with qualitative nature. The research has as general objective to interpret the festive dimension of the Feirinha, located in the core of the Historical Center, surrounded, therefore, by heritage and tourist landscapes, and that is composed of multiple experiences and perceptions, of which we condense reflections regarding to what we heard from the coordination of the Feirinha, the marketers, Ludovicenses and tourists. Overall, it is possible to verify that Feirinha has, in fact, been introducing new cultural configurations to the Historical Center of São Luís and the city's tourist image, functioning as a unique symbolic strategy for the appropriation of space and time.

**Keywords:** São Luís-MA; Historic center; Feirinha São Luís; Party; Heritage and Tourist Landscapes.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Esboço reduzido da investigação
- Figura 2: Área representativa de estudo
- Figura 3: Centros Históricos brasileiros
- Figura 4: Mapa de localização de São Luís (MA)
- Figura 5: Forte Saint-Louis
- Figura 6: Traçado urbano de São Luís de Fria de Mesquita e sua sobreposição atual
- Figura 7: Igreja da Sé
- Figura 8: Conjunto arquitetônico do Centro Histórico de São Luís
- Figura 9: Praça Benedito Leite
- Figura 10: Feira da Praia Grande
- Figura 11: Inscrição do Centro Histórico de São Luís na lista de Patrimônio Mundial
- Figura 12: Complexo Deodoro
- Figura 13: Itinerário simbólico do Passeio Serenata
- Figura 14: Músicos durante o Passeio
- Figura 15: Guia de turismo e atores
- Figura 16: Largo do Carmo com Sarau Histórico
- Figura 17: Atores na programação do Sarau Histórico
- Figura 18: Programação do Arte na Praça realizada em frente à Igreja da Sé
- Figura 19: Programação do Arte na Praça realizada na Praça do Pantheon
- Figura 20: Praça Benedito Leite, 1908
- Figura 21: Praça Benedito Leite, 2020
- Figura 22: Mapa de localização da Praça Benedito Leite
- Figura 23: Mapa da disposição dos empreendimentos antes da pandemia
- Figura 24: Mapa da disposição dos empreendimentos durante a pandemia
- Figura 25: Entrada principal da Feirinha São Luís
- Figura 26: Espaço artesanato
- Figura 27: Espaço gastronômico
- Figura 28: Espaço agroecológico
- Figura 29: Palco na rua lateral à Praça Benedito Leite
- Figura 30: Palco na Praça Benedito Leite
- Figura 31: Entorno da Praça em dia de Feirinha São Luís

## SUMÁRIO

<b>DOMINGO É DIA DE FEIRA, QUEM QUISER PODE CHEGAR.....</b>	<b>13</b>
<b>1. TURISMO E GEOGRAFIA: TEORIA, EMPIRIA, TEMAS E METODOLOGIAS</b> .....	<b>17</b>
1.1. Da teoria às metodologias.....	17
1.2. Turismo e estudos geográficos.....	24
1.3. Abordagem cultural em geografia e paisagem.....	28
1.4. Paisagem e patrimônio cultural.....	33
1.5. Centros históricos e feiras: paisagens patrimoniais e turísticas.....	39
<b>2. SÃO LUÍS (MA): CENTRO HISTÓRICO, PATRIMÔNIO E FEIRINHA.....</b>	<b>47</b>
2.1. São Luís (MA): cidade com Centro Histórico.....	47
2.2. Centro Histórico de São Luís e turismo: paisagem e patrimônio cultural.....	53
2.3 Programa Reviva Centro e requalificação de paisagens.....	60
2.4. Feirinha São Luís: espelho simbólico e encontro festivo.....	66
<b>3. (RE)VIVER EM FESTA E ENTRE PAISAGENS PATRIMONIAIS E</b> <b>TURÍSTICAS: A FEIRINHA EM TERMOS POLIVOCALIS.....</b>	<b>77</b>
3.1. Fazendo a feira: experiências, percepções e paisagens: uma Feirinha para cada um.....	77
3.1.1. Coordenação da Feirinha: “a gente lida com vidas, vender é uma consequência” .....	79
3.1.2. Comerciantes: “vamos, hoje é dia” .....	82
3.1.3. Ludovicenses: “representa a alma da cidade” .....	86
3.1.4. Turistas: “isso aqui é encantador” .....	90
<b>FIM DE FEIRA: INTERPRETAR O APURADO DA FESTA.....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>108</b>
Apêndice 1 – Roteiro de Entrevista - Coordenação da Feirinha São Luís.....	109
Apêndice 2 – Roteiro de Entrevista - Feirantes.....	110
Apêndice 3 – Roteiro de Entrevista - Ludovicenses.....	111
Apêndice 4 – Roteiro de Entrevista - Turistas.....	112

## DOMINGO É DIA DE FEIRA, QUEM QUISER PODE CHEGAR

*É dia de feira  
quarta-feira, sexta-feira  
não importa a feira  
é dia de feira, quem quiser pode chegar*

[O Rappa, Cd. *O Rappa Mundi*, 1996].

Não é na quarta-feira e nem na sexta-feira, no domingo é o dia que acontece a Feirinha São Luís, e é verdade quem quiser pode chegar. Com a epígrafe acima, em referência a música *A Feira*, da banda carioca *O Rappa*, iniciamos as discussões da presente Dissertação, estabelecendo uma espécie de convite para refletirmos acerca da Feirinha, que muito nos importa em sua dinâmica espaço-temporal.

Dominicalmente, em meio às paisagens patrimoniais e turísticas do Centro Histórico de São Luís, capital do Estado do Maranhão, na Praça Benedito Leite, erguem-se estruturas que formam palco, tendas, barracas, *stands*, *food trucks*, bem como outros arranjos, reunindo produtos agroecológicos, exposições diversas, onde se comercializa artesanato, livros de literatura e poesia, gastronomia, e despontam artistas locais e manifestações culturais, como o Bumba-Meu-Boi, o Tambor de Crioula e o Reggae, estes últimos considerados patrimônios culturais imateriais. Falamos, pois, da Feirinha São Luís.

Parte do Programa Reviva Centro, uma iniciativa política pública municipal de lazer e de forte conotação turística que objetiva requalificar áreas do Centro Histórico, a Feirinha São Luís é organizada pela Secretaria Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento (SEMAPA). Trata-se de uma feira que promove atividades de cunho econômico, social e cultural, denotando materialidades e simbolismos resultantes de vivências plurais. Ali habita diferentes modos de pensar e agir que nos faz enxergar uma paisagem polivocal.

Interessa-nos, em especial, a dimensão festiva da Feirinha, e a temos como uma “feira-festa” que incide forte apelo comunicativo e identidade cultural, dotando de novos significados o Centro Histórico de São Luís, espaço no qual a Feirinha é estrategicamente instalada, reconhecido em nível local, nacional e mundial pelas suas paisagens patrimoniais.

Desde logo, esclarecemos que para nos achegarmos à Feirinha nos embasaremos em teorias provindas dos campos do conhecimento turismo e geografia. Ao adotar uma abordagem cultural, as reflexões serão direcionadas pelo conceito de paisagem, tão caro ao turismo e à

geografia. Notadamente, paisagem diz respeito a uma noção-chave da qual lançaremos mão incessantemente aqui.

Sensível à potência da paisagem, para Cosgrove (2012), a paisagem sempre esteve intimamente relacionada com a cultura, com a ideia de formas visíveis sobre a superfície da Terra e com sua composição. Já para Corrêa (2011, p.10), “a paisagem, contudo, não é apenas forma material resultante da ação humana transformando a natureza, é também forma simbólica impregnada de valores”. Assim, entendemos que a paisagem da Feirinha São Luís é investida de significados por aqueles que a compõem e experienciam.

*Ler a paisagem* nos remete antes mesmo a institucionalização da geografia como ciência. Polissêmica e de uso plural, a noção de paisagem foi bastante utilizada na sistematização desta ciência, sendo posteriormente negligenciada por muito tempo. Dentre tantos desdobramentos, a geografia cultural valoriza a ideia de paisagem em seus estudos, e a partir dos anos 1970 este movimento foi mais flagrante. Daí a paisagem passa a ser analisada como imagem cultural (COSGROVE, JACKSON, 2014), marca-matriz (BERQUE, 2012), sistema de criação de signos (DUNCAN, 2004) e forma simbólica espacial (CORRÊA, 2011).

De tal modo, tendo como aporte a renovada geografia cultural, é possível problematizar questões simbólicas materiais e imateriais às temáticas geográficas, sendo viável o diálogo com outras áreas do conhecimento humano e social, como no caso do turismo. Sob esse enfoque, importante salientar que as pesquisas em turismo abordam constantemente a valorização e preservação das paisagens (PANOSSO NETTO, 2005; SANTOS; HARDT; HARDT, 2016). Não raro encontram-se estudos que tratam das paisagens patrimoniais como atratividade turística.

Nesta arena de discussão científica, depreende-se que a requalificação das paisagens patrimoniais dos centros históricos em decorrência da valorização turística é tendência mundial, devendo ser estudada de modo multidisciplinar (PAES; OLIVEIRA, 2010). Evidencia-se que as áreas centrais dessas cidades são alvo de ações urbanas diversas, cujas intenções recaem sobre a preservação do patrimônio (i)material com fins econômicos (DIAS, 2006).

Dentre as estratégias, a implementação de feiras em áreas históricas pode ser considerada uma ação turística relevante, tendo em vista o potencial das mesmas em meio à valorização dos aspectos culturais do lugar. Falamos, pois, da diversidade de produtos, pessoas, elementos históricos e sociais que fazem parte da paisagem da feira, e que devido as suas peculiaridades têm grande potencial para atrair turistas (SILVA; SANTOS; ARAGÃO, 2020). Sendo assim, no contexto da área e tema que estudamos, partimos do pressuposto que a relação

entre políticas urbanas preservacionistas, práticas do turismo e jogo identitário pode contribuir para fazer “reviver” paisagens patrimoniais.

A estes termos, segue a problemática central da pesquisa em tela: em meio às políticas de requalificação urbana proporcionadas pelo Programa Reviva Centro, como se estruturam e são vividos os patamares de significados da Feirinha São Luís, enquanto festa, entre paisagens patrimoniais e turísticas, no sentido de contribuir para fazer “reviver” o Centro Histórico de São Luís? Como desdobramento deste primeiro questionamento, a investigação tem em vista outro notável questionamento, qual seja: a Feirinha São Luís vem se configurando como paisagem patrimonial (i)material turística?

Como nos ensinara Hissa (2017), diríamos que os objetivos da pesquisa têm a ver com a interpretação das problemáticas postas acima. Desse modo, interpretar a dimensão festiva da Feirinha São Luís no que concerne à sua capacidade de fazer “reviver” a paisagem patrimonial e turística do Centro Histórico de São Luís-MA é o objetivo geral desse estudo. Constituem os objetivos específicos: refletir sobre questões geográficas e turísticas no tocante às políticas preservacionistas da paisagem patrimonial do Centro Histórico de São Luís; compreender o Programa Reviva Centro e, deste, mais especificamente, a Feirinha São Luís enquanto representação espacial de valorização cultural do Centro Histórico; interpretar as percepções e as experiências dos agentes espaciais no/do espaço-tempo festivo, a saber: coordenação da Feirinha São Luís, comerciantes, ludovicenses e turistas.

Destarte, justifica-se essa pesquisa sob a égide de tornar inteligíveis os efeitos turísticos e geográficos das políticas de patrimonialização que concorrem para os constantes processos de ressignificação das paisagens de centro históricos, como no caso do Centro Histórico de São Luís. Se assim conseguirmos, esperamos colaborar com a gestão das paisagens e da Feira em tela, espaços tão significativos para ludovicenses, turistas, bem como para as pretensões governamentais e dos trabalhadores que ali exercem as suas funções sociais. Ao seguir tais direcionamentos, o corpo textual que agora introduzimos está estruturado em três capítulos. Segue uma apresentação temática sobre cada um deles.

O capítulo inicial empreende uma discussão sobre as nossas escolhas temáticas, teóricas e metodológicas no tocante a um estudo com interface entre turismo e a geografia, perpassando pelas noções de abordagem cultural, paisagem cultural e turística, patrimônio histórico-cultural, centro histórico e feira.

Chegando à cidade de São Luís, no seu Centro Histórico, de paisagens patrimoniais e turísticas, o segundo capítulo reserva-se a dissertar sobre esta riqueza espacial e tem como foco

especial a Feirinha São Luís. Relacionada ao Programa Reviva Centro, a Feirinha ocorre desde 2017 aos domingos na Praça Benedito Leite e contribui, decisivamente, para o aquecimento da imagem cultural da cidade, não por acaso sendo compreendida como espelho simbólico e local de encontro festivo.

Por fim, o último capítulo, seguindo indicações do método fenomenológico, com posturas de cunho qualitativo, reúne as nossas interpretações acerca da dimensão festiva da Feirinha, situada no “coração” do Centro Histórico, rodeada, portanto, de paisagens patrimoniais e turísticas, e que é composta por experiências e percepções múltiplas, das quais condensamos reflexões referentes ao que escutamos da coordenação da Feirinha, de comerciantes, ludovicenses e turistas.

# 1. TURISMO E GEOGRAFIA: TEORIA, EMPÍRIA, TEMAS E METODOLOGIAS

## 1.1. Da teoria às metodologias

Inicialmente, ratificamos que este estudo é conduzido na tentativa de aproximar as áreas turismo e geografia, partindo de uma abordagem cultural. A paisagem enquanto tema de interesse dessas áreas, cada uma, a seu modo, aparece como eixo central das reflexões, principalmente quando nos referimos às paisagens patrimoniais e aos processos de patrimonialização das mesmas, aos programas de requalificação paisagística e as suas relações com o turismo nos centros históricos de cidades brasileiras.

Os centros históricos dispõem de valor social, cultural, arquitetônico e turístico, e têm passado por processos de ressignificação por meio de suas paisagens em decorrência de políticas públicas de preservação. Aqui, lançamos luz sobre o que acontece no Centro Histórico de São Luís, destacando o Programa Reviva Centro, e mais especificamente a Feirinha São Luís, que nesta altura já se sabe, diz respeito ao campo empírico dessa pesquisa.

Colamos em questão agora, antes de prosseguirmos com outras reflexões, como se definiu a Feirinha São Luís como objeto de estudo. Assim, de certo, torna-se relevante recorrer ao percurso acadêmico trilhado, pois este revela as chaves para tal compreensão, algo que só nos demos conta depois de muito pensar a respeito.

Primeiramente, afirmamos que o exercício da construção teórica do objeto de estudo está atrelado à formação de Turismóloga e tem muito a ver com as experiências advindas enquanto bolsista de iniciação científica durante a graduação em Turismo na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), finalizada em 2017.

Com efeito, a participação no Núcleo de Pesquisa em Turismo (NPDTUR) e no Grupo de Pesquisa em Turismo, Cidades e Patrimônio, à época, ambos coordenados pelo Prof. Dr. Saulo Ribeiro dos Santos, e, também, a atuação no projeto de extensão Espaço Integrado do Turismo (ESINT), coordenado pelas professoras Dr.<sup>a</sup> Kláutenys Cutrim e Dr.<sup>a</sup> Conceição Belfort, foram fundamentais para instigar o interesse por paisagens patrimoniais e turísticas, principalmente quando se reporta ao Centro Histórico de São Luís.

Nessa trajetória, vinculado ao projeto intitulado “Paisagem preservada: intervenções turísticas em áreas históricas de São Luís (MA)”, realizamos um estudo sobre a Feira da Praia Grande sob a orientação do Prof. Dr. Saulo Ribeiro dos Santos, o que integrou um conjunto de pesquisas realizadas em parceria com o Grupo de Pesquisa sobre Planejamento e Projeto em

Espaços Urbanos e Regionais do Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana (PPGTU), da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

A realização do estudo sobre a Feira da Praia Grande, situada no Centro Histórico de São Luís, surgiu de indagações acerca das políticas preservacionistas e das alterações na paisagem em relação à atividade turística. Resultado disso vingou o nosso trabalho de conclusão de curso, apresentado em 2017. Sob o prisma de analisar a paisagem, aplicamos questionários com os feirantes, moradores e turistas.

Por conseguinte, no que tange ao estudo das paisagens patrimoniais, finalizado o estudo citado acima, algumas questões tornaram-se ainda mais prementes em nossos horizontes, o que levava a pensar na ampliação do estudo para outra área emblemática do Centro Histórico, o que veio a acontecer com a escolha da Rua do Giz. Desse modo, a inserção no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço sucedeu-se com o pré-projeto intitulado “Intervenções urbanas na paisagem induzidas pelo turismo: o caso da Rua do Giz no Centro Histórico de São Luís”.

Pelo caráter do projeto superacitado, buscava-se analisar as qualificações paisagísticas da Rua do Giz, todavia, mediante fatores imprescindíveis ao nosso modo de pensar, refizemos a ideia da pesquisa, e com esta se seguiria. Esses fatores referem-se às atividades no Mestrado de Geografia, como disciplinas cursadas e a orientação, responsáveis diretas pelo deslocamento de algumas das nossas compreensões e intenções de pesquisa.

No desenrolar do processo, pensamos primeiramente em pesquisar o Projeto Reviver – intervenção preservacionista no patrimônio material do Centro Histórico de São Luís – e, depois, acrescentamos à intenção de estudo o Programa Reviva Centro – uma política pública municipal de requalificação urbana que se faz de eventos culturais. Entretanto, após o V Seminário do PPGEU/UEMA, onde os mestrados apresentaram os seus projetos de pesquisa, entendemos por bem permanecer tão somente com o Programa Reviva Centro, e com foco na Feirinha São Luís, este que é um espaço festivo que sempre nos chamou atenção, e que não se podia imaginar que se tornaria campo empírico da pesquisa de mestrado por ora lida. Um desafio.

Como diz Hissa (2017), em ciências humanas, os riscos também fazem parte da pesquisa, uma vez que “pesquisar é fazer o que não se sabe”, em vista disso, aprende-se fazendo a pesquisa. Chegamos então desafiados e com muita vontade de aprender, e apreender, a Feirinha São Luís.

Notadamente, a composição do título da pesquisa – “Domingo é dia de Feirinha São Luís: (re)viver em festa e entre paisagens patrimoniais e turísticas” – evidencia os principais eixos temáticos empregados neste desafio. Abaixo, o esboço reduzido da investigação (Figura 1) é um indicativo visual que contribui com a compreensão geral da mesma.

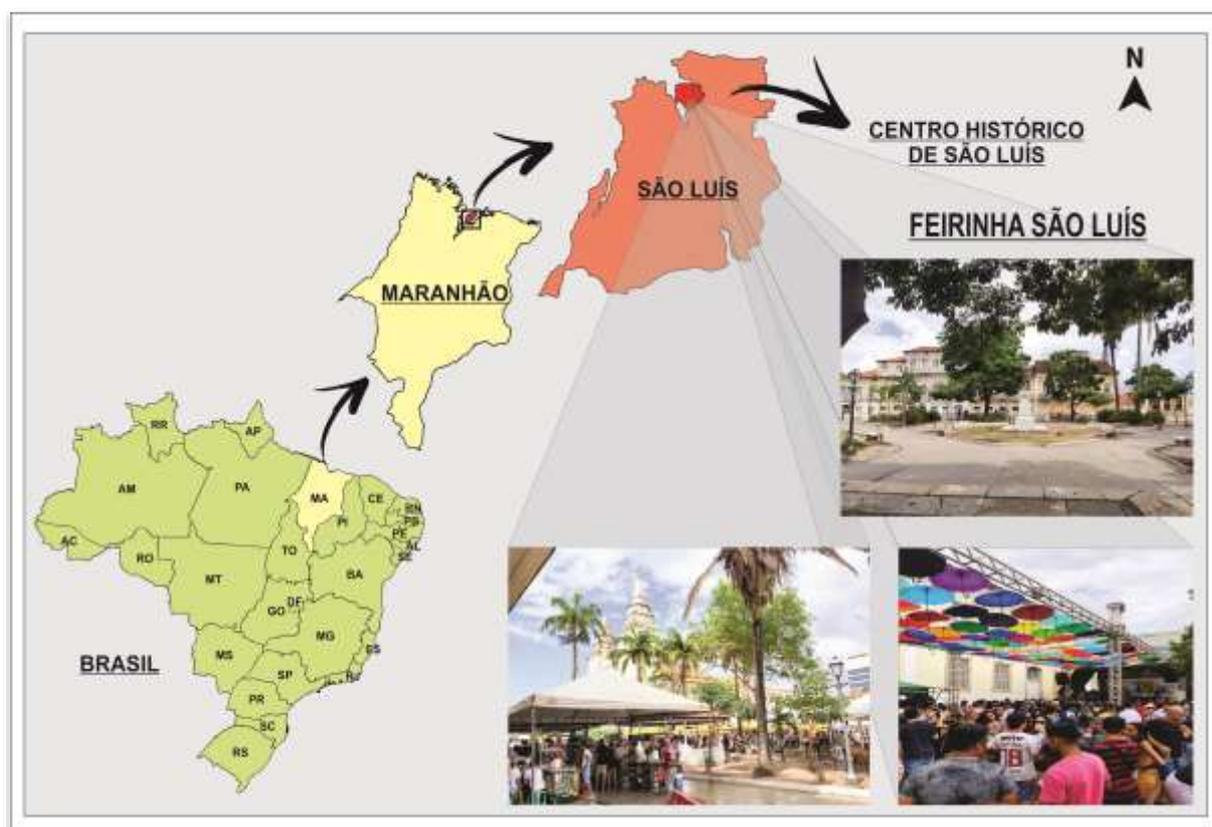
**Figura 1:** Esboço reduzido da investigação



Fonte: Elaboração própria.

Em esclarecimento: para além do estudo das formas e dos processos sociais em si, para que a decodificação do espaço se torne ainda mais inteligível, trabalharemos com a noção de “significados espaciais”, matéria simbólica (re)construída por diversos agentes, o que faz do mundo um espaço plural (CORRÊA, 2009). Nesse sentido, nos aportaremos nas percepções e experiências espaciais dos agentes que compõem tal quadro paisagístico. Efetivamente, a área espacial do estudo conjuga, a partir do Maranhão, três instâncias principais: a cidade de São Luís, o Centro Histórico e a Feirinha São Luís (Figura 2).

**Figura 2:** Área representativa de estudo



Fonte: A autoria própria, 2020. Digitalização de Vanderson Rodrigues, 2020.

Ademais, reconhecendo o início das atividades da Feirinha São Luís – julho de 2017 –, demarcamos como temporalidade inicial e referencial de estudo esse período, cuja ideia de pesquisa ganha expressão com observações preliminares na Feirinha. Assim, interessam os significados sobre a Feirinha a partir daí.

E agora trataremos do método predominante empreendido na pesquisa, e o fazemos sabendo que o trabalho científico caminha para a produção do conhecimento e de possíveis compreensões a respeito dos fenômenos estudados. Também sabemos que o método utilizado na pesquisa diz muito da pessoa (cientista) que a produz, bem como reverbera sobre seu resultado, pois, “o método diz respeito às concepções amplas de interpretação do mundo, de objetos e de seres, referentes às posturas filosófica, lógica, ideológica e política que fundamentam a ciência” (HISSA, 2002, p.159).

Assim sendo, diante da complexidade de tantos elementos que compõem a paisagem dos centros históricos e das feiras, e que podem ser problematizados a partir da interpretação das relações que engendram em nível sociocultural, este estudo se estrutura, sobretudo, pelos direcionamentos e predominância do método fenomenológico. Com isso, buscaremos gerar

interpretações de mundo (LOWENTHAL, 1982), de cidade, de centro, de feira, movimento que se construirá por meio da problematização das expressões dos distintos agentes espaciais encontrados.

Nestes termos, cremos na ideia de que, segundo Besse (2006, p.78) “o ponto de vista fenomenológico, em geografia, permitiu abrir novos campos de pesquisa, suscitando o interesse pelas percepções, representações, atitudes diante do espaço”. Objetiva-se, de tal modo, mesmo em campo, interpretar os olhares, carregados de experiência, das pessoas em suas funções sociais (MEINIG, 2003; CLAVAL, 2012).

O turismo pode ser compreendido como um desses significados-funções. Refletindo sobre fenomenologia, Panosso Netto (2005) nos faz pensar que o uso desse método pode trazer novas possibilidades para o estudo do Turismo, pois visa compreender as percepções e experiências dos turistas e as trocas culturais que os mesmos realizam com as paisagens e lugares visitados.

Optando por tais concepções, esse estudo tem uma abordagem essencialmente qualitativa. Com efeito, faz-se necessário estruturar caminhos metodológicos coerentes. De pronto, dizemos que os procedimentos metodológicos adotados são inscritos na tentativa de facilitar a compreensão da complexa realidade em estudo e funcionam como meios utilizados para se alcançar os objetivos postos. Para termos um exame mais apurado da pesquisa, não se pode considerá-los separados. Abaixo seguem elucidações dos caminhos mencionados, sublinhamos tais procedimentos em três momentos principais:

a) Levantamento, leitura, reflexão bibliográfica e documental:

A fim de alcançar uma sólida base teórica sobre as áreas do turismo e geografia, bem como acerca da abordagem cultural e sobre a área espacial em estudo, a primeira etapa da pesquisa constituiu-se de um orientado levantamento bibliográfico e documental, leitura e reflexão intelectual. Neste âmbito, realizamos uma sucessão de fichamentos a partir de artigos científicos, livros, dissertações e teses.

A pesquisa documental recorreu a documentos internacionais (exemplo: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), federais (exemplo: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), estaduais (exemplo: Secretaria de Estado de Turismo do Maranhão e o Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Maranhão) e municipais (exemplo: Secretaria Municipal de Turismo e Secretaria Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento), dentre outros documentos obtidos por meio de *sites*

oficiais e indo nos órgãos públicos. Estes últimos são concernentes à cidade São Luís, ao seu Centro Histórico e ao Programa Reviva Centro.

b) Trabalho de campo:

Fundamental a um estudo de caráter empírico, o trabalho de campo é apontado como outra etapa desta pesquisa. Uma das tradições do conhecimento geográfico, enxergamos nesta metodologia uma espécie de “experimentação intencional de mundos”, como apregoa Hissa (2017). Por assim dizer, experimentamos intencionalmente os mundos do Centro Histórico de São Luís, em atividades do Programa Reviva Centro e, principalmente, aos domingos, no espaço-tempo festivo da Feirinha São Luís.

Intuídos da ideia de observação, ambientação e reconhecimento constante da Feirinha, essa experimentação oportunizou ver e sentir o comportamento espacial daqueles agentes e permitiu percebermos a referida manifestação cultural ouvindo e sendo tocados por algumas falas, ora amplificadas pelo palco da feira-festa, ora entrescutadas em conversas informais, ora só alcançadas mediante uma atenção singular aos ruídos de tal cena urbana.

Como parte do trabalho de campo, associado ao método predominante da pesquisa, para além de tudo apontado acima, utilizamos também do recurso da entrevista. Para Hissa (2017, p.131-132) as “entrevistas deveriam ser compreendidas como diálogos feitos com sujeitos do mundo”, ou seja, fazer com o outro através da interlocução entre o sujeito do conhecimento e o sujeito do mundo, estabelecendo conversas criativas com vozes compartilhadas, em que os sujeitos do mundo não serão “objetos passivos, mas participantes ativos da pesquisa”.

Nesse sentido, como pode ser notado pelos apêndices, construímos um roteiro de entrevista para cada um dos grupos de agentes espaciais que interessaram à pesquisa, compreendendo a entrevista como interatividade entre entrevistador e entrevistado, como que numa “co-construção de significados” (QUEIROZ, 1988). No roteiro, partindo de uma abordagem cultural e interessados nas percepções e experiências, não nos predemos ao levantamento do perfil socioeconômico dos entrevistados. Assim, as entrevistas foram realizadas com alguns agentes espaciais que compunham o quadro paisagístico, patrimonial e turístico da Feirinha, sendo eles: a coordenadora da Feirinha São Luís, 9 comerciantes, 13 ludovicenses e 8 turistas.

Em setembro de 2019 realizamos uma primeira atividade de campo para (re)conhecimento do objeto de pesquisa, a fim de estabelecer os primeiros contatos com os agentes espaciais, bem como para registrar fotograficamente e sentir, agora como

pesquisadores, o espaço da Feirinha São Luís. Em novembro de 2019 retornamos ao campo, mas agora para realizar entrevista com a coordenadora da Feirinha São Luís, a Jovita Arruda.

A realização das entrevistas com os outros agentes espaciais, estava prevista para abril, maio e junho de 2020, todavia, mediante o cenário pandêmico vivido, provocado pelo vírus Sars-Cov2/Novo corona vírus, assim como o mundo, São Luís teve suas atividades paralisadas, afetando, de tal modo, a Feirinha São Luís, impossibilitando, de certo, as nossas investidas de campo. As mesmas, só vieram a ocorrer entre os meses de outubro de 2020 a fevereiro de 2021, quando, mesmo arrefecida, ocorreu a reabertura da Feirinha.

A aproximação com os agentes espaciais para realização das entrevistas foi por acessibilidade, ou seja, em situações em que o pesquisador seleciona os sujeitos aos quais tem acesso, admitindo que são representativos no universo delimitado. Assim, os critérios de seleção foram: a coordenação da Feirinha – sujeito do poder público que tem conhecimento sobre o surgimento, planejamento, logística entre outras questões sobre a Feirinha – os comerciantes – aqueles que trabalham na Feirinha no mínimo um ano e em decorrência das performances orais e corporais chamavam atenção – os ludovicenses – os que nasceram e residem na cidade, isto é, possuem uma interação com a realidade local – os turistas – aqueles que permaneceram, no mínimo, dois dias na cidade, estes foram identificados através das falas e sotaques, bem como por meio da observação da movimentação na Central de Atendimento ao Turista (CAT).

É certo que neste tempo pandêmico as pesquisas em ciências humanas estão sofrendo fortes readequações. Assim, com a suspensão das atividades da Feirinha, antes do seu retorno, não perdendo de vista o cronograma de trabalho, aproveitamos para aprofundar teoricamente a pesquisa e, mesmo do gabinete, seguimos, concomitantemente, acessando as redes sociais digitais da Feirinha São Luís (plataformas *Instagram* e *Facebook*) no intuito de acompanhar o fluxo de postagens compartilhadas. Embora este conteúdo não seja problematizado neste trabalho, salientamos aqui que, geralmente, essas mensagens davam conta da falta que a Feirinha fazia para as pessoas. “Saudade da festa e do encontro com os amigos na Feirinha” era a sensação predominante.

#### c) Confecção de material iconográfico e redação da dissertação:

Já no que chamamos de terceira etapa metodológica da pesquisa, nos reportamos à confecção de material iconográfico e redação da dissertação. Diz respeito à aquisição e produção de imagens que auxiliam na leitura e compreensão do texto integral. Refere-se ao

tratamento de mapas, figuras e fotografias utilizadas quanto à representação da área estudada, o que tem a ver com a visualização e compreensão imagética-espacial do corpo dissertativo.

Notadamente, a utilização de elementos iconográficos tem a intenção de aprofundar a compreensão acerca da Feirinha São Luís e a festa na qual ela se traduz. Além do mais, sabendo do quão delicado seja, pretendemos apreender a topofilia dos agentes espaciais, dando curso a um uso de imagens que busca valorizar as percepções e experiências – incluindo as de quem empreende a feitura da pesquisa – no tocante às paisagens patrimoniais e turísticas do Centro Histórico de São Luís.

## 1.2. Turismo e estudos geográficos

O campo de investigação turismo tem uma natureza complexa. Por muito tempo, as pesquisas nessa área eram dominadas por estudos descritivos, de caráter estatístico e direcionados a responder ao mercado. O fenômeno turístico era examinado, predominantemente, a partir de uma posição quantitativa e por uma abordagem positivista, o que, de acordo com Jiménes e Nechar (2015), levava a omissão significativa das questões socioculturais. Este quadro limitava, e muito, as pesquisas do ponto de vista teórico e metodológico.

Nesse aspecto, a complexidade das várias dimensões desse fenômeno é explanada por diversos pesquisadores, o que propicia profusos entendimentos sobre o campo de estudos em questão. No que compete a esta pesquisa, o turismo compreende um fenômeno social de dimensão espacial e cultural.

A problemática é que o Turismo, muito mais que uma indústria de serviços, é fenômeno com base cultural, herança histórica, meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório que esta dinâmica sociocultural gera, parte de um fenômeno recheado de objetividade-subjetividade (MOESCH, 2008, p.17).

Para Moesch, o comportamento mercadológico reduz o turismo a uma atividade de cunho econômico e desconsidera suas outras interfaces, principalmente a sua potencialidade intercultural. Aqui, não pretendemos negar os benefícios econômicos provenientes do turismo, e sim deixar claro a nossa posição de análise. Lembramos que antes da dimensão econômica, o turismo “surge em uma história da sociedade humana enquanto prática social” (MOESCH, 2002, p.30).

Atualmente, o turismo configura-se como campo de investigação de um vasto número de conferências e publicações especializadas, apoiadas nas mais diversas áreas do conhecimento, tais como a economia, sociologia, antropologia, psicologia e geografia

(BECKER, 2014). Com efeito, ampliaram-se as concepções e definições sobre o turismo, o que significa avanços nas pesquisas científicas e melhoria na compreensão sobre o fenômeno (GONZÁLEZ; MENDOZA, 2014).

Em meio à diversidade teórica e metodológica, é possível discernir algumas tendências de estudo sobre o turismo, a exemplo das abordagens economicistas, com compromisso centrado no setor empresarial, e das abordagens sistêmicas, que dão ênfase ao caráter holístico do fenômeno. Todavia, pensar o turismo tão somente como um negócio sistemático, com estudos focados na oferta e na demanda do mercado, pode levar à negligência de uma dimensão mais humana desse fenômeno, o que envolve, certamente, a natureza simbólica das paisagens e as experiências perceptivas das pessoas. Acerca desta pauta, De La Torre (1997, p.19), coloca que:

Quanto ao sujeito designado como turista, [...] aceita-se como tal quem pratica o turismo, o que faz com que essa atividade alcance uma projeção eminentemente humana, acima das consequências econômicas e comerciais, de modo que antes de tudo deve ser pensado como um meio adequado e eficaz para buscar compreensão e amizade entre homens e entre os povos.<sup>1</sup>

Alicerçado às essas reflexões, pode-se ter o turismo como um fenômeno sociocultural que pressupõe deslocamento dos sujeitos por motivos diversos, fazendo com que se alcancem experiências entre tempos e espaços produzidos de modo objetivo e impregnados de estímulos subjetivos (MOESCH, 2008). A partir de tal ótica, o turismo exerce um papel socializador, pois permite interações entre culturas. Também nesta linha, Dias (2008, p.30), acrescenta, o turismo:

Permite o encontro entre pessoas de diferentes culturas; favorece a sociabilidade das pessoas que se encontram nas viagens numa condição psicológica altamente favorável a novos contatos sociais; contribui para o entendimento entre populações de diferentes regiões num mesmo país; incentiva a adoção de novos valores que, gradativamente, vão tornando-se universais; diminui as distâncias étnicas, permitindo maior conhecimento dos outros e de seus costumes.

Essencialmente, o turismo representa uma experiência geográfica que enceta relação direta entre o homem e meio. É, também, um indutor da organização espacial, em outras palavras, gera novas ordens aos lugares, paisagens e territórios, ressignificando o espaço geográfico. Não é demais lembrar que conceitos como espaço, natureza, sociedade, lugar, paisagem, território e região, entre outros, são intrínsecos ao conhecimento geográfico, mas que também são utilizados nos estudos engendrados pelos turismólogos.

---

<sup>1</sup> Tradução nossa, texto original em espanhol.

Cabe, portanto, que façamos a seguinte interpretação: a busca pelo conhecimento de novos espaços e paisagens é indicado como um dos relevantes elos entre turismo e geografia. De acordo com Assis (2003, p.108):

As primeiras relações da Geografia com o Turismo se respaldam nas práticas das viagens e no interesse pelo conhecimento de novos lugares. As viagens são práticas geográficas clássicas que estão no cerne dos estudos das diferenças espaciais existentes na superfície terrestre. Os precursores dessa proto-geografia são os viajantes que, através dos seus relatos e compêndios de curiosidades sobre lugares exóticos, instigaram os Estados a incentivarem as expedições científicas para a catalogação sistemática de dados e informações sobre os continentes e os países descobertos.

A estes termos, segundo Castro (2006), as primeiras abordagens geográficas sobre o turismo datam do século XIX, com as análises do geógrafo Kohl (1841). Essas foram análises que se detiveram sobre a transformação do espaço provocada pelo deslocamento dos turistas. Somente em meados do século XX os estudos se intensificaram com teorias que propunham pensar o “espaço turístico” (RODRIGUES, 1996), pesando a questão econômica.

Atribui-se ao período entre 1960 e 1980 a construção de diversos modelos de análise de dados para explicar a relação entre origem e destino turístico. Conforme Pearce (2003), os padrões de distribuição espacial da oferta e da demanda, os fluxos turísticos e os impactos ambientais do turismo, entre outros, foram os componentes mais importantes na análise geográfica do turismo.

A diversidade de entendimentos e discussões dispensadas pelos geógrafos na compreensão do turismo foi impulsionada de acordo com a evolução do campo teórico-metodológico chamado geografia do turismo. Na perspectiva deste campo, emergiu uma leitura geográfica crítica, preocupada em explicar, principalmente, a produção e reprodução social do espaço geográfico pela prática turística.

Concepções sobre a relação da (re)produção socioespacial pelo turismo estão presentes nas análises de Knafou (1996), Sanchez (1991), Rodrigues (1996), Cruz (2003), Coriolano e Silva (2005), entre outros. Esses estudos são embasados por uma abordagem histórica, crítica e dialética, que utilizam das noções de forma, função, estrutura e processo, enquanto categorias indissociáveis na análise do espaço geográfico (SANTOS, 1985).

Em síntese, nessas discussões, o turismo se configura materialmente, (re)criando formas espaciais, e a “Geografia não pode furtar-se da análise e interpretação dessas formas, buscando compreender sua estruturação e os processos que as engendraram” (RODRIGUES, 1996, p. 9). Os autores definem o espaço turístico fundamentado na compreensão do espaço geográfico, relacionando a forma com a materialidade do ambiente, a função relacionada com os segmentos

do turismo, a estrutura com a infraestrutura turística e o processo com contextualização da história, da política e da sociedade. Nesse sentido, o “espaço turístico” a “base” do turismo (LYNCH 1997; BOULLÓN, 2002).

Retornando à nossa abordagem, a qual diz do turismo enquanto fenômeno social, de dimensões culturais e simbólicas, elucidamos que a nossa compreensão de espaço geográfico, podendo aqui ser lido como espaço turístico, é acrescentado da noção de significado (GEERTZ, 2008). Corrêa (2009, p.4), por sua vez, ao incorporar as ideias de Santos (1985) assinala que:

Estrutura, processo, função e forma, ou resumidamente processo e forma, são as categorias do método geográfico ou da análise do espaço [...] para que o espaço, este reflexo meio e condição social, se torne plenamente inteligível, é necessário introduzir os significados construídos e reconstruídos a seu respeito pelos diversos grupos sociais [...] Processos e formas estão impregnados de significados, podendo se falar em formas simbólicas ou símbolos.

De tal modo, pensando nos espaços turísticos, se torna necessário considerar a constituição dos patamares de significados de suas paisagens, e como isso é constantemente feito pelos diversos agentes espaciais. Embora a materialidade dos lugares turísticos seja relevante neste tipo de estudo, as relações sociais, culturais e simbólicas merecem ser estendidas, gerando uma maior inteligibilidade sobre o espaço (CORRÊA, 2009).

Por tais vias, compreendemos que a prática e o fazer turístico devem fazer jus a um planejamento qualitativo e envolvimento social, condizentes com um modelo sustentável de educação geográfica ampla (OLIVEIRA, 2008). O autor entende que só a partir desses fatores poderemos ter um modelo mais democrático no desenvolvimento da atividade turística, isto é, de modo que se supere uma gestão cartesiana dos espaços públicos e do turismo como um fenômeno exclusivamente econômico. Na compreensão do turismo à luz da geografia integrada à discussão dos espaços simbólicos, Oliveira (2008, p.38) acrescenta:

Postulamos uma geografia que interpreta o fazer turístico como estratégia comunicativa de desenvolvimento; portanto, seu caráter relacional e educacional pode restringir-se ao conservadorismo das estruturas de poder vigente. Assim como também forjar um espaço de modificação e recomposição dessas mesmas estruturas. Para tanto, torna-se cada vez mais fundamental demonstrar a atividade turística em sua dimensão imaginária original. Isto é, como lugar de motivação, de emissão e de promoção dos deslocamentos. Há que se destacar e explorar a compreensão do turismo como recurso didático de comunicação dos lugares. O que é significativamente diferente de tratar os espaços turísticos na perspectiva ampliada dos resorts ou na oposição com os espaços populares autênticos.

Ao que é possível auferir, o autor supracitado propõe um modelo de turismo mais condizente com o potencial humano e cultural dos espaços de vida. Parece valorizar uma experiência de viagem na qual o turista se dispõe a conhecer lugares e paisagens para além dos rótulos impressos nos guias de turismo, uma viagem que concorre diretamente para o encontro

de pessoas, ampliando as suas visões de mundo (URRY, 2001). A este respeito, Trigo (2010, p.29) complementa que “para ser uma experiência, a viagem precisa superar a banalidade, os aspectos triviais, estereotipados e convencionais e estruturar-se como experiência que nasça da riqueza pessoal do viajante em busca de momentos e lugares que enriqueçam sua história”.

Insistindo nesta maneira de pensar o turismo, agora inserindo a noção de paisagem ao debate, nos façamos das palavras de Yázigi (2002, p.23), para quem

As culturas e o modo como elas criaram paisagens diferentes despertam o desejo do conhecimento, da experiência vivida. As pessoas e coisas [...] sugerem expectativas reais de encontro e trocas [...] estamos, enfim, falando da busca de outro lugar, já que a paisagem (isto é, o tipo de entrada mentalizado pelo turista) nada mais é do que a perspectiva de nos colocarmos numa outra configuração geográfica, cheia de história, costumes e outras coisas que queremos experimentar.

Diante do exposto, este estudo busca tocar em tais experimentações de paisagem, seguindo daí uma ótica cultural, relacionando turismo e geografia como meio possível para interpretar os mundos dos agentes espaciais averiguados. Portanto, na seção que se segue, discorreremos ainda mais sobre a abordagem cultural em geografia, e relacionando à noção de paisagem.

### 1.3. Abordagem cultural em geografia e paisagem

*Para uma minoria – e eu faço parte dela – todos os fatos geográficos  
são de natureza cultural.*

(Paul Claval, 2014).

A posição de Claval, posta na epígrafe acima, refere-se à amplitude da abordagem cultural em geografia. Para o autor, o interesse pela cultura, ao findar do século XIX, ocorreu no mesmo período em que se desdobrava o interesse pela geografia humana. Entretanto, a ciência geográfica estava embasada num conhecimento universal e objetivo, isto é, valorizava em demasia a racionalidade científica (GOMES, 2000). Em decorrência disso, e até por pouco se entender sobre a noção de cultura, os estudos tiveram esta natureza mais racional.

Foi nos Estados Unidos, por meio da Escola de Berkeley, sob liderança de Carl Sauer, com influência da Geografia da Paisagem<sup>2</sup> alemã e também da Antropologia Cultural, surgiu

---

<sup>2</sup> Na Geografia da Paisagem, proposta por Otto Shlüter, preocupou-se com o tratamento de questões culturais através do estudo da paisagem e em analisar os utensílios e técnicas produzidas pelas sociedades a partir da morfologia do espaço (CLAVAL, 2007).

um corpo de reflexões depois conhecido como Geografia Cultural<sup>3</sup> (CORRÊA, 2011). Os estudos de Sauer e dos seus discípulos, calcados no historicismo, eram direcionados às sociedades rurais tradicionais, com o enfoque no impacto da cultura sobre a paisagem e na comparação de fatores que determinavam a formação das áreas culturais (WAGNER; MIKESELL, 2014).

Para Sauer (2014, p.25), “a geografia cultural, implica, portanto, um programa que está integrado com o objetivo geral da geografia, isto é, um entendimento da diferenciação da Terra em áreas”. Assim, em tese, a geografia cultural do início do século XX permaneceu reduzida aos aspectos visíveis da superfície terrestre e ao âmbito material da cultura. Por este viés, a cultura era admitida como uma entidade supraorgânica, um tipo força exterior aos indivíduos, pairando sobre suas cabeças e vontades (CORRÊA; ROSENDAHL, 2014).

Façamos um parêntese para mencionar a “revolução teórica quantitativa” conhecida pela ciência geográfica na década de 1950 e a abordagem crítica, pensamento que ganha voga principalmente a partir de 1950. A primeira se caracterizou pela introdução do positivismo lógico, de técnicas da estatística e análises sistêmicas para explicar a realidade. Essa corrente epistemológica foi amplamente criticada por não considerar as particularidades dos fenômenos. E, por vez, também suprimiu a dimensão cultural de suas análises. Já a segunda, ao criticar incessantemente as correntes anteriores, esteve vinculada ao materialismo histórico e dialético. Com o predomínio de uma base estruturalista do marxismo, os aspectos culturais e simbólicos não ganharam relevância nos trabalhos dos geógrafos radicais, pois, para eles, o econômico explicava tudo em última instância (CLAVAL, 1999).

Só mais recentemente, a partir da década de 1970, com a retomada de referências humanistas, é que a Geografia Cultural conseguiu incidir por um processo de renovação (CORRÊA; ROSENDAHL, 2014). A atenção à subjetividade dos sujeitos, a valorização das “filosofias do espírito” e a apreensão das dimensões culturais das paisagens passaram a compor efetivamente o seu corpo teórico. Encontrou-se apoio na hermenêutica e na fenomenologia para pensar método de pesquisa (CORRÊA, 2011).

É preciso dizer, pois, que a Nova Geografia Cultural não rompe com a denominada Geografia Cultural Tradicional, aquela de perspectiva saueriana. No que pese as críticas para o salto em renovação, sempre se soube que as bases estavam nesta última. Nesse entremeio, um novo exame sobre o conceito de cultura foi cabal. De acordo com Corrêa e Rosendahl (2014, p. 13), nesta conjuntura:

---

<sup>3</sup> Para saber mais, consultar “Introdução à Geografia Cultural” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2014).

O conceito de cultura é redefinido, liberado da visão supraorgânica e do culturalismo, na qual a cultura é vista segundo o senso comum e dotado de poder explicativo. É vacinado também contra a visão estruturalista, na qual a cultura daria parte da “superestrutura”, sendo determinada pela “base”. A cultura é vista como um reflexo, uma mediação e condição social.

Para a Nova Geografia Cultural, a cultura necessita ser explicada, ou seja, não é dotada de auto explicação. Sendo assim, diz respeito a um mundo de significados, visto como expressão simbólica, como comunicação e sinalização de valores produzidos e reproduzidos por meio das relações sociais, ou seja, “não é residual, mas o meio pelo qual a mudança social é experienciada, contestada e constituída” (COSGROVE; JACKSON, 2014, p.136).

Essa concepção mais ampla da cultura não faz com que a Nova Geografia Cultural renuncie ao estudo dos aspectos materiais da cultura, como alguns erroneamente colocam, mas a eles acrescentam referências subjetivas no estudo dos espaços culturais. Alguns autores como Duncan (2004), Berque (2012), Cosgrove e Jackson (2014), entre outros, tornaram-se expoentes da Nova Geografia Cultural com estudos direcionados à paisagem.

Entre os diversos exemplos de representações da paisagem, um dos mais antigos refere-se às pinturas. No mundo ocidental, a ideia de paisagem teve sua origem no Renascimento. Segundo Claval (2012), o termo surgiu nos Países Baixos no século XV como *landskip*, lida como uma representação da natureza enquadrada a partir de uma janela. A pintura enquanto reprodução de um fragmento da natureza já privilegiava uma dimensão subjetiva da paisagem, pois dependia de um “ponto de observação” resultante de uma escolha.

O conceito de paisagem não é restrito à ciência geográfica, porém sempre teve grande importância desde a institucionalização da geografia como disciplina acadêmica. No texto “A paisagem dos geógrafos”, Claval (2012) destaca o interesse e a história da produção dos geógrafos acerca da paisagem.

Os geógrafos se interessaram pelas paisagens desde que sua disciplina foi constituída: é através delas que os viajantes, que se utilizam da geografia, apreendem a natureza das regiões que percorrem [...] Acompanhando Humboldt, os geógrafos alemães conservam o hábito de guarnecer suas descrições objetivas com observações pessoais [...] Nas outras escolas geográficas, a descrição continua mais sóbria (CLAVAL, 2012, p.310).

No âmbito cultural, a abordagem sobre paisagem teve visibilidade inicial com Sauer, nos tempos da Escola de Berkeley e com a sua morfologia da paisagem. Para o Sauer, “a identidade da paisagem é determinada, antes de mais nada, pela visibilidade da forma” (2012, p.190), sendo vista, a partir do trabalho do homem, como “expressão cultural”.

Já na emergência de uma Geografia Cultural renovada, em associação com a Geografia Humanista, apesar de esta última ter se aprofundado mais sobre o conceito de lugar, segundo

Tuan (2005, p.12), a paisagem é uma “entidade física mensurável”, mas também uma “construção da mente”, ou seja, ao mesmo tempo em que o autor relaciona paisagem enquanto resultado das marcas que o homem imprime na natureza, como já dizia Sauer, ele destaca especialmente a questão subjetiva, abrindo, portanto, o leque impreciso das interpretações das paisagens. Desse modo, a paisagem é analisada como valor simbólico e como expressão da mente humana.

Para Corrêa (2011), a partir de reflexão sobre a renovada Geografia Cultural e sobre as obras de Denis Cosgrove<sup>4</sup>, a paisagem cultural não é somente os aspectos materiais, resultado da ação humana modificando a natureza, mas também uma forma simbólica espacial impregnada de valores: “representações da realidade, resultantes do complexo processo pelo qual os significados são produzidos e comunicados entre pessoas de um mesmo grupo cultural” (CORRÊA, 2007, p.7).

Também aludindo questões nas direções sinalizadas acima, segundo Cosgrove (2012), a paisagem é um conceito valioso no toante à geografia efetivamente Humana, e isto porque, na sua visão, esta contribui singularmente para a compreensão do mundo e das sociedades. Em “A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas”, Cosgrove (2012) considera a cultura como poder; um poder que vai além da questão classe social, abrangendo temas como sexo, idade, etnicidade, conhecimento e interação espacial, entre outras frentes que nos instituem como uma sociedade que (con)vive sobre determinados códigos, mais ou menos compreendidos por todos.

Já Berque (2012) concentra seus estudos na associação paisagem e cultura. Esse autor considera a paisagem como sendo ao mesmo tempo, marca e matriz, ou seja, é marca quando expressa o simbolismo de uma cultura/civilização em sua materialidade, e é matriz quando a marca se apresenta como estrutura que possibilita a perpetuação de novos usos e significações. Assim, a paisagem, vista por diversos olhares, apreendida pelas consciências, valorizada por experiências estéticas múltiplas, moral e politicamente, está a todo o momento se refazendo. Pondo em grande relevância a espessura imaterial da paisagem, Berque também vê a paisagem como sentido concreto, pensando-a pela integração complexa entre sujeito e objeto, de modo em que um se confunde no outro, um é o outro (BERQUE, 2012).

Quando a esta linha de pensamento que valoriza a interação interpretativa, os estudos de James Duncan (2004), por sua vez, contribuíram para o entendimento por meio de uma proposição metodológica que utiliza a metáfora do texto, tendo a paisagem como sistema de

---

<sup>4</sup> Para saber mais, consultar “Denis Cosgrove: A Paisagem e as Imagens” (CORRÊA, 2011).

criação de signos<sup>5</sup>. Segundo Duncan (2004, p.106), a paisagem “é um dos elementos centrais num sistema cultural, pois, como um conjunto ordenado de objetos, um texto, age como sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado”.

Nesta perspectiva da intertextualidade, as paisagens carregam múltiplos significados, o que permite diferentes leituras e interpretações. Cosgrove e Jackson (2014), ao tratarem sobre os novos rumos da Geografia Cultural, consideram a paisagem como uma imagem cultural, um meio de representar o que circunda e preenche o ser humano, e acrescentam que a metáfora da paisagem como texto tem se mostrando muito atraente para os geógrafos, o que é visível nos vários estudos sobre a interpretação da paisagem.

Devido seus distintos significados, a paisagem pode ser representada e interpretada por pessoas com interesse e visões de mundo diversas, fazendo valer uma “polivocalidade” reveladora de como a sociedade percebe, idealiza e põe em prática a sua relação com a paisagem (CORRÊA, 2011; BERQUE, 2012). Na empreitada desta visão, Meinig (2003, p.35) aponta em seu artigo dez “versões da mesma cena”, percebendo que a paisagem pode assumir uma multiplicidade de interpretações “composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”.

Percebe-se que concepções sobre paisagem e cultura carregam em si, portanto, a discussão da materialidade e imaterialidade, o que não quer dizer que isso decorra sempre de modo dual. Como já afirmara Cosgrove (2012), regressando o debate para o processo de renovação da Geografia Cultural, o conceito de paisagem, implícita ou explicitamente, sempre esteve intimamente ligado ao conceito de cultura, ao menos na geografia humana. Essas concepções possibilitaram estabelecer, no âmbito científico, novos entendimentos sobre a paisagem, o que favoreceu o desenvolvimento da Nova Geografia Cultural.

Ao reconstruir os conceitos de paisagem e de cultura com novas referências conceituais, os estudos recentes de geografia cultural enfatizam o caráter de construção cultural sofisticada do próprio conceito de paisagem. Segundo eles, o conceito de paisagem é, ele próprio, um modo especial de compor, estruturar e dar significado a um mundo externo, cuja história tem que ser entendida em relação à apropriação material da terra. Assim as qualidades simbólicas da paisagem, que produzem e sustentam seu significado social, tornaram-se objeto de pesquisa, ampliando as fontes disponíveis para a geografia cultural (COSGROVE; JACKSON, 2014, p.137).

Cientes da reconstrução dos conceitos de paisagem e cultura e das qualidades simbólicas da paisagem citadas por Cosgrove e Jackson, no apontamento acima, em resumo, esclarecemos

---

<sup>5</sup> Para saber mais, consultar “A paisagem como sistema de criação de signos” (DUNCAN, 2004).

que aqui nos estendemos somente sobre alguns destes referentes, para os quais a paisagem é compreendida como forma simbólica espacial (CORRÊA, 2007, 2011), marca-matriz (BERQUE, 2012), imagem cultural (COSGROVE; JACKSON, 2014) e sistema de criação de signos (DUNCAN, 2004). De tal modo, é partindo destes referentes que buscaremos pensar paisagem e patrimônio cultural.

A valorização das formas simbólicas que constituem a paisagem cultural é uma tendência mundial. Nisso, estudar paisagem e patrimônio cultural é fundamental para melhor entendermos esse universo cultural que nos identifica enquanto sociedade (LUCHIARI, 2001; PAES; OLIVEIRA, 2010), não à toa, o interesse pela temática do patrimônio ampliou-se significativamente nas mais diversas áreas do conhecimento. No Brasil, especificamente, vêm crescendo os estudos nos campos turismo e geografia. Desses campos, as relações da paisagem com o patrimônio e as políticas preservacionistas são temas relevantes, e constituem o principal foco da seção seguinte.

#### 1.4. Paisagem e patrimônio cultural

Paisagem é tema de interesse de diversas áreas do conhecimento e diz respeito a um termo extremamente polissêmico (MENESES, 2002). As reflexões conceituais divergem segundo a visão de cada área, isto é, “se um geógrafo, um historiador, um arquiteto se debruçarem sobre a mesma paisagem, o resultado de seus trabalhos e a maneira de conduzi-los serão diferentes” (CHANTAL; RAISON, 1986, p.138).

Mesmo na Geografia, como apresentado na seção anterior, o interesse pela paisagem não foi homogêneo. Além do entendimento que a Geografia faz do conceito de paisagem cultural, as políticas do patrimônio cultural propostas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) ampliam a discussão, tomando como referência a questão patrimonial, e são sobre essas ideias que nos detenhamos a partir de então. Embora a Feirinha São Luís não seja considerada um patrimônio em si, o tema nos interessa porque ela, como já dissemos, é instalada num Centro deste cunho, composto por vários prédios do gênero.

A moderna acepção de patrimônio cultural advém do surgimento das políticas preservacionistas, iniciadas no cenário do Estado Nacional, a partir da Revolução Francesa em 1789 (BO, 2003). O patrimônio que era contextualizado no âmbito aristocrático e/ou religioso converteu-se quase que como uma imagem da nação. A cultura, a língua, a origem, o território, os monumentos, e outros bens que diziam respeito à história e à memória coletiva, assumiram

valor político, moral, estético e cultural na construção de uma identidade nacional, traduzindo, assim, as relações entre paisagem e poder (COSGROVE, 2012).

Para Dias (2006, p.71), “o interesse do Estado sobre o patrimônio baseava-se em três princípios básicos: i. reforçar a noção de cidadania; ii. tornar visível e real essa entidade; iii. revelar provas materiais das versões oficiais da história”. Entendia-se que, para legitimar o poder e consolidar uma afeição ao patriotismo era preciso fundar um sentimento relacionado com a pátria e seu povo, dar visibilidade aos feitos da nação e preservar os documentos referentes à história nacional.

Nessa perspectiva, Funari e Pelegrini (2009, p.19), se referindo à realidade francesa, ratificam que “o objetivo era proteger os monumentos que representavam a incipiente nação francesa e sua cultura”. O patrimônio foi estreitamente associado à ideia de nacionalismo, alastrando-se como um conjunto de bens selecionados e preservados para representar uma continuidade histórica e simbólica imposta por culturas dominantes, essas que estavam relacionadas com a elite política e econômica na figura do Estado. Constituiu-se, então, em uma “homogeneidade cultural”, em que as diversidades sociais de uma minoria e as subculturas não tiveram relevância oficial.

Um dos primeiros atos jurídicos da Constituinte, em 02 de outubro de 1789, foi colocar os bens do clero à disposição da nação, depois foram os bens dos emigrados e da Coroa. Inicialmente a arquitetura era a essência do bem patrimonial; as elites determinavam os valores aos bens que consideravam dignos, necessários de preservação, [...] perspectiva inicial reducionista que reconhecia o patrimônio apenas no âmbito histórico, circunscrito a recortes cronológicos arbitrários, permeados por episódios militares e personagens emblemáticos, uma das características do Estado moderno foi a simbolização da nação. Nessa legitimação surge a ideia de selecionar o patrimônio histórico “pedra e cal” (CHOAY, 2006, p.32).

Destarte, como Choay<sup>6</sup> pôs em relevo, essa perspectiva inicial da preservação do patrimônio privilegiava as formas arquitetônicas da paisagem que incluíam as edificações e os monumentos, dando ênfase à sua materialidade, ao dito patrimônio “pedra e cal”. Desta feita, o patrimônio “representava uma ferramenta ideológica para a construção de uma hegemonia baseada na ideia de nação monocultural” (DIAS, 2006, p.81).

A preocupação com o patrimônio resultou em transformações conceituais denotadas no século XX (BO, 2003). Durante as primeiras décadas deste século, países europeus se reuniram na Grécia para discutir questões sobre a conservação das cidades e a respeito das construções

---

<sup>6</sup> A proposta da autora não é fazer da noção de patrimônio e de seu uso o objeto de uma pesquisa histórica, mas o sujeito de uma alegoria, na medida em que os mesmos sejam ilustrados na forma de objetos, coleções, monumentos, cidades históricas, dentre outros. Para saber mais, consultar “A alegoria do patrimônio” (CHOAY, 2006).

arquitetônicas. Resultante desse processo, Le Corbusier escreveu a Carta de Atenas em 1931, considerado o primeiro documento com conceitos básicos, normas e doutrinas sobre as técnicas de restauro para monumentos históricos e artísticos (FONSECA, 2009).

Contudo, o maior destaque ao conceito de patrimônio em nível mundial surgiu a partir dos conflitos ocasionados pela Segunda Guerra Mundial, que levaram ao aniquilamento do patrimônio de bairros, de cidades e na diminuição da diversidade cultural, com o desaparecimento de culturas, dos modos de fazer e de suas tradições. Foi um período marcado pela discussão sobre o patrimônio e a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) para superar os problemas econômicos e sociais decorrentes das guerras (DIAS, 2006).

Segundo Fonseca (2009), diversas reuniões e encontros mundiais tiveram como resultados documentos, acordos, cartas patrimoniais e recomendações que visavam à adoção de uma política mundial de preservação do patrimônio, visto que a maioria das legislações era exclusiva de preocupação nacional. Nesse mesmo período, de importância humanitária e cultural, dentre outras organizações, surgiu a UNESCO<sup>7</sup>.

Na esfera internacional, a UNESCO se inquietou não apenas com a preservação de monumentos e conjunto arquitetônico-histórico dos países, mas também com a implantação de uma nova abordagem sobre a noção de patrimônio. Com o tal novo modo de pensar o patrimônio, englobavam-se múltiplas paisagens, tradições, particularidades gastronômicas, expressões de arte, sítios arqueológicos e todo um conjunto de bens materiais e imateriais, “com critérios de: estilismo histórico e arquitetônico, meio ambiente, cultura, referência simbólica, etc.” (MARTINS, 2014, p.14).

À vista dessas questões, passava a vigorar no cenário político o conceito de patrimônio cultural mundial, referência esta reafirmada na Convenção para Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural<sup>8</sup>, aprovada pela Conferência Geral da UNESCO em 1972 (BO, 2003). Assim, a Convenção deu origem à Lista do Patrimônio Mundial, cujos critérios para inscrição eram classificados como culturais e naturais, refletindo em numa lista bipartida (RIBEIRO, 2007). Por seu turno, o documento, logo no seu artigo de nº1, entendeu patrimônio cultural como sendo:

---

<sup>7</sup> Diz respeito à agência da Organização das Nações Unidas – ONU. Foi criada em 16 de novembro de 1945 com o objetivo de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações, acompanhando, portanto, o desenvolvimento mundial e auxiliando os Estados-Membros na busca de soluções para os problemas que desafiam nossas sociedades. Para saber mais, consultar: [www.nacoesunidas.org/agencia/unesco/](http://www.nacoesunidas.org/agencia/unesco/)

<sup>8</sup> Para saber mais, consultar a “Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural” (UNESCO, 1972), disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133369\\_por.locale=en](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133369_por.locale=en)

Os *monumentos*<sup>9</sup> – obras de arquitetura, de escultura ou de pintura monumentais, elementos estruturais de caráter arqueológico, inscrições, cavernas e grupos de elementos dotados de valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; Os *conjuntos* – grupos de construções isoladas ou reunidos, cuja arquitetura, unidade e integração na paisagem confirmam-lhes valor universal excepcional sob o ponto de vista da história, da arte ou da ciência; Os *sítios* – obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, assim como as zonas, em que incluem lugares de interesse arqueológico, com um valor universal extraordinário sob o ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

Com a intensificação das discussões sobre a relação entre sociedade e natureza, a UNESCO adotou, como uma nova tipologia de reconhecimento de bens culturais, o conceito de paisagem cultural, cuja noção conjuga com a preservação dos bens naturais e culturais de forma integrada. De acordo com a UNESCO (1999) apud CASTRIOTA (2009, p.261):

Paisagens culturais apresentam o trabalho combinado da natureza e do homem designado no Artigo I da Convenção. Elas são ilustrativas da evolução da sociedade e dos assentamentos humanos ao longo do tempo, sob a influência das determinantes físicas e/ou oportunidades apresentadas por seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, tanto internas quanto externas.

No caso específico do Brasil, a concepção oficial de proteção do patrimônio atrelada à paisagem também surgiu com o propósito de fortalecimento do Estado e estava relacionada intimamente com três grandes episódios: o Movimento Modernista, a instauração do Estado Novo e a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

As primeiras iniciativas de preservação do patrimônio brasileiro começaram a ser delineadas por meio dos intelectuais modernistas, para transcender certa “brasilidade”, que contribuiria com a formação da identidade nacional e na promoção ideológica empreendida para tanto (MICELI, 2001). Segundo Dias (2006), em 1936, Mário de Andrade, que fazia parte desse grupo de modernistas, realizou um anteprojeto que resultou na criação SPHAN através do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.

De acordo com o Decreto-Lei mencionado, constituía patrimônio histórico e artístico “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico” (BRASIL, 1937). O SPHAN regulamentou o tombamento como instrumento de preservação, isto é, para os bens culturais serem considerados oficialmente patrimônios deveriam estar inscritos num dos quatro Livros do Tombo, sendo eles: Livros do Tombo Arqueológico, Etnográfico e

---

<sup>9</sup> A saber, os grifos destacados nesta citação são de nossa autoria.

Paisagístico; Livro do Tombo Histórico; Livro do Tombo das Belas-Artes; e Livro do Tombo das Artes Aplicadas.

Com o SPHAN, que posteriormente passou a ser o IPHAN<sup>10</sup>, a política de preservação estava inserida no cenário brasileiro. No entanto, assim como na Europa, a preocupação com a preservação era inquietação da elite e referia-se somente aos bens materiais, principalmente às obras de artes e às construções arquitetônicas remanescentes do período colonial.

Somente com a promulgação da Constituição Federal Brasileira de 1988 surgiu a denominação patrimônio cultural (DIAS, 2006), algo inovador na medida em que incluiu a proteção da cultura imaterial, a exemplo do artigo 215, “manifestações populares, indígenas e afro-brasileiras e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional” (BRASIL, 1988). Outrossim, o artigo 216 da referida Constituição dispõe que:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I- As formas de expressão;
- II- Os modos de criar, fazer e viver;
- III- As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV- As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V- Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Posteriormente, em complemento ao texto constitucional, com o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, foi criado o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, que instituiu como instrumento de preservação o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial (BRASIL, 2000). Esse ato é facultado pelo registro nos livros:

- I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
- IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

---

<sup>10</sup> Em 1946 o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) passa a se denominar Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN). E em 1970 o DPHAN se transforma no atual IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Para saber mais, consultar: <http://portal.iphan.gov.br/>

Ainda quanto à natureza imaterial da questão, em nível global, na Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, realizada em 2003, a UNESCO (2003, p.4) definiu o Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível como:

práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

Embora a ideia de patrimônio cultural nos remeta aos bens materiais, denominados patrimônios de “pedra e cal”, em referência ao reforço de uma identidade nacional e ao cenário brasileiro, após a Constituição de 1988 (que contribuiu sensivelmente para a compreensão da imaterialidade do patrimônio), essa concepção foi ampliada para dar conta da diversidade de formas simbólicas existentes, especialmente na dimensão intangível contida nos lugares, constantemente recriadas pelas comunidades.

No que diz respeito às paisagens culturais, a concepção brasileira tem influência do conceito proposta pela UNESCO. Sobre a UNESCO, Berdoulay (2012, p.101) afirma que é possível perceber “por meio da adoção, em 1992, da categoria de paisagem cultural, o desejo que essa organização internacional tem de considerar de maneira mais global as relações entre cultura e espaço”. No Brasil, a inclusão da categoria paisagem cultural foi conseguida, principalmente, com a portaria nº 127/2009 do IPHAN, que estabeleceu a Chancela da Paisagem Cultural como instrumento de preservação do patrimônio cultural brasileiro. Para o IPHAN (2009, p.13), a paisagem cultural “é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”.

Ainda sobre a definição de paisagem cultural proposta por esses órgãos, Ribeiro (2007, p.111) acrescenta que:

A grande vantagem da categoria de paisagem cultural reside mesmo no seu caráter relacional e integrador de diferentes aspectos que as instituições de preservação do patrimônio no Brasil e no mundo trabalharam historicamente de maneiras apartadas. É na possibilidade de valorização da integração entre material e imaterial, cultural e natural, entre outras, que reside a riqueza da abordagem do patrimônio através da paisagem cultural e é esse o aspecto que merece ser valorizado.

Com o tudo que foi colocado até então, queremos assinalar que as políticas de preservação da paisagem cultural concorrem em um processo de (re)construção de imagens, (re)funcionando a cidade, de tal modo que esta possa ser espelhada para si e para outras cidades (JEUDY, 2005) e turistas, refletindo como cada lugar deseja ser visto por meio de ações locais,

nacionais e até mundiais, e quando tais paisagens estão atreladas ao patrimônio seria correto falar em espelho do patrimônio (CHOAY, 2006).

Enquanto manifestação de ordens simbólicas, os patrimônios são marcas identitárias que individualizam certas porções do espaço e determinados grupos sociais, podendo ser a sua preservação uma “garantia da sobrevivência social dos povos, porque é testemunho de sua vida” (POSSAMAI, 2008, p.207). A estes termos, é importante ressaltar que a patrimonialização deve responder aos anseios de pertencimento e da identidade local, pois se o reflexo (simbolismo) do espelho não agraciara a grande coletividade humana, a crítica cultural deve ser uma constante.

O patrimônio (i)material é, pois, uma produção humana, e logo se deve entender os seus contextos históricos e políticos. Quando tido como paisagem, pode ser interpretada em sua (re)significação como meio ambiente na sociedade contemporânea (LUCHIARI, 2001). Nestes termos, mesmo sabendo do caráter das referências que utilizamos, compreenderemos que as paisagens patrimoniais vão além do processo de patrimonialização oficial, tendo mais a ver com o sentir dos sujeitos e das emoções dali projetadas.

Notadamente, em decorrência da história cultural das paisagens patrimoniais, as administrações das cidades históricas vêm realizando planos e ações de requalificação que transitam entre os critérios oficiais e os saberes vernaculares no esforço de realçar as suas potencialidades turísticas e festivas (VIEIRA, 2008). Essas questões são especialmente tratadas na seção seguinte, e tomando ainda como referência o elemento feira.

### 1.5. Centros históricos e feiras: paisagens patrimoniais e turísticas

O domínio patrimonial não se limita mais aos edifícios individuais, como citado na seção anterior, mas engloba também um aglomerado de edificações, bairros e até cidades inteiras, incluindo os centros históricos e suas paisagens. Pensar, apressadamente, o que é centro histórico nos remete à ideia de um espaço delimitado e antigo das cidades. Ampliando esta reflexão, Choay (2006), tomando por base a noção de espelho do patrimônio, nos diria que o centro histórico é um conjunto urbano de interesse histórico e cultural, no qual se constitui de edificações com características singulares adquiridas ao longo do tempo e que reflete uma identidade e traduz permanências e mudanças nos valores sociais.

Além dos seus valores histórico e arquitetônico, os centros históricos são revestidos de valor cultural para aqueles que vivenciam suas paisagens. Em decorrência desses valores, após

a primeira Carta Patrimonial<sup>11</sup>, redigida em 1931, diversas foram as reuniões em nível internacional com intuito de trabalhar a definição de centro histórico e as políticas preservacionistas desse bem cultural. Essas políticas acompanharam a evolução do conceito de patrimônio, isto é, do objeto isolado tombado passou-se também à preservação de sítios, centros e paisagens histórico-culturais.

A UNESCO adotou, em 1976, a partir da cidade de Nairóbi, a recomendação relativa à salvaguarda dos conjuntos históricos e a sua função na vida contemporânea. Conforme Choay (2006), essa carta tratou da preservação de sítios, centros, conjuntos históricos, pois, até então, as políticas estavam voltadas para conservação e restauração do patrimônio monumental. A Recomendação de Nairóbi (UNESCO, 1976, p.1) considerou os conjuntos históricos como:

Parte do ambiente cotidiano dos seres humanos em todos os países, constitui a presença viva do passado que lhes deu forma, asseguram ao quadro da vida a variedade necessária para responder à diversidade da sociedade e, por isso, adquirem um valor e uma dimensão humana suplementares, considerando que os conjuntos históricos ou tradicionais constituem através das idades os testemunhos mais tangíveis da riqueza e da diversidade das criações culturais, religiosas e sociais da humanidade e que sua salvaguarda e integração na vida contemporânea são elementos fundamentais na planificação das áreas urbanas e do planejamento físico-territorial.

No Brasil, segundo Dias (2006), a primeira política federal de preservação de conjuntos históricos foi desenvolvida em Salvador, em 1971, referindo-se ao documento denominado “Compromisso de Salvador”, cuja recomendação principal rezava pela criação de legislação “no sentido de proteger os conjuntos paisagísticos arquitetônicos e urbanos de valor cultural” (DIAS, 2006, p. 144). Esse documento recomendava a participação do IPHAN e de outros órgãos na elaboração de planos diretores e urbanos, e nos projetos de obras públicas e particulares que afetassem áreas de interesses referentes aos bens de valor cultural.

Efetivamente, sabe-se que as políticas de preservação de áreas históricas datam de 1973 (CUTRIM; SANTOS, 2002), marco conseguido com a criação do Programa das Cidades Históricas e implementado pelo Ministério do Planejamento, da Educação e Cultura. Com esta ação, objetiva-se desenvolver estudos que possibilitassem traçar um quadro da situação real do conjunto patrimonial do nordeste, e encontrar maneiras de restaurar tal riqueza para fins de aproveitamentos diversos (DIAS, 2006).

Atualmente, muitos dos conjuntos ou centros históricos brasileiros são reconhecidos pelo registro no Livro de Tombo do IPHAN, sendo que alguns deles também considerados Patrimônio Mundial, inscritos na lista da UNESCO.

---

<sup>11</sup> Refere-se à Carta de Atenas, citada na seção anterior.

O IPHAN elaborou a lista dos bens tombados e processos em andamento, que reúne informações sobre a atuação desse Instituto nos estados federativos e revela as potencialidades histórico-culturais dos mesmos. Nessa lista, as cidades, e seus conjuntos históricos estão agrupados por regiões do país, contendo as sínteses dos contextos históricos nos quais surgiram e se desenvolveram, além de dispor a descrição dos monumentos e espaços públicos tombados em cada localidade, dentre esses, 68 são conjuntos urbanos<sup>12</sup>.

No que se refere à lista mundial, no Brasil já são 22 bens inscritos que atendem alguns critérios de seleção<sup>13</sup>, entre patrimônio cultural, natural e cultural imaterial. Dentre esses, os centros históricos se destacam. Dos citados, pontuamos alguns: Centro Histórico de Ouro Preto, Centro Histórico de Olinda, Centro Histórico de Salvador, Centro Histórico de São Luís, Centro Histórico de Diamantina e o Centro Histórico de Goiás. Abaixo, lançamos um mosaico de imagens desses Centros, acompanhadas das datas de seus tombamentos em âmbito federal e mundial<sup>14</sup> (Figura 3).

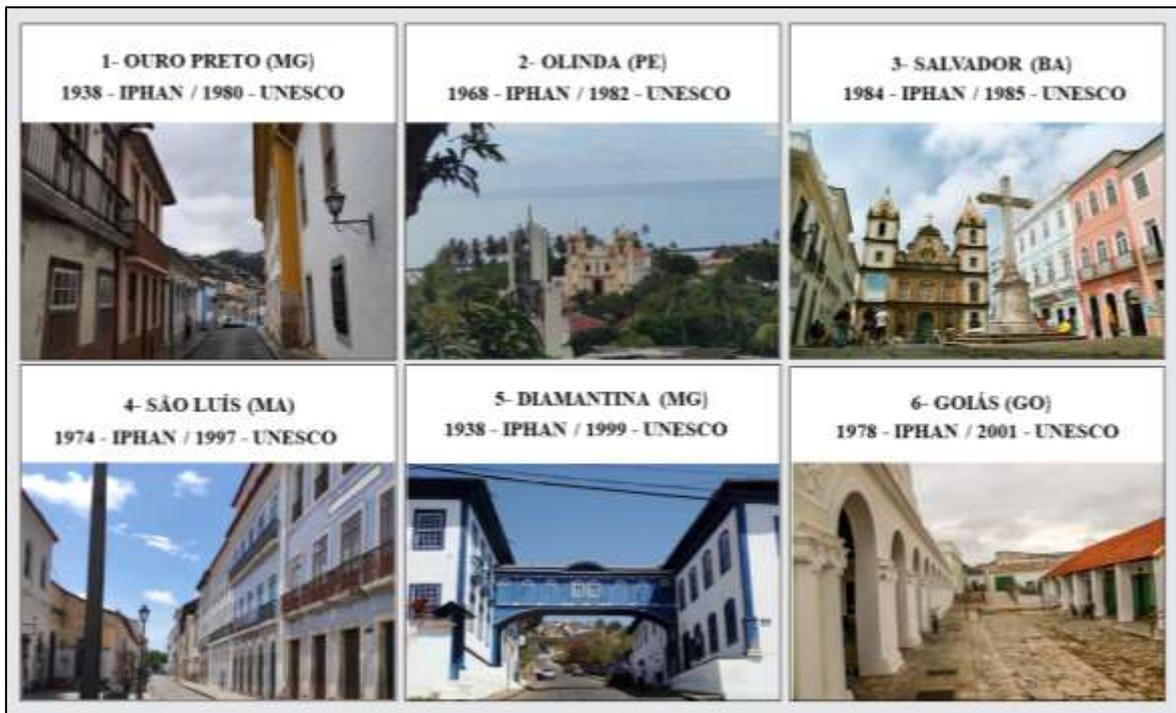
---

<sup>12</sup> Para saber mais, consultar <http://portal.iphan.gov.br/>

<sup>13</sup> Os critérios de seleção são: (i) representar uma obra-prima do gênio criador humano; (ii) ser testemunho de um intercâmbio de influências considerável, durante um dado período ou numa determinada área cultural, sobre o desenvolvimento da arquitetura ou da tecnologia, das artes monumentais, do planejamento urbano ou da criação de paisagens; (iii) constituir um testemunho único, ou pelo menos excepcional, de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida; (iv) representar um exemplo excepcional de um tipo de construção ou de conjunto arquitetônico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana; (v) ser um exemplo excepcional de povoamento humano tradicional, da utilização tradicional do território ou do mar, que seja representativo de uma cultura (ou culturas), ou da interação humana com o meio ambiente, especialmente quando este último se tornou vulnerável sob o impacto de alterações irreversíveis; (vi) estar direta ou materialmente associado a acontecimentos ou a tradições vivas, ideias, crenças ou obras artísticas e literárias de significado universal excepcional (o Comitê considera que este critério deve preferencialmente ser utilizado conjuntamente com outros).

<sup>14</sup> As imagens estão ordenadas de acordo com a data de tombamento na lista mundial. As imagens 1, 2 e 4 são do nosso arquivo pessoal, já as imagens 3,5 e 6 foram conseguidas em: <http://portal.iphan.gov.br/>

**Figura 3:** Centros Históricos brasileiros



**Fonte:** Elaboração própria.

Entre outras atuações, os órgãos internacionais, federais, estaduais e municipais, desenvolveram uma série de atividades voltadas à preservação dos centros históricos, espaços estes que ganharam força com o desenvolvimento da prática turística, sobretudo, do turismo cultural<sup>15</sup>, que, de acordo com Brasil (2010, p.16):

implica em experiências positivas do visitante com o patrimônio histórico e cultural e determinados eventos culturais, de modo a favorecer a percepção de seus sentidos e contribuir para sua preservação. Vivenciar significa sentir, captar a essência, e isso se concretiza em duas formas de relação do turista com a cultura ou algum aspecto cultural: a primeira refere-se às formas de interação para conhecer, interpretar, compreender e valorizar aquilo que é o objeto da visita; a segunda corresponde às atividades que propiciam experiências participativas, contemplativas e de entretenimento, que ocorrem em função do atrativo motivador da visita.

Por conseguinte, com base nos conceitos de patrimônio cultural (material e imaterial), e estabelecendo denotadas aproximações com o turismo, o Ministério do Turismo (BRASIL, 2010b, p.54), para fins de elaboração e implementação de políticas públicas, define os principais atrativos do turismo cultural, o que replicamos abaixo:

- Sítios históricos – centros históricos, quilombos;
- Edificações especiais – arquitetura, ruínas;
- Obras de arte – pintura, escultura;

<sup>15</sup> Reinaldo Dias, no capítulo 4 do livro “Turismo e Patrimônio Cultural: Recursos que acompanham o crescimento das cidades” (2006, p. 103), realizou um estudo das principais normas internacionais e nacionais relacionadas com a proteção do patrimônio cultural e o turismo.

- Espaços e instituições culturais – museus, casas de cultura;
- Festas, festivais e celebrações locais;
- Gastronomia típica - pratos da culinária local;
- Artesanato e produtos típicos;
- Música, dança, teatro, cinema;
- Feiras e mercados tradicionais;
- Saberes e fazeres – causos, trabalhos manuais;
- Realizações artísticas – exposições, ateliês;
- Eventos programados – feiras e outras realizações artísticas, culturais, gastronômicas;
- Outros que se enquadrem na temática cultural.

Ainda que não nos interessemos diretamente pelo turismo cultural nesta pesquisa, o destacamos dada a sua incidência em centros históricos e feiras, bem como pelo que faz às paisagens patrimoniais, como podemos perceber. No Brasil, desde a criação do IPHAN já existia um interesse na promoção desse turismo, algo que se acentuou quando se considerou a oferta de patrimônio histórico disposto pelo país, e que poderia vir a se tornar espaços de visitas mais ou menos planejadas de modo profissional.

Fato é que, fruto de discussões políticas e culturais, o fortalecimento do vínculo do turismo com as paisagens patrimoniais em áreas centrais das cidades brasileiras efetivou-se processualmente. Como exemplo, citamos a Lei nº 6.513, de 20 de dezembro, de 1977<sup>16</sup>, que dispõe sobre a criação de áreas especiais e de locais de interesse turístico com vistas à preservação de seus sentidos culturais. Desde então, inúmeras estratégias foram adotadas no tocante à preservação das paisagens patrimoniais e turísticas dos centros históricos.

Todavia, segundo Choay (2006, p.222), os centros históricos “oferecem atualmente uma imagem privilegiada, sintética e de certa forma magnificada, das dificuldades e das contradições com as quais se confrontam a valorização do patrimônio arquitetônico em geral”. Para a autora, a integração dos centros históricos na contemporaneidade foi uma passagem complexa, principalmente no que tange a reutilização desse conjunto urbano. Por um lado, as políticas preservacionistas tratavam de manter esses centros no estado em que se encontravam, isto é, “tornar intocáveis”, e, por outro lado, buscavam fazer reviver esses centros históricos, integrando-os à vida coletiva, para o desenvolvimento das cidades.

É certo que a expansão das cidades, um fenômeno global da segunda metade do século XX, decorreu, principalmente, do deslocamento espacial das funções comerciais, o que resultou na construção de novos bairros nas periferias, ou seja, o desenvolvimento de outras centralidades contribuiu para o esvaziamento e degradação de centros históricos (BARRETTO, 2013), representando, em alguns casos, o que Tuan (2005) chamaria de “paisagens do medo”.

---

<sup>16</sup> Para saber mais, consultar: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6513.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6513.htm)

No sentido de reverter o quadro de abandono, adotaram-se novos conceitos associados à preservação, à salvaguarda e à intervenção nos centros históricos, tais como: revitalização, requalificação, refuncionalização, reurbanização, entre outros “res” que surgiram como parte do planejamento urbano e turístico dos centros históricos.

Conforme Vargas e Castilho (2009), diversas intervenções urbanas têm acontecido nas áreas centrais das cidades brasileiras como política de melhoria da imagem, ao perpetuar a história e ao criar um espírito de comunidade e pertencimento, o perpassa pela revalorização do patrimônio em lugares e paisagens. Dessa maneira, a intervenção urbana compreende aspectos de dinamização econômica, de dinâmica humana, com justificativa de contribuir com a redução das desigualdades sociais. Examinar se a adição de novos significados aos centros históricos colabora com o desenvolvimento local é tarefa para os cientistas.

O nosso exame, por sua vez, está atento para o fato de que tais intervenções lidam com indicativos da memória e da história cultural dos lugares, fazendo surgir daí outras atividades (PAES, 2010). Neste ensejo, para Cifelli (2010, p.126) “todas estas intervenções são permeadas por intensa estratégia [...] que divulgam a localidade e seus principais atrativos por meio do fomento e divulgação de eventos culturais e científicos, feiras, festivais, shows, concertos e outros tipos de comemoração”.

No presente estudo, destaca-se uma Feira, a qual pode ser tida como um singular atrativo turístico cultural. Porém, retomaremos a discussão sobre a Feirinha São Luís lá na frente. Até lá, afirmamos que a relação das feiras com a cultura é intrínseca, pois elas adotam qualificações da identidade cultural dos lugares que fazem parte. Sendo assim, as feiras indicam que além dos aspectos econômicos e sociais, merecem apreciação investigativa por seus caracteres culturais e festivos. Ainda até lá, regressemos um pouco.

Historicamente, a emergência das feiras remonta ao período da antiguidade, quando já estavam presentes na cultura asteca, e eram conhecidas por gregos e romanos (ALMEIDA, 2009). Todavia, como prática comercial, atribui-se à Idade Média a consolidação das feiras, ou seja, no feudalismo, entre as relações de troca e venda entre os feudos as feiras eram visíveis (GONÇALVES; ABDALA, 2013).

Em esclarecimento: a Idade Média caracterizava-se por ter na agricultura sua principal atividade produtiva, sendo esse um período marcado pelo desenvolvimento e aprimoramento de técnicas agrícolas nos feudos, o que aumentou a produção e ocasionou a formação de excedentes (REIS; VIEIRA, 2011). À vista disso, esse “excesso” é considerado a causa

elementar da origem das feiras, onde os produtos eram vendidos ou trocados de acordo com a necessidade de cada feudo (ALMEIDA, 2009).

A importância das feiras ultrapassa as trocas comerciais, porque essas também se transformam em entrepostos de trocas socioculturais. De acordo com Barbosa (2013, p.34), com a realização das feiras, “interrompiam-se guerras, garantido a paz necessária para que os vendedores pudessem trabalhar, além de se converterem em espaços de celebrações e festas”. Isto é, a feira, desde muito tempo, representa uma pausa no cotidiano, mesmo que sendo imbuída de seus conteúdos e falações. Barbosa (2013, p.35) ainda acrescenta que:

A feira é uma tradicional instituição que, ao lado dos grandes castelos feudais, eram organizados espaços ambulantes para que se pudessem intercambiar produtos. Desse período até a atualidade, a feira foi adquirindo múltiplas faces e formas, diversificando-se em tipologia de acordo com cada país, cidade ou comunidade onde se estabelece.

No Brasil, as evidências de feiras datam do período colonial, sendo práticas trazidas e implantadas pelos colonizadores portugueses (ALMEIDA, 2009; SACCO DOS ANJOS *et al.*, 2005). Para Gonçalves e Abdala (2013), as organizações das primeiras feiras aconteceram no século XVII e desempenharam uma função relevante na estruturação social e econômica do país. As feiras foram responsáveis pela formação e povoamento de muitas cidades do interior, principalmente no Nordeste, onde, obviamente, cumpriam também seu papel no abastecimento das populações com os mais diversos produtos.

Sem dúvidas, as feiras assumiram relevância no panorama econômico e sociocultural de muitas cidades. Em grande escala, temos a Feira de Caruaru, em Pernambuco, e a Feira de Campina Grande, na Paraíba (VELOSO; MADEIRA, 2007), ambas registradas como patrimônio cultural imaterial brasileiro<sup>17</sup>. No mais, são inúmeras as feiras que possuem tal relevância no cenário nacional, entre elas, a Feira de Quixadá, no Ceará, a Feira livre de São Joaquim, em Salvador, a Feira da Praia Grande, em São Luís, dentre muitas outras, que têm histórias de surgimento e desenvolvimento comercial semelhante.

As principais características das feiras, tais como um “comércio a céu aberto”, uma “arena de compra e venda”, um “local de distribuição de gêneros alimentícios”, a “periodicidade semanal” (ALMEIDA, 2009; BARBOSA, 2013), se revelam marcadamente na contemporaneidade e nas paisagens urbanas. Entretanto, esse ponto de encontro que são as feiras tem sido acrescido de novas significações além da disposição de produtos hortifrutigranjeiros e da relação comerciante e freguês.

---

<sup>17</sup> Para saber mais, consultar <http://portal.iphan.gov.br/>

Em meio as novas tendências econômicas, como lojas, supermercados, *shopping center*, entre outras, as feiras resistem e se apresentam também como espaços de lazer urbano, representando, não raro, a cultura local. Neste cenário, a gastronomia, o artesanato e as manifestações artísticas e culturais ganham espaço, possibilitando novas relações econômicas e socioculturais. Moraes e Araújo, (2006, p.267), afirmam que:

Nesses espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, das jocosidades, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos.

Assim analisando, as feiras podem funcionar como centros de educação, cultura e entretenimento (SILVA; SANTOS; ARAGÃO, 2020). Seus espaços oportunizam a vivência do encontro com o outro, conhecido ou não, morador local ou turista. Desta feita, o dia de feira tem uma qualificação ímpar, no geral, é um dia alegre, de interações socioculturais, que por meio das conversas, risos, músicas, ditos e ritos, transformam o tempo comum em tempo *festivo*. É neste sentido de pensar a Feira que acreditamos que:

Fazer festa significa colocar-se diante do espelho, procurando a si mesmo e a sua identidade; é buscar reencontrar as garantias histórico-culturais, reafirmando-as na força da representação, no ato comunicativo e comunitário. Esta ação de resgatar a própria identidade é fundamental para encontrar-se a si mesmo e recuperar um equilíbrio que pode estar ameaçado (FERREIRA, 2001, p. 16).

As feiras festivas geralmente ocorrem em lugares emblemáticos das cidades, como as praças de centros históricos. Para Cifelli (2010, p.126), “grande parte das chamadas cidades históricas possuem um calendário de eventos e festa destinados à atração de visitantes e turistas”. Nessa conjuntura, as feiras se misturam com as paisagens patrimoniais e turísticas, fazendo parte delas, e se mostrando enquanto espelhos simbólicos que refletem os aspectos socioculturais das cidades e as suas representações comunicativas e identitárias. Salvaguardando outras visões, temos, assim, as feiras como celebrações da vida.

Dentre outras singularidades, as feiras são determinadas por uma estética visual, sonora, olfativa, tátil e palatável, isto é, transmitem sensações para quem as experienciam (TUAN, 2012), podendo ou não ter caráter festivo. Tal estética configura a paisagem e oportuniza o tecer de vivências particulares. Ora, somadas as novas práticas de lazer, com características patrimoniais histórico-culturais e de múltiplas memórias (FUNARI; PELEGRINI, 2009),

configuram-se como potenciais atrativos turístico-culturais, capaz de proporcionar ampla experiência cultural aos seus participantes.

Por fim deste capítulo, dizemos que o cenário de evolução e requalificação de centros históricos e das feiras, e de suas dimensões festivas, apresentam possibilidades de pesquisa, devendo ser compreendidas por seus aspectos econômicos, sociais e culturais. Nesse sentido, o próximo capítulo faz uma leitura da cidade de São Luís (MA) e do seu Centro Histórico, lançando luz especial sobre as paisagens patrimoniais turísticas engendradas e/ou por intermédio do Programa Reviva Centro e da Feirinha São Luís como espelho simbólico e encontro festivo.

## **2. SÃO LUÍS (MA): CENTRO HISTÓRICO, PATRIMÔNIO E A FEIRINHA**

### **2.1 São Luís (MA): cidade com Centro Histórico**

*A cidade de São Luís é um elaborado organismo vivo. Em uma visão simbólica, quando vista pelo mapa [...] pode se sugerir a ideia de se afigurar tal como o corpo humano e nos vem as inevitáveis comparações como: o coração da cidade; as artérias e o sistema nervoso.*

(Phelipe Andrès, 2006).

Ao fazer essa analogia, Andrés considera a cidade um organismo vivo e tira proveito do potencial simbólico do mapa (BESSE, 2014), instrumento bem conhecido por geógrafos e turismólogos. Nesse sentido, em São Luís, o Centro Histórico é considerado o “coração” da cidade que começou a pulsar desde o século XVII e que detém forte valor histórico, arquitetônico, cultural e turístico.

São Luís é a capital do Estado do Maranhão (Figura 4), e está localizada no Nordeste do Brasil, na face ocidental da ilha de mesmo nome, denominada também como Ilha de Upaon-Açu. Situada entre as baías de São Marcos e São José, banhada pelo Atlântico Sul e pelos Rios Anil e Bacanga, a capital ocupa uma área territorial de 827,141 Km<sup>2</sup> e divide o espaço da Ilha com os municípios de São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa. Com efeito, São Luís abrange 57% da Ilha (IBGE, 2019).

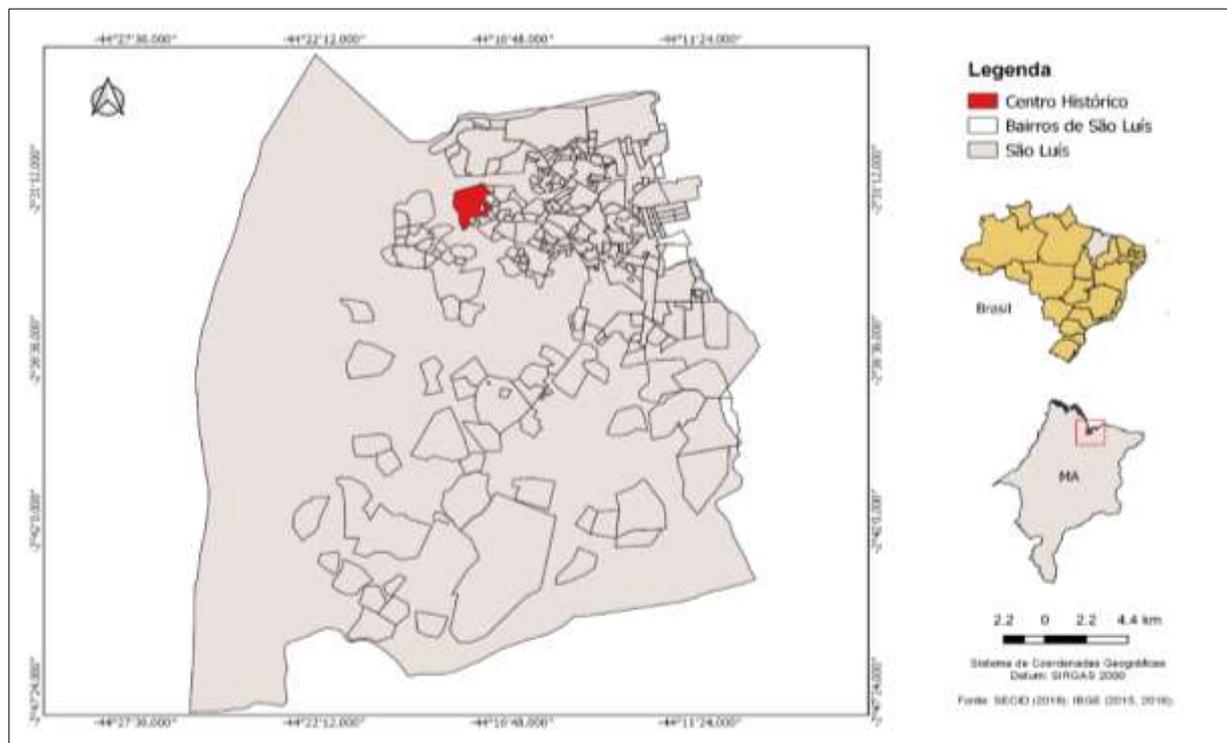
O posicionamento geográfico de São Luís é estratégico e foi determinante para o desenvolvimento do seu processo histórico, fundamentado principalmente pelas disputas territoriais entre indígenas, franceses, portugueses e holandeses. Os aspectos econômicos,

sociais, culturais e turísticos reverberam na geografia e história da cidade, como apresentado a seguir.

Em 1612, aos comandos de Daniel de La Touche, *Sieur De La Ravadiere*, os franceses chegaram à Ilha Grande, adjetiva de Upaon Açú, denominação atribuída pelos povos que nestas terras habitavam, os índios tupinambás (MEIRELES, 1982). No contexto da economia mercantilista, os franceses tinham a pretensão de implantar, com a colaboração dos nativos, a dita França Equinocial. Nessa empreitada, construíram o forte de Saint-Louis (Figura 5) em homenagem ao rei menino da França, Luís XIII (ANDRÈS, 2006; LACROIX, 2008; MEIRELES, 1982).

Em virtude, principalmente, do marco da missa de cerimônia de fundação, a história oficial reconhece São Luís como a única cidade brasileira fundada por franceses. No entanto, a discussão acerca desse assunto é extensa e, às vezes, contraditória. Para Lacroix (2008), a celebração de uma missa ou a construção de um forte não caracterizava necessariamente a fundação de um lugar por um determinado grupo. Essa autora defende a ideia da fundação de São Luís por franceses como mito que vislumbra a singularidade de São Luís em comparação às demais capitais brasileiras.

**Figura 4:** Mapa de localização de São Luís (MA)



**Fonte:** elaboração própria, 2019.

**Figura 5:** Forte Saint-Louis



Fonte: Autoria própria, 2020.

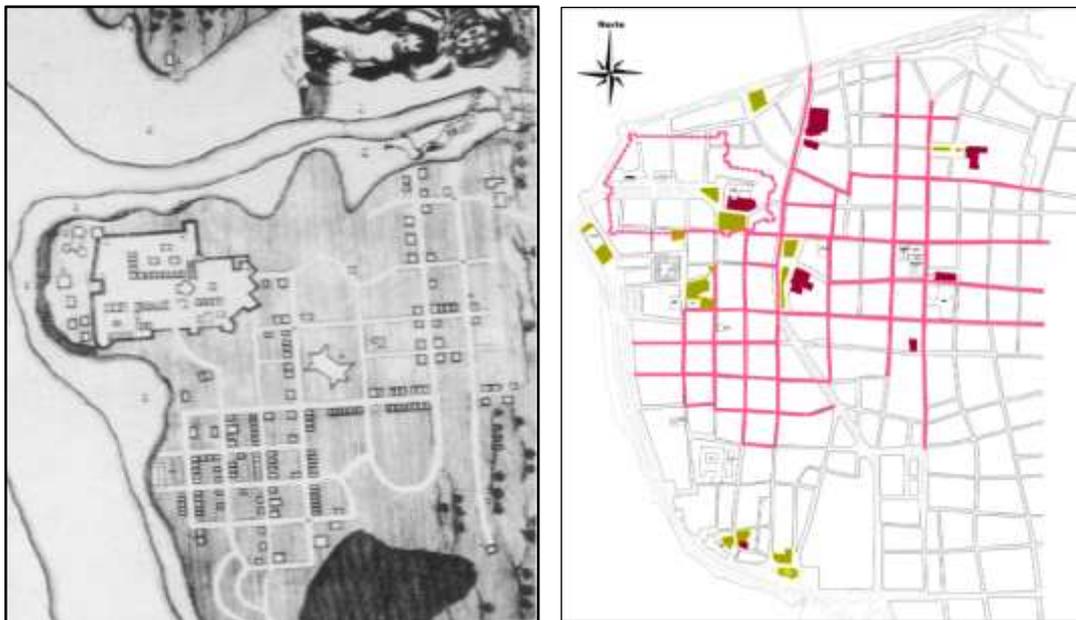
Não cabe aqui o aprofundamento da questão, mas é certo que a ocupação francesa foi breve, pois não resistiram à expulsão liderada pelos portugueses em 1615, naquela que ficou conhecida como Batalha de Guaxenduba. Daí, os portugueses ergueram uma base militar que dificultava a entrada de futuros e prováveis invasores, como os holandeses, que invadiram tais terras em 1641 sob a pretensão de expandir a indústria açucareira, visto que a região era forte produtora de cana-de-açúcar. Porém, estes últimos permaneceram somente até 1644, sendo expulsos pelos portugueses (MARTINS, 2012; COSTA, 2016).

Em todo caso, os franceses, durante seus três anos de permanência nestas terras, deixaram de herança o forte e o nome da cidade, pois não houve tempo para construções mais duradouras, assim como também aconteceu com os holandeses (LACROIX, 2008). À vista disso, foram as características portuguesas que se tornaram dominantes, presentes na malha urbana e nos traços arquitetônicos, em ritos religiosos e na gastronomia, formando um caleidoscópio de marcas físico-simbólicas sensivelmente sentidas e vividas até hoje.

A contento, o plano urbanístico da cidade de São Luís ficou a cargo do engenheiro mor Francisco Fria de Mesquita. Para Andrès (2006, p.52), uma das características comuns das cidades e vilas brasileiras do período colonial era a “a participação decisiva de engenheiros militares no traçado urbano original, bem como a relação entre a localização das fortalezas e o primeiro núcleo de habitação”. De acordo com os parâmetros do plano urbanístico, estabeleceu-se um autêntico quadriculado com padrão uniforme de ruas estreitas que variam entre sete e dez metros e quadras que não ultrapassassem as dimensões de 80 x 80 metros (BOGÉA; BRITO;

PESTANA, 2007). Essa regularidade constituiu um referencial a ser seguido, como se percebe até hoje na área (Figura 6).

**Figura 6:** Traçado urbano de São Luís de Fria de Mesquita e sua sobreposição atual



**Fonte:** Adaptação de Bogéa, Brito e Pestana, 2007.

Interessante observar que a cidade de São Luís era dividida em “Cidade Alta” e “Cidade Baixa”. A primeira, de características administrativa, militar e religiosa, localizava-se no interior da muralha e próximo ao forte. Atualmente, nessa área se encontra o Palácio dos Leões, sede do Governo Estadual. Já no que se refere aos aspectos religiosos, por ali foi empreendida a construção de uma cruz, “identificando a capela que mais tarde daria origem à Igreja da Sé” (Figura 7) (ANDRÈS, 2006, p.53).

Já a “Cidade Baixa”, de cunho marinho e comercial, é o que é hoje a Praia Grande, núcleo comercial à época, que funcionou como o principal porto de escoamento de mercadorias. Em decorrência da intensa atividade no porto, permitiu um movimentado comércio, que trouxe uma nova dinâmica à sociedade, pois para além das trocas comerciais, ali, moravam as famílias mais abastadas, sendo um espaço formado de casarões e sobrados azulejados, de forte conotação lusitana (ANDRÈS, 2008).

**Figura 7:** Igreja da Sé



**Fonte:** A autoria própria, 2019.

A “Cidade Alta” e a “Cidade Baixa” constituem o que conhecemos hoje como o Centro Histórico da cidade de São Luís <sup>18</sup>. O conjunto arquitetônico e urbanístico do CHSL, data dos séculos XVIII, XIX e XX, demarcando forte herança cultural do contexto histórico de colonização da cidade e de temporalidades que se seguiram. De acordo com Bogéa, Brito e Pestana (2007), esse é o maior conjunto de arquitetura luso brasileira da América Latina, e constituído por casarões de estilos diversos (Figura 8).

O CHSL possui características peculiares nas suas construções, com paredes em alvenaria de pedra e argamassa com a cal extraída das conchas marinhas e óleo de peixe. As suas fachadas, em sua maioria, são revestidas em azulejos policrômicos portugueses, e as soleiras, portais e pisos são formados de pedras de cantaria de lioz (LOPES, 2008). De acordo com Figueiredo (2012), o azulejo é uma manifestação característica da cultura portuguesa em solo maranhense, principalmente na capital, e compõe a arquitetura das casas do Centro Histórico, levando São Luís a ser conhecida como “Cidade dos Azulejos”.

---

<sup>18</sup> A partir de então usaremos a sigla CHSL para se referir ao Centro Histórico de São Luís.

**Figura 8:** Conjunto arquitetônico do Centro Histórico de São Luís



**Fonte:** Autoria própria, 2020.

Atualmente, o CHSL abrange uma área de 270 hectares com mais de 5 mil edificações (COSTA, 2016). Entretanto, São Luís não é conhecida tão somente pela titulação concernente aos seus casarões e azulejos, mas também pela literatura e ritmo musical do *reggae*, sendo considerada por alguns grupos culturais como a “Atenas brasileira” e a “Jamaica brasileira”. Esses reconhecimentos são representações simbólicas que ganharam projeção nacional e internacional, e, não raro, ensejaram questões sócios territoriais na escala local.

Entre as narrativas prováveis, a titulação “Atenas brasileira” decorreu da intensa atividade comercial no século XIX, em que a circulação de riqueza promoveu um “florescimento cultural” significativo em São Luís. Representou uma época na qual os comerciantes e fazendeiros enviaram seus filhos para estudar na Europa, encontrando margem, “sobretudo no campo das letras (poesia, romance, teatro, jornalismo e crítica literária)” (RIBEIRO JÚNIOR, 2001, p.30). Nesse cenário, a “Atenas brasileira”, ideia sustentada por nomes com berço de patronos e por fundadores da Academia Brasileira de Letras, incluía grandes nomes, como o poeta Gonçalves Dias (BORRALHO, 2009).

Já sobre o *reggae music*, embora seja este um ritmo musical de origem jamaicana, em São Luís é considerado para além de gênero musical, atingindo o patamar de movimento social, econômico e político expressivo por demais no cotidiano e nas práticas culturais das pessoas que habitam a região metropolitana no CHSL, pode-se sentir, ouvir e ver o *reggae* através do Museu do Reggae, dos bares temáticos da Praia Grande e na simbologia presente nas danças,

roupas, acessórios e cores que adornam os corpos que ali transitam (SOUZA; ALVES, 2020), não sendo difícil entender o porquê da “Jamaica brasileira”.

Assim, num processo de construção contínua da identidade, a paisagem do CHSL reverbera a diversidade cultural que é a cidade, detentora de camadas de influência portuguesas, francesas, indígenas e africanas, o que pode ser percebido em festas, manifestações culturais outras e na gastronomia. O Centro Histórico é, para nós, o maior atrativo da cidade e que muito tem contribuído para a sustentação da imagem cultural de São Luís enquanto paisagem, patrimônio cultural e destino turístico.

## 2.2 Centro Histórico de São Luís e turismo: paisagem e patrimônio cultural

O CHSL é constituído por ruas, praças, edificações e por vivências imaginadas por distintos agentes espaciais, que convivem e se fazem paisagem. Para permanecer pulsando o “coração” da cidade, é fundamental a preservação do seu patrimônio cultural. O turismo, por sua vez, se prontifica como uma possibilidade, algo, certamente, passível de questionamento.

Certo é que a identidade ludovicense concentra-se, em grandes proporções, no CHSL, tomado como patrimônio em decorrência do seu valor histórico, memorial e cultural. Nesta seção apresentaremos ações de caráter preservacionista que levaram o Centro Histórico a ser reconhecido como patrimônio cultural, assim como também abordaremos sobre os programas de requalificação de suas paisagens patrimoniais e as relações com a prática turística.

Como discutido no capítulo anterior, com a criação do IPHAN, procurou-se salvaguardar os bens patrimoniais, e, ao exaltar o passado com vistas ao futuro, as autoridades perceberam a importância do patrimônio na construção de uma nova identidade brasileira<sup>19</sup>, substrato imagético que em muito se projetara na paisagem. Cumpre salientar que as diretrizes do IPHAN fundamentaram a elaboração de várias legislações de proteção nos âmbitos estaduais e municipais.

No que tange a São Luís, a preocupação preservacionista também surgiu a partir da atuação dos “intelectuais locais”. A exemplo, é possível citar a Comissão de Patrimônio Artístico e Tradicional de São Luís, fundada em 1943 com o objetivo de “proceder ao reconhecimento e catalogação de todos os monumentos, edifícios, sítios e objetos que interessem ao patrimônio histórico e artístico da cidade e de propor ao Governo Municipal as medidas para a conservação desses tesouros” (LOPES, 2004, p. 142).

---

<sup>19</sup> Há controvérsias sobre os interesses dominantes das ações preservacionista do patrimônio. Neste trabalho dissertativo essas questões aparecem nas entrelinhas.

Na esfera nacional, com a atuação do IPHAN, a patrimonialização do CHSL ocorreu com o processo de tombamento individual, iniciado com o registro da Fonte do Ribeirão em 1950 e do Retábulo do Altar-mor da Igreja Catedral de Nossa Senhora da Vitória (Igreja da Sé), em 1954 – ver livro de Belas-Artes (LOPES, 2008). No ano seguinte, em 1955, ocorreu o reconhecimento de conjuntos urbanos inscritos nesse mesmo livro de tomo, como nos casos do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico do Largo do Desterro, do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico das praças João Lisboa, Gonçalves Dias e Benedito Leite<sup>20</sup> (Figura 9).

**Figura 9:** Praça Benedito Leite



**Fonte:** Autoria própria, 2019.

É sabido que na década de 1970 a ação preservacionista mudou a noção de monumento isolado para o entendimento de patrimônio como cultura. A UNESCO, naquela conjuntura, teve papel fundamental ao instituir a categoria de Patrimônio Cultural da Humanidade. Sobre esta discussão, Bogéa, Brito e Pestana (2007, p. 27) assim se colocam:

A delimitação do perímetro do tombamento federal e mundial está baseada na ampliação do conceito do Patrimônio Cultural. Depreendendo-se de uma visão monumentalista do patrimônio, este novo enfoque passa a designar os conjuntos e sítios urbanos como bem cultural possuidor de valores coletivos e referências culturais dos seus moradores.

O tombamento federal do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Cidade de São Luís ocorreu em 1974, e foi inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico e

---

<sup>20</sup> Nas seções 2.3 e 2.4 deste trabalho a Praça Benedito Leite é tratada com mais apreço, e isso devido ao fato de que a Feirinha São Luís é realizada ali, como já se sabe.

no Livro do Tombo das Belas-Artes. Esse tombamento consolidou o que se iniciou na década de 40, possibilitando o reconhecimento como Patrimônio Nacional. O processo se deu nos âmbitos estadual, federal e mundial.

Efetivamente, a delimitação e tombamento do CHSL pelo Estado do Maranhão se confirmaram em 1986, através do Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Estado do Maranhão (DPHAP-MA)<sup>21</sup>. Já o reconhecimento por parte do município decorreu a partir da Lei nº 3.392 de 1995, que dispõe sobre a proteção do Patrimônio Cultural do Município de São Luís (SÃO LUÍS, 1995).

Foi assim que a patrimonialização legitimou intervenções urbanísticas de revitalização dessa área histórica com políticas de preservação, a exemplo do Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luís (PPRCHSL), iniciado em 1979, que no primeiro momento foi denominado “Projeto Praia Grande” (MARANHÃO, 1981).

O Projeto Praia Grande teve como objetivo a “preservação e revitalização do Centro Histórico de São Luís, através de intervenções de caráter social, físico, econômico e cultural” (MARANHÃO, 1981, p.4). Todavia, em decorrência da inexistência de recursos para essa ampla área histórica, delimitou-se o projeto exclusivamente para o bairro da Praia Grande devido sua “significância e tradição”. A primeira etapa do PPRCHSL, entre outras obras, contemplou a restauração, reforma e ampliação da Feira da Praia Grande.

A Feira da Praia Grande<sup>22</sup> (Figura 10) detém de características peculiares, e que se referem à arquitetura e à cultura da sociedade maranhense como elementos (in)tangíveis condensados naquele local. Ademais, os produtos ali comercializados<sup>23</sup>, o modo de preparo e o sabor das comidas típicas, a religiosidade, como no caso do altar devotado a São José das Laranjeiras – santo padroeiro do local – marcam o espaço e a identidade da Feira como sendo uma referência para ludovicenses e turistas (SANTOS *et al.*, 2017).

---

<sup>21</sup> O DPHAP-MA foi criado em julho de 1973, através do Decreto n. 5.069/1973, sob influência das definições presentes no Decreto-lei nº 25/37, de criação do IPHAN.

<sup>22</sup> As primeiras construções da Feira da Praia Grande datam de meados do século XVIII e referiam-se a um terreiro público para compra e venda de gêneros diversos (NORONHA, 2015). O local surgia pela necessidade de um ponto de distribuição e estoque para as mercadorias dos comerciantes, *a priori* funcionando como depósito (MARTINS, 2012). Em 2020 a feira foi reinaugurada, após reforma iniciada em 2019.

<sup>23</sup> Entre os *produtos maranhenses* comercializados nos boxes da Feira, encontra-se camarão seco, peixe seco, castanha, tiquira, cachaça, licor, doce de buriti, guaraná Jesus, artesanato, juçara, farinha de mandioca, ervas, remédios caseiros, polpa de fruta, pimenta, refeições, etc. (SANTOS *et al.*, 2017).

**Figura 10:** Feira da Praia Grande



Fonte: Autoria própria, 2017.

Ressalta-se que o Programa de obras da Feira da Praia Grande também objetivava a promoção do turismo cultural, através da oferta de condições de permanência, alimentação e realização de programações culturais (MARANHÃO, 1981). Desse modo, a Feira da Praia Grande foi fomentada como valor identitário da população ludovicense.

Em termos de política pública patrimonial, citamos ainda a terceira etapa do PPRCHSL<sup>24</sup>, conhecida como “Projeto Reviver”, iniciado em 1987 (REIS, 2010). Este, por sua vez, vislumbrou como principais obras a melhoria da infraestrutura e a requalificação da paisagem urbana, fatores esses que iriam beneficiar a população residente e outros usuários, proporcionando uma ocupação coerente e diversificada do Centro Histórico (SÃO LUÍS, 1992). Assim como na primeira etapa do PPRCHSL, o Projeto Reviver concentrou-se no bairro Praia Grande, este último ficando popular como “Reviver”, em referências as marcas dos séculos XIX e XX. Desde essa época esse espaço funcionou como ponto de encontro e sociabilidade, fazendo surgir daí, posteriormente, um esplendoroso espaço de cariz turística.

As marcas dos Projetos “Praia Grande e Reviver” são presentes até os dias de hoje, culminando, assim, como parte da política de imagem do bairro Praia Grande. Todavia, não incorreto dizer que, ponto de vista da gestão, as políticas preservacionistas não tiveram grandes

---

<sup>24</sup> A partir de então usaremos a sigla PPRCHSL para se referir ao Programa Praia Grande Centro Histórico de São Luís.

sequências. Nesse sentido, o período entre 1995 e 2002 foi considerado a quinta e maior etapa do PPRCHSL, em virtude da reeleição de 1999 da ex-governadora Roseana Sarney, “fato que determinou garantias de continuidade em dois períodos governamentais sucessivos” (ANDRÈS, 2006, p.108).

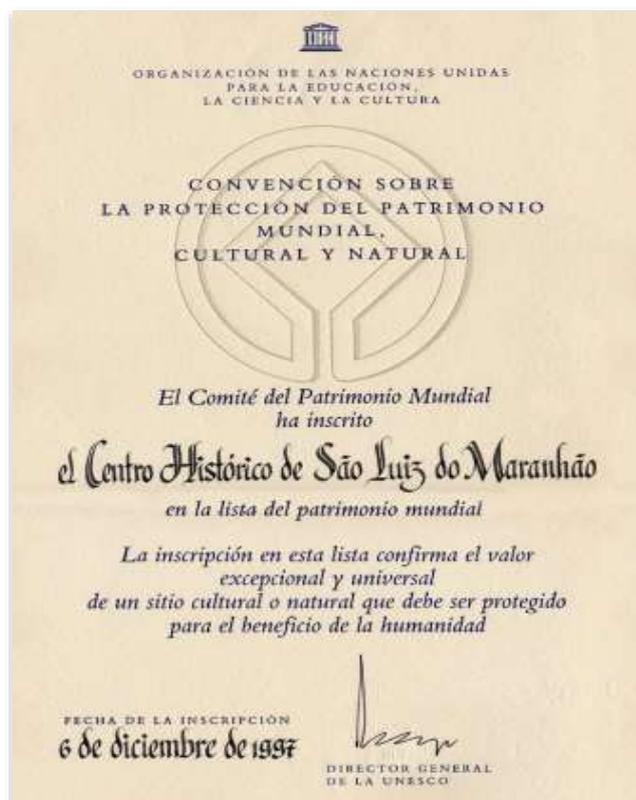
A etapa supracitada deu conta do maior conjunto de obras financiadas pelo Ministério de Turismo em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) através do Programa Regional de Desenvolvimento do Turismo<sup>25</sup>, o PRODETUR (ANDRÈS, 2006). Esse período teve grande destaque, principalmente em decorrência de uma ação específica: a elaboração dos dossiês apresentados pelo Governo do Estado à UNESCO, o que resultou na inclusão de São Luís na lista do Patrimônio Mundial (Figura 11), em 1997.

O Comitê decidiu inscrever esta propriedade mediante os critérios (iii), (iv) e (v), considerando que o Centro Histórico de São Luís é um exemplo excepcional de cidade colonial portuguesa, adaptada [...] às condições climáticas da América do Sul equatorial, e que tem conservados dentro das notáveis proporções o tecido urbano harmoniosamente integrado ao ambiente que o cerca (MARANHÃO, 1997, s.p.).

---

<sup>25</sup> “Os Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) buscam organizar as intervenções públicas para o desenvolvimento da atividade turística, através de prévios processos de planejamento das regiões turísticas. A partir do planejamento das áreas turísticas prioritárias são propostas intervenções públicas a serem implantadas de forma que o turismo venha a constituir uma verdadeira alternativa econômica geradora de emprego e renda principalmente para a população local. Os investimentos do Programa são operacionalizados pelo Ministério do Turismo (MTur), que orienta tecnicamente as propostas estaduais e municipais; em parceria com organismos multilaterais, em especial o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID)” (BRASIL, 2015). Foi nesse período que ocorreu a implementação do PRODETUR no Maranhão, resultante das negociações entre o PPRCHSL, o BID e o Banco do Nordeste.

**Figura 11:** Inscrição do Centro Histórico de São Luís na lista de Patrimônio Mundial



**Fonte:** Andrès (2006, p. 155).

Ressaltamos que as intervenções no CHSL não cessaram de lá para cá, dentre as ações preservacionistas mais atuais, com início em 2018, têm-se as obras de reforma e revitalização no Complexo Deodoro, na Praça Pedro II, na Rua Grande, Largo do Carmo, entre outras áreas antes considerada Cidade Alta. Essas obras foram financiadas pelo PAC Cidades Históricas<sup>26</sup> e executadas por meio da parceria entre o IPHAN e a Prefeitura de São Luís. Esses dois entes públicos abrangeram o maior volume de obras do CHSL desde quando foi instituído o Projeto Reviver.

No Complexo Deodoro, o que inclui as praças Deodoro e Pantheon e as alamedas Silva Maia e Gomes de Castro (Figura 12), há expressiva representação da cultura ludovicense. O marco paisagístico desse espaço é a Biblioteca Benedito Leite, possuidora de um acervo com obras raras, algumas datadas do século XVII. Esse quadro paisagístico também é formado por dezoito bustos que fazem alusão a renomados intelectuais maranhenses, nomes estes

<sup>26</sup> O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Cidades Históricas foi criado em 2013 como o maior conjunto de investimentos já feito no Patrimônio Cultural Brasileiro, gerando qualificação de mão de obra, geração de emprego e renda para as cidades e estímulo ao turismo e outras políticas transversais (IPHAN).

relacionados com a política e com a Academia Brasileira de Letras, tais como, Artur Azevedo, Bandeira Tribuzzi, Coelho Neto, Josué Montello, dentre outros.

**Figura 12:** Complexo Deodoro



**Fonte:** Autoria própria, 2020.

A Praça Pedro II é outra emblemática paisagem do Centro Histórico que foi revitalizada, e falamos, pois, de uma área que concentra o Palácio dos Leões (Governo do Estado) e o Palácio de La Ravadière (Prefeitura Municipal), além de outros prédios de caráter governamental (SANTOS; MARQUES; SANTOS, 2020). Nessa mesma extensão, destaca-se ainda a restauração da Praça da Mãe d'Água, um símbolo histórico, artístico e cultural situado em frente à Igreja da Sé.

A Rua Grande, considerada a mais antiga rua (antes denominada Caminho Grande) e o maior centro comercial de São Luís, também integrou esse projeto de revitalização. Em tempos anteriores, mais especificamente ao final do século XIX, residiram nessa Rua importantes personalidades do comércio e do poder local, como Ana Jansen e Cândido Ribeiro.

Nesse sentido, o CHSL tem sido revestido por sucessivas revitalizações na sua paisagem urbana (SANTOS; HARDT; HARDT, 2016). Tais transformações conferem investimentos de cunho material, mas também na arena simbólica. De tal modo, incorremos pela posição de que no CHSL há um apelo constante para que a imagem cultural da cidade “reviva”, algo também aproveitado como matéria e simbologia turística.

Não há como negar que as paisagens patrimoniais do CHSL possuem uma íntima associação com aspectos políticos e econômicos desde a formação da cidade. Assim, a

patrimonialização do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico de São Luís acabou por concorrer com a perpetuação de processos, formas e significados que revalorizaram a história de um período “áureo”, ostentando pela paisagem construções coloniais e um imaginário “europeizado”.

Entretanto, o CHSL tem se apresentado como um espaço democrático, em que as ditas culturas alternativas têm cada vez mais frequência, o que acontece como meio de afirmar as suas identidades, a exemplos dos movimentos *reggae*, *hip hop*, *hippies*, entre outros, que somados com as manifestações culturais de Bumba-Meu-Boi<sup>27</sup> e Tambor de Crioula<sup>28</sup>, faz daquela uma sublime paisagem patrimonial e turística, composta por diferentes encontros.

Consequentemente, a paisagem cultural do Centro Histórico é uma das mais expressivas de São Luís. As políticas preservacionistas contribuem para a sua revitalização e, assim, para salvaguardar a (i)materialidade e o simbolismo de seu patrimônio. Em tal contexto, o Programa Reviva Centro é uma política pública que transita entre fazer *reviver* a cultura dominante e os discursos de uma São Luís enquanto “Atenas Brasileira” e oportunizar espaço para as culturas e atividades, questão essa discutida a seguir.

### 2.3. Programa Reviva Centro e requalificação de paisagens

O turismo, ao se comportar como um fenômeno promotor dos lugares e de paisagens patrimoniais, induz a preservação com ações de requalificação, mediando o atributo de novos significados para determinadas estruturas que estavam deterioradas, prestes a se perder ou sem uso eficaz, e o faz ao criar atratividade, seja física ou por meio de novas formas de uso do espaço (DIAS, 2006; PAES, 2017).

A partir deste pressuposto, é louvável admitir que as intervenções de requalificação paisagística são de ordem estética e acontecem, na maioria das vezes, como uma tentativa de amenizar os danos causados pelo vandalismo, pela falta de zelo e pela inerente ação

---

<sup>27</sup> “É uma celebração múltipla que congrega diversos bens culturais associados, divididos entre plano expressivo, composto pelas performances dramáticas, musicais e coreográficas, e o plano material, composto pelos artesanatos, como os bordados do boi, confecção de instrumentos musicais artesanais, entre outros. Em todo seu universo, destaca-se também a riqueza das tramas e personagens. Foi inscrito no Livro de Registro de Celebrações, em 2011. Em 2019, a manifestação popular recebeu da UNESCO o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade” (<http://portal.iphan.gov.br/>).

<sup>28</sup> “É uma forma de expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores. Seja ao ar livre, nas praças, no interior de terreiros, ou associado a outros eventos e manifestações, é realizado sem local específico ou calendário pré-fixado e praticado especialmente em louvor a São Benedito”. Inscrito no Livro das Formas de Expressão, em 2007 (<http://portal.iphan.gov.br/>).

degenerativa do tempo. No âmbito do turismo, alega-se que tem a função de preservar uma memória coletiva e fortalecer o destino (CHOAY, 2006).

Quando nos referimos à requalificação de paisagens patrimoniais, remetemo-nos a um processo de atribuição de valores às formas e às práticas culturais que engendram intervenções, decisões e escolhas, em sua maioria, empreendidas pelo poder público (FONSECA, 2009). Nesta perspectiva, segundo Paes (2010), a preservação e a visibilidade do bem requalificado não devem estar separadas da interação social, pois é justamente nesta que se reestabelece os valores culturais e que se produz um universo simbólico estruturado por sentidos e significados que irão legitimá-lo enquanto tal.

No Centro Histórico de São Luís, a Secretaria Municipal de Turismo (SETUR), aproveitando das paisagens patrimoniais e turísticas, vem realizando programações culturais com a finalidade de requalificar sua imagem enquanto história espacial e destino turístico. Paisagem urbana mais expressiva da cidade em termos de história e cultura, o Centro é cenário para ações de outras secretarias, tais como a Secretaria Municipal de Cultura (SECULT) e a Secretaria Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento (SEMAPA). Foi assim que na gestão do ex-prefeito Edvaldo Holanda Junior, foi criado o Programa Reviva Centro, englobando ações da SETUR, SECULT E SEMAPA.

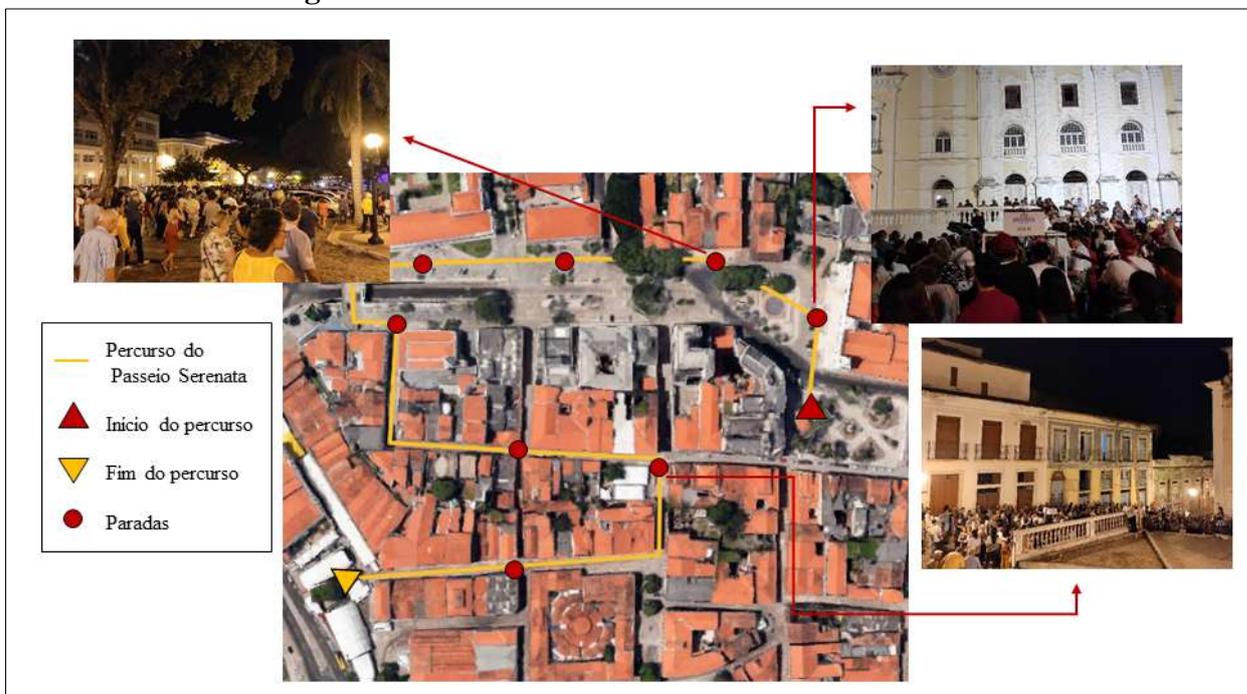
Em entrevista que realizamos, de acordo com Coordenadora de Operações Turística da SETUR, Fernanda Batalha, o Programa Reviva “visa divulgar os recursos culturais da cidade, sensibilizando a comunidade local e os turistas sobre a importância de conservar e proteger os atrativos turísticos, através de uma programação artística-cultural realizada pelas ruas do Centro Histórico de São Luís”. Fazem parte do Programa o Passeio Serenata, o Sarau Histórico, o Roteiro Reggae, o Arte na Praça e a Feirinha São Luís. Em nível de conhecimento, estes são brevemente apresentados a seguir.

Desde 2015, mais especificamente nas quartas-feiras à noite, o “Passeio Serenata” deixa mais lúdico o Centro Histórico, através da música, teatro e informações turísticas. Trata-se de um itinerário simbólico conduzido por um grupo musical, com intervenções e performances artísticas de atores e contribuições de guias de turismo. Assim, o Passeio Serenata tem o intuito de rememorar valores históricos e culturais, principalmente, a partir de narrativas e das experiências vividas por personalidades importantes da cidade e no cenário nacional.

Com exceção da edição especial do Passeio Serenata, ocorrido na Rua Grande, recentemente revitalizada pelo IPHAN em parceria com a Prefeitura de São Luís, na maioria, das vezes os percursos realizados partem da “Cidade Alta” até a “Cidade Baixa”. Isto é, tem a

sua concentração inicial na Praça Benedito Leite, seguindo pela Avenida Dom Pedro II, Rua Nazaré, Rua da Estrela, Rua Portugal, finalizando na Praça da Praia Grande, como demonstrado na Figura 13.

**Figura 13:** Itinerário simbólico do Passeio Serenata



**Fonte:** Autoria própria, com adaptação do *Google Earth*, 2020.

Ao longo do itinerário, caminhamos ao som de músicas regionais e populares do ponto de vista nacional. A festa Passeio ecoa através de vozes e violão, acompanhada das expressões corpóreo-emocionais dos participantes (figura 14). Entre o caminhar, algumas pausas fazem-se necessárias, identificadas com pontos vermelhos na figura acima. As paradas acontecem em frente à Igreja da Sé, numa das casas da Ana Jansen, no Palácio De La Ravardière, no Palácio dos Leões, na Capitania dos Portos, no Beco Catarina Mina, na Praça do Reggae, próximo à Casa da Tulhas e, por fim, na Praça da Praia Grande.

O guia de turismo é o agente responsável por apresentar o Centro Histórico e suas paisagens patrimoniais para o público, desenvolvendo, em síntese, um *city tour*, adicionado da música e do teatro. Atores interpretam personagens da história ludovicense, tecendo, eles mesmos, explanações sobre a história da cidade. Vestidos a caráter, em voz alta, estão ali para falar a cidade, seja para os ouvidos de moradores locais ou de turistas. Personagens como Ana Jansen, Daniel de La Touche, Dom Sebastião, Catarina Mina, Baronesa de Grajaú, e tantos outros, são lembrados de acordo com o tema do dia do Passeio, o que instiga ainda mais o imaginário dos participantes, podendo isto ampliar a curiosidade e a busca por estes espaços da cidade (figura 15).

**Figura 14:** Músicos durante o Passeio



**Fonte:** Autoria própria, Ago., 2019.

**Figura 15:** Guia de turismo e atores



**Fonte:** Autoria própria, Ago., 2019.

Por sua vez, o Sarau Histórico também teve início em 2015 e também foi idealizado pela Setur. Nessa programação de quinta-feira à noite, caminhamos para um passado áureo da cidade através da imaginação. Tal evento não tinha local fixo para acontecer, mas quase sempre se dava em espaços abertos, como nas praças Benedito Leite, do Pantheon, Gonçalves Dias e em espaços recém-revitalizados, como o Largo do Carmo (figura 16).

O Sarau Histórico é um cortejo baile que mistura teatro, música, literatura, poesia, cultura e história, com a finalidade de atrair público local e turista para o Centro Histórico. A partir das intervenções teatrais, poéticas e musicais, com “artistas da terra”, no Sarau são retratadas a história e a identidade local de tempos gloriosos. Atores caracterizados fazem a festa com roupas de época, que de certo modo evocam um passado elitizado e de forte influência da cultura europeia (figura 17).

**Figura 16:** Largo do Carmo com Sarau Histórico



**Fonte:** Autoria própria, Nov., 2020.

**Figura 17:** Atores na programação do Sarau Histórico



**Fonte:** Autoria própria, Nov., 2020.

As tramas, realizadas no palco e também no meio do público, pretendem espelhar o cotidiano do século XIX e, em muitas ocasiões, é perceptível o discurso de uma São Luís enquanto “Atenas Brasileira”. Temáticas importantes da história maranhense são apresentadas em diversas edições, tais como: As lendas de São Luís, O Baile de Ana Jansen, O Mulato, Os Panteões, Os Tambores de São Luís, entre outras produções de cunho literário.

Outra atividade do Programa Reviva, planejada pela Setur, é o Roteiro Reggae, também denominado de “Caminho das Pedras”, em alusão como são chamadas as músicas de reggae no Maranhão: pedras. O Roteiro consiste num *tour* guiado em formato que se assemelha com o que acontece com o Passeio Serenata, em se tratando do caminhar pelas ruas do Centro, todavia, a história apresentada, obviamente, muda de tons, cores e ritmo.

Com passadas mais lentas, ditadas pelo caminhar e dançar ao ritmo e som do *reggae*, o itinerário é conduzido por um guia de turismo que explana a história de como o ritmo jamaicano se difundiu na capital maranhense, também reconhecida como “Jamaica Brasileira”, como já nos apercebemos. É interessante ressaltar que todo o itinerário é acompanhado por um DJ que toca uma sequência de pedras e junto a um grupo de dançarinos, animam e ensinam ao público-festivo os passos do *reggae* maranhense.

A programação se inicia também na Praça Benedito Leite e segue em direção à Rua da Palma, descendo pelo Beco da Pacotilha, Rua do Giz, Rua da Estrela, Rua da Alfândega, Beco Catarina Mina, Rua Portugal, Rua do Trapiche e é finalizada na Praça Dom Pedro II. Também são realizadas pausas no decorrer deste itinerário, e essas ocorrem em pontos que fazem referência ao

movimento reggae, tais como o Museu do Reggae, a Praça do Reggae, um salão de beleza afro e também em locais de comercialização de produtos afins.

Diferentemente das ações apresentadas acima, o Arte na Praça é coordenado pela SECULT. Em dia dessa ação, geralmente nos fins de semana, ao descer do sol, com início por volta das 17h e 18h, é perceptível maior movimentação em algumas praças do Centro Histórico, principalmente nas praças Dom Pedro II (figura 18) e do Pantheon (figura 19), em decorrência das atividades do Arte na Praça.

Os palcos instalados são ocupados por apresentações de grupos locais, dos mais variados estilos, seja com programações musicais comandadas pelos grupos de Jazz, Chorinho, Gospel, entre outros, como também por companhias de teatro que promovem recreação através de espetáculos voltados, especialmente, ao público infantil. O Arte na Praça, assim como os outros projetos do Programa Reviva, promove maior diversidade de lazer e de entretenimento para população local e para os turistas no Centro Histórico.

**Figura 18:** Programação do Arte na Praça realizada em frente à Igreja da Sé



**Fonte:** Autoria própria, Out., 2019.

**Figura 19:** Programação do Arte na Praça realizada na Praça do Pantheon



**Fonte:** Autoria própria, Jul., 2019.

Encerrando, por ora, com o Arte na Praça, que se assemelha como os outros projetos em termos de questão fundante, sintetizamos dizendo que o foi tratado nesta seção compreende que os itinerários espaciais e turísticos do Programa Reviva contribuem, de certo modo, para enriquecer as experiências cidadinas de ludovicenses e de turistas, requalificando as paisagens patrimoniais do Centro Histórico. Sendo assim, por meio dessa interação social e cultural com essas paisagens, podem (re)conhecer a cidade, não só pelos pontos turísticos em si, mas também

por meio dos artistas, da cultura e história. Parte também do Programa Reviva, a Feirinha São Luís, por seu turno, será abordada na seção que se segue.

#### 2.4. Feirinha São Luís: espelho simbólico e encontro festivo

As sucessivas experimentações intencionais de mundo, como trabalho de campo, na Feirinha São Luís, nos levaram a perceber uma grande e complexa movimentação de pessoas, produtos e intenções. É para esse amálgama que direcionamos o olhar, e encontramos se encontrando ludovicenses, comerciantes, representantes do poder público e turistas. Eis uma das aparências da Feirinha: um espelho simbólico da e para a cidade, um encontro festivo.

Antes de adentrarmos no espaço-tempo festivo da Feirinha propriamente dita, é importante considerar o cenário no qual ela se desenha. A Feirinha São Luís é estrategicamente situada em meio às paisagens patrimoniais e turísticas do Centro Histórico de São Luís, mais especificamente na Praça Benedito Leite. Sobre a ambiência dessa área histórica, a paisagem da Cidade Alta, como era denominada, é condensada por arquitetura e vivências de outras épocas e dos dias atuais, e se constituem como formas simbólicas relevantes do poder da cidade, da sua cultura e hoje do seu fazer turismo.

No contexto de uma área destinada primordialmente às funções administrativas, militares e religiosas, o espaço da Praça Benedito Leite, inicialmente projetado para ser um jardim botânico em 1804, só foi concluído décadas posteriores<sup>29</sup> (figura 20). Em momentos subsequentes, a Praça já foi intitulada de Largo do João Velho, Praça da Assembleia e Jardim Público 13 de Maio. No que diz respeito à toponímia e à estátua ao centro da Praça, essas homenageiam o ex-governador Benedito Leite (figura 21).

---

<sup>29</sup> Para saber mais, consultar: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1440/>

**Figura 20:** Praça Benedito Leite, 1908



**Fonte:** Andrès, 2012. Foto: Gaudêncio Cunha

**Figura 21:** Praça Benedito Leite, 2020



**Fonte:** Autoria própria, 2020.

Delimitada pela Avenida Dom Pedro II, Rua Nazareth, Rua da Palma e Rua 28 de Junho, a Praça Benedito Leite [1] é localizada na lateral da Igreja da Sé [2], em frente ao Palácio do Comércio [3], próxima à sede do Governo do Estado [4] e da Prefeitura de São Luís [5], de museus [6], da Feira da Praia Grande [7], de outras praças, como a Praça Dom Pedro II [8] e a Praça João Lisboa [9], e é rodeada por diversos casarões históricos (figura 22). Para se chegar à Feirinha, outras perspectivas podem ser alcançadas pelo ato de caminhar pelo Centro Histórico de São Luís, como propõe Souza e Amaral (2020).

**Figura 22:** Mapa de localização da Praça Benedito Leite



**Fonte:** Autoria própria, adaptação Google Earth, 2020.

Durante os dias da semana a Praça Benedito Leite é tida como um local de passagem e de breve permanência para os moradores e turistas. Nestes dias, é possível perceber pessoas caminhando com pressa, outras relaxando pós-almoço e aproveitando da sombra das árvores, assim como olhares apreciadores e que fotografam a paisagem, casais no final da tarde, famílias com crianças correndo, entre outras atividades do cotidiano. Ao redor, estão abertas as portas dos comércios, museus, igrejas, hotéis, bares e restaurantes. Além do horário comercial e aos finais de semana, o movimento é outro, é menor e tem outra conotação.

Na confluência desses aspectos, e a partir das nossas experimentações junto à Feirinha São Luís, destacamos os significados que a Praça Benedito Leite adquire aos domingos. Logo nos surge a lembrança de Oliveira (2007), para quem a festa transforma o espaço da cidade em espaço festivo, incorporando práticas plurais. É neste sentido que entendemos que a Feirinha preenche a Praça com uma intensidade festiva, em cores vibrantes, em sonoridades e múltiplas vozes e odores peculiares, fatores que contrastantes com o uso semanal da Praça.

Sendo assim, baseados em Dias (2006), sobre uma espécie de retroalimentação entre as políticas de requalificação urbana em centros históricos e espaços específicos, entendemos que o valor arquitetônico, histórico e cultural da Praça Benedito Leite e de toda a paisagem patrimonial e turística ao seu redor agrega sentido à Feirinha São Luís e vice-versa. A feira-festa possui uma carga simbólica emitida pelos seus movimentos e encontros que atribuem à

localidade-praça simbologias próprias, caracterizando um tipo de fluxo que contribui para retroalimentar a política de imagem cultural da cidade. Compreendemos, então, que a Feirinha acumula muitos dos aspectos que a cidade de São Luís faz ver por si mesma.

Como exposto por Corrêa (2009), as formas simbólicas espaciais se realizam em razão da sua localização, de suas cargas identitárias e por meio das percepções dos seus interlocutores, partes do mesmo fenômeno. E é por esta concepção, no contexto do Centro Histórico e da Praça Benedito Leite, que consideramos a Feirinha como uma forma simbólica espacial com fortes incidências patrimoniais e turísticas, algo extremamente difícil de ser problematizado. Desviando-nos rapidamente do discurso que se limita exclusivamente ao patrimônio institucionalizado, queremos lançar luz sobre o poder imaterial de referida paisagem patrimonial. Em outras palavras, busca-se valorizar escalas subjetivas e relacionais das vivências e consciências dos agentes espaciais constituidores da feira-festa.

Sabemos, pois, que em termos turísticos, as tendências patrimoniais podem ser mais visíveis nas cidades que acumularam capital cultural (PAES, 2010), ou seja, cidades que tratam o passado no presente de modo a preservá-lo, o adicionando de narrativas necessárias enquanto paisagens marcas-matrizes (BERQUE, 2012). Não seria a Feirinha fruto também deste capital, cultura transformada em festa? Indagamo-nos e indagamos as pessoas.

Chegados à Feirinha São Luís para realizar as observações, durante o percurso pelos corredores, sentindo e registrando a paisagem, almejando realizar uma etnogeografia que pudesse ser descrita também por imagens (CLAVAL, 1999), utilizando de papéis (caderno de campo e roteiros de entrevistas), que em certos momentos foram deixados de lado para que se pudesse apreender melhor as experiências, os diálogos e as cenas, tentamos tomar a Feirinha como um fenômeno espacial perceptivo, ou seja, como algo que não se repete a cada domingo, mas que acontece a cada domingo (LOWENTHAL, 1982).

Como evento, a Feirinha São Luís começa acontecer a partir das investidas do ex-secretário municipal de São Luís, Ivaldo Rodrigues, da Secretaria de Agricultura, Pesca e Abastecimento (SEMAPA). Responsável pela gestão de mercados públicos e feiras, essa secretaria tem por finalidade promover o planejamento e execução das políticas municipais de produção agropecuária, agroindustrial, de abastecimento e pesqueira (Lei 4.900, de 26 de dezembro de 2007).

Consubstancialmente, a Feirinha São Luís se diferencia das demais feiras e mercados da cidade, pois oferece atividades que vai além dos aspectos comerciais, do apoio à agricultura familiar e à geração de renda, fomentando também a cultura a partir da gastronomia, do artesanato e de apresentações festivas. Sem dúvidas, essas relações – econômicas e socioculturais – proporcionam

maior rede de sociabilidade (MORAIS; ARAÚJO, 2006), vivenciada pelos distintos agentes que fazem a feira-festa numa Praça ressignificada.

Nesta esteira, de acordo com a Coordenadora da Feirinha, Jovita Arruda, a Feirinha São Luís tem origem nas motivações pessoais do ex-secretário, Ivaldo Rodrigues, homem festivo com estreita relação com a cultura local. Nesta entrevista construída com a Coordenadora, a mesma apontou que a visita que Ivaldo Rodrigues realizou a Feira de San Telmo, localizada na cidade argentina de Buenos Aires, que embora tenha outra natureza social e festiva, contribuiu decisivamente para a idealização da Feirinha São Luís. Coincidência ou não, entre paisagens patrimoniais e turísticas, a Feira de San Telmo ocorre no “coração” de Buenos Aires, também aos domingos, e além de ser reconhecida pela venda de antiguidades, as manifestações artísticas chamam atenção, atraindo turistas de diversas localidades e movimentando o tradicionalíssimo bairro de San Telmo (Jovita Arruda, em entrevista).

No diálogo, Jovita relatou que a falta de movimento no Centro Histórico de São Luís aos domingos motivou também as ideias do ex-secretário, que considerava esta área histórica abandonada e perigosa antes da implantação da Feirinha. Sobre o arrefecimento social dos centros históricos nos finais de semana, o fator processo de expansão urbana que conduziu um rol de prioridades de investimentos públicos e privados para criação e desenvolvimento de novos bairros distantes do centro merece destaque (CIFELLI, 2010). No Centro Histórico de São Luís, essas questões refletiram no não funcionamento dos comércios e restaurantes, o que concorria para a infrequência das pessoas. Até os religiosos frequentadores da Igreja da Sé nos domingos se sentiam ameaçados.

Por seu turno, Choay (2006) salienta que essas áreas históricas vêm sendo alvo de planos de ação e intervenção em decorrência do potencial paisagístico e do acervo patrimonial existente. A estes termos, a Feirinha São Luís pode ser considerada uma semente plantada no que concerne à revitalização do Centro Histórico (SANTOS; SANTOS; MARQUES, 2020). Em nível de informação, o projeto da Feirinha foi apresentado à prefeitura e teve sua primeira edição em junho de 2017, e até então ocorre no mesmo local.

De certo, com a pandemia do Covid-19, a Feirinha sofreu reorganizações em sua programação e, em momentos de crise sanitária acentuada, teve que ser paralisada. Para saber, antes do atual contexto pandêmico, enquanto espaço físico, a Feirinha São Luís estava organizada em média com mais de 100 empreendimentos, sendo 24 barracas de comidas, 86 expositores de produtos e serviços variados (entre hortifrúti, culinária, artesanato, bebidas e

trabalhos artísticos), 7 *food trucks* situados nas ruas laterais (Rua da Palma e Av. Dom Pedro II) à Praça Benedito Leite (figura 23).

Assim como diversos eventos foram suspensos durante a pandemia do Covid-19, a Feirinha São Luís só retornou suas atividades e encontros no dia 25 de outubro de 2020, cumprindo com as medidas sanitárias. Para evitar aglomerações, reduziram o número de empreendimentos, e hoje, em média, são apenas 52, sendo: 25 de artesanato, 10 de gastronomia, 14 de agricultura familiar e o restante de produtos diversos (figura 24).

**Figura 23:** Mapa da disposição dos empreendimentos antes da pandemia



Fonte: Autoria própria, adaptação Google Earth, 2020.

**Figura 24:** Mapa da disposição dos empreendimentos durante a pandemia



Fonte: Autoria própria, adaptação Google Earth, 2020.

Nestes novos tempos, com a diminuição das barracas, a organização espacial da Feirinha foi setorizada. Cercados por gradeados, os corredores foram nomeados e o chão sinalizado (figura 25), portanto, vimos um novo *layout*, que entre outras questões, diferencia-se da proposta anterior da Feirinha. Destarte, percebamos que até nisso a Feirinha é um espelho simbólico da sociedade da qual ela é originada: assim como a cidade de São Luís, a Feirinha perdeu em teor festivo, as pessoas não mais dançavam e usavam máscaras, que não são adereços festivos, como muito se viu, por exemplo, em época de carnaval.

Ao, aparentemente, ter a necessidade de se contradizer, se considerarmos o fato de a Feirinha ser um ponto festivo cultural, concentrador de gentes variadas, com a necessidade de evitar aglomerações, as relações festivas ficaram nas lembranças das pessoas com quem conversamos. Além dos gradeados nos corredores, divisores foram colocados em frente às barracas para distanciar comerciantes e visitantes. O contato entre as pessoas e o toque nos produtos comercializados agora é visivelmente limitado. Fruto também da instabilidade emocional vivida, a Feirinha também espelhou o público diminuído das ruas.

**Figura 25:** Entrada principal da Feirinha São Luís



**Fonte:** Autoria própria, 2020.

No que diz respeito aos produtos comercializados, destacam-se aqueles que se relacionam com a identidade cultural do Maranhão, entre esses: bijuterias, acessórios, roupas, produtos decorativos e outros artesanatos que estão diretamente relacionados ao universo simbólico do *reggae*, do *bumba-meu-boi*, do *tambor de crioula*, dentre outras manifestações

culturais. Isso também desponta nas estampas de camisetas que contém locais turísticos de São Luís, bem frases do dialeto popular maranhense (figura 26). Vemos, portanto, mais uma vez, a Feirinha como um espelho simbólico da cidade que encontra no turismo um interlocutor interessado.

Em relação ao patrimônio e culinária maranhense, é possível identificar o arroz de cuxá, o vatapá, a torta de camarão, a torta de caranguejo, o peixe frito, o sururu, a juçara, o camarão seco, a farinha, o mingau de milho, o milho verde, a canjica, o beiju, o doce de espécie, sorvetes, bolos e doces (figura 27). E para acompanhar, ali são comercializadas bebidas com fortes apelos ao imaginário local. Destacam-se a Tiquira, o refrigerante Guaraná Jesus e a cerveja Magnífica. Assim sendo, diante deste amálgama de estímulos, não seria incorreto afirmar que a Feirinha representa um espaço pelo qual o próprio ludovicense pode reencontrar a cidade por meio de produtos e simbologias, materiais e imateriais.

**Figura 26:** Espaço artesanato



**Fonte:** Autoria própria, Out., 2020.

**Figura 27:** Espaço gastronômico



**Fonte:** Autoria própria, Out., 2020.

Esses “produtos culturais” nos remetem à noção de memória, identidade e tradição, e quando estão no mesmo meio de paisagens patrimoniais e turísticas do Centro Histórico podem evidenciar ainda mais os seus sentidos e significados. Conforme discutido por Cifelli (2010, p. 118), “ao serem portadores de signos, tais objetos despertam desejos e necessidades, constituindo-se em importantes sistemas de comunicações que revelam mensagens e discursos

a eles associados”. De tal modo, enxergamos um “espelho patrimonial” (CHOAY, 2006) que, a partir dali, reverbera para além de si, uma paisagem carregada de possibilidades.

Sobre as programações culturais da Feirinha São Luís e os seus horários, apontamos as influências quanto ao público-festivo. No horário da manhã, a partir das 7h, predomina um público familiar, incluindo idosos e crianças, que se concentram nos limites da Praça Benedito Leite. É perceptível que o movimento e os encontros na área de hortifrútis, isto é, no espaço agroecológico (figura 28), são mais intensos nesse horário.

**Figura 28:** Espaço agroecológico



**Fonte:** Autoria própria, Nov., 2020.

Vale destacar que, apenas a partir das 11h, as atrações se apresentam no palco principal da Feirinha. No início, o palco era posicionando na Praça Benedito Leite, entretanto, com o aumento do público e para evitar danos à estrutura da Praça, foi alterado para rua localizada ao lado da Igreja da Sé (figura 29). Durante a pandemia, no retorno da Feirinha, o palco estava no seu local de origem, justamente porque não tinha grande público (figura 30).

As outras apresentações culturais, como a roda de capoeira, tambor de crioula e a Banda da Feirinha (grupo instrumental que se apresenta na Feira em intervalos das outras atrações), fazem a festa em espaços distintos, geralmente distante da Igreja da Sé, pois há a preocupação da organização em não atrapalhar a missa na Igreja, que ocorre até às 11h.

**Figura 29:** Palco na rua lateral à Praça Benedito Leite



**Fonte:** A autoria própria, 2020.

**Figura 30:** Palco na Praça Benedito Leite



**Fonte:** A autoria própria, 2020.

Com o passar das horas, a quantidade de pessoas no local aumenta, porém, é notável uma mudança: a diminuição do número de “famílias” transitando pela Feira e o aumento de grupos de amigos. Desse modo, na faixa de horário de 11h até às 14h, observamos que o consumo de bebidas e alimentos é maior. Ademais, pontuamos que o público-festivo se localiza também no entorno da Praça, onde os preços das bebidas ofertadas por vendedores ambulantes são menores (figura 31).

**Figura 31:** Entorno da Praça em dia de Feirinha São Luís



**Fonte:** Aatoria própria, 2020.

O fluxo de pessoas é mais intenso durante as apresentações culturais do palco principal até o momento de dispersão (14h-15h), horário em que as pessoas começam a ir embora ou migram para outros locais do Centro Histórico para continuar festejando. Deste quadro, é possível notar que a contribuição da Feirinha não se limita somente à área em que ela funciona, porque, de certa forma, aquece as relações sociais e culturais de grande parte do Centro Histórico aos domingos. Comerciantes, donos de bares, lanchonetes, empresários do ramo de entretenimento/eventos, utilizaram deste poder de atração da Feirinha para potencializar também os seus negócios.

Difícil de capturar, o fenômeno que é a Feirinha, por assim dizer, contribui para que outras paisagens e lugares sejam também frequentados. Com o final da Feirinha, um reggae, um “sambinha”, apreciar o pôr do sol e a vista da sacada de um casarão, são algumas das práticas que o subir e o descer das escadarias do Centro Histórico pode ensejar.

Notadamente, enquanto espaço cultural, a Feirinha de São Luís é composta por processos de comunicação e intensa sociabilidade, constituindo-se a partir dos encontros de sujeitos que vão ali para comprar, vender, festejar e, assim, compor uma paisagem que destoa do cotidiano. Assim, por meio das vivências dos sujeitos envolvidos, a Feira adquire múltiplas relações e interpretações, entendida aqui em termos polivocais.

### **3. (RE)VIVER EM FESTA E ENTRE PAISAGENS PATRIMONIAIS E TURÍSTICAS: A FEIRINHA EM TERMOS POLIVOCALIS**

#### 3.1. Fazendo a feira: experiências, percepções e paisagens: uma Feirinha para cada um

*Aos sábados pela manhã, não sou, conscientemente, um geógrafo [...] Mesmo na manhã de sábado, ainda sou um geógrafo. A geografia está em toda parte.*

(Denis Cosgrove, 2012).

Domingo é dia de Feirinha São Luís. Na Praça Benedito Leite, bem como nas áreas circunvizinhas, Centro Histórico, há um movimento de pessoas marcado pelo “fazer da Feira”. Enquanto ludovicense, assim como muitos outros moradores, atenciosos à cultura maranhense, não raro nos encontramos caminhando na Feirinha São Luís. Neste dia, sente-se a agitação no Centro Histórico do entra e sai de pessoas nos hotéis, em alguns museus, nos bancos, na Central de Atendimento ao Turista, nas igrejas, bares e restaurantes, nos mercados, e em algumas outras portas de casarões que compõem tal paisagem patrimonial e turística.

Dirigem-se para a Feirinha, pessoas de várias localidades, idades, gênero e etnia. Elas chegam de ônibus, carro, moto e a pé. Os estacionamentos e ruas próximas à Praça ficam cheios. Essas pessoas, a fim de comprar e vender, ver e participar das manifestações culturais, dançar, cantar, entre outras práticas espaciais, experienciam, percebem, falam e compõem a Feira em paisagens festivas.

Ainda cedo, entre rezas, toque de sino, batizados e até mesmo da marcha nupcial que, porventura, acontece na Igreja da Sé, situada ao lado, os primeiros participantes chegam por ali. São os comerciantes. Um pouco mais, já será possível caminhar na Feirinha e, com sorte, escutar os sons emanados pelos berimbaus, caxixis e palmas, provenientes de uma roda de capoeira, que chama a atenção pelas performances corporais e orais. Olhando do lado: a Rua do Giz com seus casarões e escadaria é alcançada e parece convidar à descida, ao registro fotográfico, a fazer o suor derramar num dia de sol na capital maranhense.

Em meio à arquitetura histórica e cultural, as palmas também podem ser ouvidas de outros pontos, e não é difícil identificar de onde procedem. É se virar e logo será visível a jocosidade dos comerciantes convidando quem passa nos corredores da Feirinha. Assim como a gente, outras pessoas se aproximam, atraídas também pelas cores dos produtos agroecológicos e artesanais. Ademais, das barracas, os cheiros das comidas típicas fazem facilmente imaginar

os seus gostos. Dali não é difícil ver ou protagonizar uma cena comum na Praça Benedito Leite em dia de Feira: o ato de comer e beber em pé.

Em pé também, ali, se reúnem grupos musicais que se apresentarão no palco da Feirinha. No geral, a Banda da Feirinha abre as programações e, a depender do tempo social festivo na cidade, tem-se o domingo do Tambor de Crioula, com saias rodando ao ritmo intenso dos tambores, o domingo para dançar “agarradinho” ao som de *reggae*, o domingo ao sotaque do Bumba-Meu-Boi, o domingo com apresentações carnavalescas e outros tantos domingos artístico-culturais que em muito enchem os olhos de quem por ali pisa. Essas programações são (re)produzidas e experienciadas por agentes diversos, cada um com sua história e cultura que se (des)encontram na Praça, podendo, quiçá, descambar para outros espaços e tempos da vida.

Como já se sabe, a Feirinha faz parte do Programa Reviva Centro, realizado pela prefeitura de São Luís, e é coordenada pela Secretaria Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento (SEMAPA), órgão que estrutura a programação cultural e organiza a logística de uso e frequência do espaço. Na Feira, é fácil identificar os agentes da Secretaria, isso quando estão falando no palco ou quando estão circulando pelos corredores, ao vestirem uma camisa branca estampada com a logomarca da Feirinha São Luís.

Na Feirinha, a paisagem não é a mesma todo domingo. Não poderia ser, pois, a paisagem também pode ser movimento que significa e ressignifica a vida a partir do encontro de mundos e consciências (COSGROVE, 2012; BESSE, 2006). Examinando com calma a Feirinha, veremos que este “movimento” ocorre, sobretudo, pelo fluxo de moradores locais, turistas, comerciantes e representantes do poder público. Mundos de outras plagas se aproximam, e às vezes se cruzam, com mundos locais, e fazem o dia da Feirinha São Luís.

Tratamos, então, da questão turismo: experiência espacial de descobertas e de encontro com o outro, dado pelo interesse em experienciar novas culturas e paisagens. Em São Luís, o Centro Histórico é apontado como o principal ponto turístico, e detém grande parte dos registros culturais da cidade. Dos nossos registros ali, aos domingos em campo, dizemos que não é fácil discernir os mundos supracitados e tocar os seus olhares. Entretanto, com os ouvidos atentos, ao “bater perna”, entre os ruídos e o festejar, escutamos sotaques, línguas e linguagens diversas. E enquanto turismóloga, tão afeita com tal espaço, a circulação acentuada na Central de Atendimento ao Turista salta aos olhos. Salta ao ponto de subir à imaginação de quem está ali para, a partir de múltiplas vozes, pensar aquelas paisagens.

Pensando fenomenologicamente, sujeito e meio formam uma mesma paisagem (BESSE, 2006), logo entendemos que a Feirinha São Luís constitui uma realidade paisagística polivocal

(CÔRREA, 2007), favorecendo e sendo resultado de intensas relações sociais e trocas simbólicas. Assim, as múltiplas vozes e as construções de significados reproduzidas pelos distintos agentes espaciais dão mote ao fenômeno chamado Feirinha, e parecem contribuir para o processo de (res)significação da paisagem patrimonial e turística do Centro Histórico de São Luís, nos restando a compreensão de que “os múltiplos significados das paisagens simbólicas aguardam decodificação geográfica [...] Um requisito é a leitura detalhada do texto, para nós, a própria paisagem em todas as suas expressões” (CLAVAL, 2012, p. 229). Sem dúvidas, uma das grandes expressões é turística.

Dito tudo isso, retornando à ideia da epígrafe utilizada nesta seção, tornando o texto em primeira pessoa do singular, nos permitimos fazer o seguinte trocadilho de palavras: aos domingos pela manhã, não sou, conscientemente, uma geógrafa, uma turismóloga [...] Mesmo na manhã de domingo, ainda sou uma geógrafa, uma turismóloga. A geografia está em toda parte; o turismo em grande parte da geografia. E é assim, que, atentos à parte da geografia e questões turísticas no Centro Histórico de São Luís, tentaremos encontrar vozes e paisagens que representam a polivocalidade e dão corpo à Feirinha.

### 3.1.1. Coordenação da Feirinha: “a gente lida com vidas, vender é uma consequência”

Na ampliação da leitura dos patamares de significados da Feirinha São Luís, entrevistamos a coordenadora geral da mesma: Jovita Arruda; que logo nos disse: “*a gente lida com vidas, vender é uma consequência*”. Como uma das implementadoras do projeto da Feirinha, essa contribuiu para que melhor entendêssemos sobre o seu surgimento, logística, organização espacial, política de manifestações socioculturais e dimensão festiva.

Obviamente, a entrevista tem enfoque nas experiências e percepções da interlocutora. De notável relevância e profunda conhecedora da Feirinha, Jovita, sem dúvidas, encontrava-se no momento da entrevista, em novembro de 2019, numa posição que favorece a co-construção do diálogo que nortearam os nossos questionamentos (ver apêndice 1).

Ao refletir sobre a primeira questão da entrevista citada, logo nos relembramos que o econômico não explica tudo em última instância, como bem nos aponta Claval (1999), e Jovita parecia bem saber. Para ela, “*a Feira é um espaço cultural esplendoroso*”, se referindo a vidas animadas por anseios sociais diversos, vidas que integram a Feirinha São Luís se fazendo paisagem e que fogem ao domínio exclusivo da questão econômica.

Ao longo do diálogo estabelecido, percebemos uma singular dedicação e relação afetiva que a Coordenadora mantinha com a Feirinha São Luís. Notadamente, o elo é situado no

presente, mas se explica por experiências vividas em outros espaços e tempos passados, e, certamente, com projeções e orientações para o futuro. Buscando indicativos de sua memória, Jovita compartilhou conosco paisagens escondidas na sua mente, como provavelmente diria David Lowenthal (1982).

Nascida em Buriti Bravo, interior do Maranhão, e marcada por uma paisagem rural, a inquerida relembrou as experiências da “vida sertaneja” que “não foi nada fácil”. Influenciada pelos hábitos de leitura do pai, levantara a “bandeira da educação” desde cedo. Determinada, se disse orgulhosa por ter formação em Serviço Social pela Universidade Federal do Maranhão. Particularidades caras à sua pessoa, manifestando-se imbuída com o bem-estar coletivo e a integração do indivíduo na sociedade, Jovita afirmou que tais qualificações influenciaram no caráter da Feirinha. Tratando do tema emprego e bem-estar das pessoas, vejamos algo de sua representação:

*“Só de constatar todo domingo a quantidade de pessoas que são beneficiadas [...], ganhando oportunidade com a geração de emprego e por uma coisa muito essencial, que é a questão da qualidade de vida da pessoa, a gente já se realiza na Feira. Qualidade de vida é muito relativo pra mim [...] qualidade de vida é: eu, meu vizinho, minha comunidade, meu estado, meu país estarem bem. Se as pessoas estão bem na Feira, que bom!”.*

De início, compreendemos que Jovita percebe a Feirinha sustentada por experiências pessoais e profissionais de outrora, denotando uma leitura daquela paisagem que vai muito além do visível, e que só apreendia pelo toque na consciência (LOWENTHAL, 1982). Isso demonstra que a experiência individual pode ter rebatimentos culturais sem que ao menos se saiba definir com aproximada precisão (GEERTZ, 2008).

No desenrolar da entrevista, tocamos na questão Feirinha São Luís enquanto espaço de encontros e sociabilidade. Sem se demorar nos pensamentos, Jovita evidenciou, entre outros nomes, os casos da dona Zezé, comerciante, e a dona Corina, pregoeira. Falando das experiências dessas mulheres idosas para com a Feirinha, ela afirma que “[...] *essas não faltam um domingo. É mais fácil não ter Feirinha*”. A estes termos, a evidência exercida faz valer a existência de um espaço de excelência, como se, para além da questão econômica, ele fosse capaz de completar o ser daquelas duas senhoras. Aqui, a reflexão de Tuan (2012, p.136) se torna propícia, pois, para o autor, “mais permanentes e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos para com um lugar [...] e o meio de se ganhar a vida”.

Em outra mirada, interpretamos que a ida, “todo domingo”, da Jovita à Feirinha São Luís, mesmo enquanto profissional, não se trata tão somente de uma obrigação. O relato de amor e cuidado da Coordenadora, ao se referir à Feirinha, é, neste sentido, valioso: “*o projeto*

*da Feirinha é o meu filho caçula, eu cuido, quem ama cuida, e eu amo aquilo lá*". Essas suas palavras sugerem que assim se estabelecem experiências topofílicas, que de acordo com Tuan (2012) são manifestações específicas do amor humano para com um lugar e suas paisagens.

Na sequência, estar atenta aos distintos diálogos que nos cercavam em entrevista, contribuiu para a compreensão de outros significados incorporados à paisagem da Feirinha São Luís. Em resposta a provocação feita por nós, a Coordenadora destacou a dimensão educacional da Feirinha. Jovita, responsável pela agenda das atividades realizadas, tais como das programações, disse que *"a Feira acompanha a vida lá fora"*, e citou que na Feirinha, a cada época, realiza-se *"a campanha Outubro Rosa, o Novembro Azul, e tudo mais que aparecer para o bem das pessoas"*. No ato mesmo da entrevista ela disse que estava esboçando um plano para o Dia do Arquiteto na Feirinha, e já foi se insinuando: *"eu vou vestida de azulejo, nada mais maranhense que isso"*.

Em relação ao plano mencionado, Jovita referencia um objeto cultural da arquitetura maranhense, o azulejo, elemento singular, materializado na paisagem patrimonial do Centro Histórico, e considerado uma relevante forma simbólica para a cidade, pelo olhar dos seus moradores, poetas e visitantes (FIGUEIREDO, 2012). Ali mesmo, uma vez na Feirinha, o azulejo pode ser visto nas fachadas dos casarões históricos, comprados como *souvenir* ou levados como estampa na camisa recém-adquirida para presentear alguém que não veio com o turista na viagem até São Luís. Teria este ato uma relação direta com a questão patrimonial-paisagista no tocante a perpetuação de uma imagem da cidade? Entendemos que sim!

Ainda sobre as diversas programações, perpassando pela dimensão educacional, a entrevistada afirmou: *"o espaço dali é uma vitrine social"*. Estas palavras por si só nos fazem pensar no poder comunicativo-identitário da Feirinha. Neste contexto, no caminho já sinalizado por Ferreira (2001), entendemos que é pelo ato comunicativo que a paisagem expressa a identidade da cidade sendo festejada. Ademais, para a Coordenadora, a Feirinha São Luís é um *"espaço democrático, onde as oportunidades são dadas a todos"*, o que, ao nosso ver, diz da potência de sua dimensão cultural-festiva.

Sabe-se que o encontro festivo é vigoroso quando ocorre em um local especial, (re)qualificado, talvez, e, ao que nos parece, é sobre este teor de paisagem que Jovita quer nos comunicar quando diz: *"A Praça Benedito Leite é o coração de São Luís do Maranhão [...] se a Feirinha São Luís sair da Praça Benedito Leite, ela deixa de ser Feirinha São Luís"*. Portanto, a política locacional-simbólica da Feirinha responde, ao mesmo tempo, pelas dimensões

absoluta (localização singular-turística), relativa (visibilidade na paisagem) e relacional (relação com outros espaços patrimoniais), como nos ensina Corrêa (2011).

Em termos de atratividade da Feirinha, ficou registrado que “*o nosso maior e melhor atrativo é a nossa cultura, que é raiz. Nós somos um Estado muito rico, profundo, em se tratando de cultura própria*”. Daí, lemos que a mencionada riqueza cultural do Maranhão pode ser experienciada no espaço-tempo cultural da Feirinha, enquanto reflexo, meio e condição social (CORRÊA, 2011), meio e condição até para fazer festa, uma vez que reencontrar essas garantias histórico-culturais pode também ser um ato festivo, a depender do conjunto de intenções direcionadas para tanto (FERREIRA, 2001).

“*Para mim, a essência dela é agroecológica, cultural e turística. Tudo, sabe?!*”. Isso nós escutamos após perguntarmos se a Jovita considerava que a Feirinha tinha essência turística. Neste tema, escutamos ainda o seguinte: “*São Luís tinha uma carência para atender o turista*”. O verbo “ter” no passado refere-se ao momento anterior a implantação da Feirinha São Luís no Centro Histórico, este “*espaço que estava parado e esquecido*”.

Para Jovita, o Centro Histórico de São Luís, de reconhecimento internacional, estava com uma questão para ser resolvida no tocante ao seu planejamento territorial turístico (PAES, 2017), e que assim como os turistas, os moradores também não o frequentavam aos domingos. E, procedendo ao entendimento pelo qual “*a questão do patrimônio intangível são as pessoas*”, o movimento e a interação social, conseguidos com a Feirinha São Luís: “*tem ressignificado a paisagem patrimonial e turística do Centro Histórico de São Luís sim*”.

De tal modo, é possível notar que a Feirinha São Luís tem muito da pessoa profissional Jovita. Estreitamos, reconhecendo até que podemos ter sido tendenciosos nas questões coladas na entrevista (HISSA, 2017), mas não foi intenção fechar as interpretações por aqui. Passemos, portanto, às experiências e percepções de alguns comerciantes.

### 3.1.2. Comerciantes: “vamos, hoje é dia”

Por que não feirantes, já que estão trabalhando numa Feira? As nossas investidas em campo, se que ao menos tivéssemos indagado aquelas pessoas a este respeito, nos indicaram que lhes se viam mesmo como comerciantes, daí o uso deste termo. Enfim, “vamos, hoje é dia”, dia de comprar, dia de domingo em São Luís, dia de Feirinha.

E aqui seguimos na toada de entrevistar alguns desses comerciantes, um grupo heterogêneo ali, já que se encontra produtores rurais, artesãos, empreendedores, vendedores ambulantes e outros. Os comerciantes possuem cadastro para realizarem suas atividades dentro

do espaço definido da Feirinha, estando em pontos fixos, ao redor e dentro da Praça Benedito Leite.

Um primeiro aspecto que chama a atenção reside no fato de que as relações de venda-compra não acontecem de modo estático pelas barracas. No transcorrer da feira-festa alguns vendedores circulam a procura de compradores para os seus produtos, e o fazem lançando mão da boa prosa que uma feira suscita, parecem “dançar conforme a música”, seguindo os passos dos visitantes.

A aproximação dos potenciais compradores com os produtos expostos se inicia a partir das performances orais e corporais dos comerciantes. Sair de traz da barraca, permitir que as pessoas escolham o melhor produto, e dizer “bom dia, olha só que legal”, “pra olhar não paga nada”, “aqui tem o melhor do mercado”, “aqui tem produtos só de São Luís”, entre outros apelos verbais, são algumas das performances que criam certa cumplicidade entre aqueles sujeitos. Ato criativo de comunicar para tocar o outro (BARBOSA, 2013).

No retorno da Feirinha, nesse contexto de Pandemia, em outubro de 2020, no momento em que apreciávamos a música vinda do palco e atentos aos arredores, do lado acontecia uma conversa entre uma comerciante e duas clientes. Chegando próximo, foi possível perceber que, entre risos, um negócio havia sido fechado. A cliente, já com suas compras em mãos, escutou da comerciante: “*o contato tá na sacola, tem o insta e tem meu número do Whatsapp*”. Percebendo a nossa presença, a comerciante logo disse: “*bom dia, somente R\$ 10,00 reais, temos outros aqui do lado*”, referindo-se ao artesanato feito de madeira e tinta, e já ali outra cliente completou: “*são lindos, vou encomendar mais, quero fazer uma parede da minha casa só com eles*”.

Dessa troca, estávamos mais inclinados a escutar a comerciante, portanto, só após as clientes seguirem em frente, nos apresentamos como ludovicenses, festeiros e pesquisadores, nos demorando ali, com tantas vezes o fizemos em outros momentos e barracas. Ali, a nossa indagação central era a seguinte: o que significava trabalhar na Feirinha, e imediatamente escutamos:

*“Eu adoro vim pra cá, trabalho mais de dois anos aqui, e pra mim a Feirinha é sem igual [...] é um evento enriquecedor tanto a nível turístico como econômico [...] aqui consigo tirar melhor o meu dinheiro [...] Eu trabalho durante a semana pelo instagram, porque não tenho loja física, e aqui consigo expor meus produtos e ainda sou feliz”.*

Ainda em outubro de 2020, o relato se assemelha bastante com o que escutamos de um casal de comerciantes de produtos naturais, quando também questionamos sobre o ser e trabalhar na Feirinha:

*“Estamos há três anos trabalhando aqui e significa muito pra gente (risos). Aqui conseguimos maior visibilidade para o nosso trabalho. A Feirinha sempre foi o nosso melhor espaço de divulgação e é através dela que conseguimos a nossa renda. E tem tudo isso aqui que você pode ver, vida, né?!”*

A peculiaridade dos produtos vendidos na barraca desse casal chamava a atenção, tratava-se de produtos naturais para *pets*. Atencioso, o casal, e antes mesmo de nos apresentarmos, rapidamente nos envolveram com uma boa conversa com a finalidade de anunciar e vender seus produtos. Dizemos isso justamente para lembrar que esses encontros, histórias e experiências compartilhadas, contribuem para que a feira se constitua como espaço privilegiado de sociabilidade e de negociação, conforme apregoam Morais e Araújo (2006). Mas o que realmente mais nos tocou na fala deste casal diz respeito a vossa alusão final, aqui reproduzida: *“E tem tudo isso aqui que você pode ver, vida, né?!”* Uma vida dada pela sociabilidade da Feira, e, aos nossos olhos, preenchendo aquela paisagem de significados.

Em suma, para os comerciantes, e afirmamos isso não só nos pautando no conteúdo das entrevistas e enlaces que conseguimos em campo, a Feirinha se apresenta com um significado mais econômico mesmo, posto que é a partir da mesma que esses agentes espaciais buscam tirar seus sustentos. Ademais, em meio à situação de “feirantes”, eles ampliam as suas oportunidades e capacidades de negociação, uma vez que a Feirinha garante uma maior visibilidade aos seus produtos. Não raro escutamos de alguns deles que boa parte das suas vendas acontece para além do domingo de Feira, mas que começam ali.

Retornando o que escutamos do casal citado acima, mais uma frase dispensada por ele nos tocou, e foi esta: *“Acreditamos que é um espaço onde aprendemos muito da nossa cultura também”*. Poderia a Feira ensinar algo as pessoas? Temos a nossa posição de que sim, mas ainda assim nos bastamos no registro de outros. A justificativa do casal para tal afirmação destacou, justamente, o valor patrimonial do Centro: *“estando aqui, não há como você não aprender sobre esta história linda da cidade”*. Olhando de modo questionador a paisagem? (GOMES, 2000) Cremos que sim!

Percorrendo por mais barracas, em novembro de 2020, observando as performances e habilidades de venda, paramos num *stand* que estava ocorrendo uma interação mais direta entre comerciante-cliente. A comerciante falava sobre seus produtos para os clientes que passavam

no corredor, ao mesmo tempo, estava com suas mãos trançando o cabelo de uma cliente e já informando para mesma que no *stand* ao lado tinha “produtos para combinar” – se referia aos acessórios e vestimentas da cultura “afroreggae”. “*Amiga, traz aqui aqueles vestidos pra ela ver como fica ótimo com esse penteado. Ela está em São Luís, papai*”. Só nesta pausa, novamente, ratificamos o quanto a Feirinha reafirma a identidade e imagem da cidade, que tem uma interface regueira explícita. Ademais, sabemos que no âmbito clássico do fazer turístico as pessoas se adornam com adereços comuns a cultura do lugar que visitam (MOESCH, 2002; DIAS, 2006), sendo, provavelmente, uma estratégia de melhor se colocar na própria paisagem e se sentir parte dela (COSGROVE, 2012).

Já no tocante a amizade aparente entre as comerciantes, é possível que a relação delas não dependa somente da disposição próxima dos seus *stands*, mas também por semelhança dos seus produtos/serviços, desvelando-se daí uma sensível afinidade cultural, no caso, muito representativa dos símbolos identitários ludovicenses. Conforme sugere Dias (2006, p.50), “quando se busca a identidade cultural, procura-se identificar aqueles que apresentam traços em comum, que se identificam entre si, o que fortalece o sentimento de solidariedade grupal”. E na feira-festa é dia para isso: encontrar-se ali, com o outro, encontrar-se na paisagem e significar a cidade num dia de domingo (FERREIRA, 2001).

Ao trabalharmos com alguns comerciantes o tema da relação da Feirinha São Luís com a cultura e o Centro Histórico, dentre outras vozes, escutamos isso da jovem trancista:

*“Ela sempre valoriza a nossa cultura. A Feirinha sempre foca na cultura em todos os sentidos, através da arte, do artesanato, da música, pois sempre traz cantores locais para a movimentação e atração. E por ser no Centro Histórico, acaba abrindo caminho para os turistas conhecerem o nosso patrimônio cultural e adentrarem nas nossas raízes históricas”.*

Com percepção semelhante, acrescentando outras sensibilidades, a comerciante de acessórios e vestimentas nos disse o seguinte:

*“A Feirinha criou esse espaço cultural e tornou mais dinâmico o lazer no Centro Histórico, que ao invés de só observar os casarões e praças, as pessoas também podem comprar artesanato, ouvir uma boa música e degustar delícias da culinária maranhense”.*

Assim, as percepções que a Feirinha compõe ampliam a ideia de Centro Histórico e patrimônio material para uma esfera da vivência desses substratos físicos. Interpretando assim, a paisagem do Centro Histórico não é tão somente um espelho do patrimônio edificado (CHOAY, 2006), penetra no artesanato, na música, na culinária, na forma de se relacionar.

Em outras caminhadas e miradas, novembro de 2020, seguindo em direção as barracas do espaço agroecológico, avistamos que o colorido ao centro da Feirinha não advinha apenas da decoração e das luzes do palco, mas também das cores de balões. Percebemos que havia três vendedores desse produto circulando no meio da Praça, e que pronunciavam as palavras: *“olha o balão, tem de personagem, pra menino, pra menina, tem que voa baixo, tem que voa alto”*, reagimos rindo e o vendedor continuou: *“vai querer um, moça?”*. E foi assim que estabelecemos um breve diálogo com o comerciante, e o mesmo, ao se referir sobre os significados da Feirinha, depois de indagado, pontuou: *“é um espaço familiar né? Vem todo tipo de gente, mas pra mim é tranquilo, seguro [...] dia de hoje, o Centro era parágrafo e aqui eu encontro uma oportunidade de trabalho”*.

A análise, mais uma vez, alude que a movimentação do Centro se associa diretamente à existência da Feirinha São Luís. Nas diversas conversas que dispomos com os comerciantes, a feira-festa se apresenta como um espaço que oferece oportunidade para as pessoas trabalharem, contemplarem a beleza arquitetônica do Centro, saber da história da cidade e conhecer delícias da terra; um espaço público receptível, onde é possível encontrar pessoas diferentes, turistas. De acordo com a comerciante da barraca de comidas, entrevistada em novembro de 2020, a paisagem da Feirinha possui atratividade turística na medida em que:

*“Assim como pra gente que vive, trabalha aqui, para os turistas deve agregar muito valor cultural também [...], pois com o passar dos anos de realização, aqui se tornou referência e cartão postal para quem visita São Luís. Você não acha?”*.

Sim, nós achamos. Achamos em concordância a esta fala, e achamos este cenário turístico experimentando diversas vezes a Feirinha. Achar aqui em nada tem a ver como “achismo”, como algo determinado por puro subjetivismo, tem a ver sim, com o olhar refinado de cientista que antes frequentou o espaço pesquisado, como nos sugere Rubem Alves (1988). E é com esta autonomia que percebemos que há ali uma forte conexão entre as pessoas, conexão vista e sentida pela paisagem, paisagem também composta por diversos outros ludovicenses.

### 3.1.3. Ludovicenses: “representa a alma da cidade”

A fala dos moradores que mais nos marcou foi a que repercutiu que a Feirinha representava a alma de São Luís. Por outros termos, esta ideia nós escutamos em diversas oportunidades. Desta feita, lembramos e fazemos ecoar que de acordo com Claval (1999, p. 11) “os homens concebem seu ambiente como se houvesse um espelho que, refletindo suas imagens, os ajuda a tomar consciência daquilo que eles partilham”.

*“A Feirinha representa a cultura viva da cidade como um todo, música, comida, pessoas, as apresentações, parte artística [...] é possível ver e sentir isso. Para mim [...] significa me conectar mais com a minha cidade”.*

O recorte da entrevista, realizada em novembro de 2020, com a jovem moradora do bairro Bequimão parece assentar com a defesa que dispomos na dissertação sobre a Feirinha São Luís: espelho simbólico, que reflete a “cultura viva da cidade como um todo”. Tuan (2012) exprime que os de casa possuem uma atitude complexa derivada na sua imersão na totalidade, a partir de uma ligação que interna, íntima. Se não como um todo, trata-se de perceber a Feirinha para além do ver, mas também do sentir, questão tradutora de experiências que pesam elementos identitários que conectam ser e paisagem.

Paisagem, cultura e ser possuem íntima ligação (COSGROVE, 2012). Na Feirinha São Luís, os valores culturais inscritos na paisagem são reconhecidos pelos moradores que, por sua vez, são sujeitos ativos no processo de significação. Nos trechos de falas a seguir é possível alcançar alguns dos patamares de significados que a Feirinha tem para ludovicenses que são, aos seus modos, a própria cidade. Vejamos:

*“A Feirinha adquiriu um significado bastante importante para nossa cidade [...] por mostrar todas as peculiaridades daqui, como as comidas e produtos típicos, e também os grupos culturais”* (Morador do bairro Angelim, entrevistado em novembro de 2020).

*“A Feirinha é uma manifestação cultural, com comidas, atrações, artesanatos, que representam a cultura e caracteriza bem a nossa cidade”* (Morador do bairro Cidade Operária, entrevistado em novembro de 2020).

*“Acredito que a Feirinha é uma forma de reunir pessoas, arte, cultura, gastronomia, logo representa toda a alma da cidade. Eu me sinto bem aqui e sempre que venho busco essa imersão que a Feirinha proporciona”* (Moradora do bairro Maiobão, entrevistada em dezembro de 2020).

“Significado, manifestação e representação” são ideias que resgatamos dos depoimentos lidos, e denotam, com a permissão da repetição de um dos termos, a “manifestação do movimento interno do mundo” (BESSE, 2014, p.51). No mundo de outra morada do bairro Fabril, entrevistada em dezembro de 2020, a Feirinha São Luís “*significa um movimento que busca incentivar o ludovicense a apreciar as belezas culturais que a cidade tem de melhor*”. Eis uma fala extremamente densa, haja vista que o “*melhor*” incluía de modo enfático o acervo patrimonial disposto na paisagem geográfica do Centro Histórico. É em tal conjuntura que a própria paisagem que é a Feirinha faz ativar, (re)conhecer, (re)produzir e se mostra

como um ritual público capaz de significar o território maior do qual faz parte (COSGROVE, 2012).

Na ocasião desta seção do texto insistimos no poder da Feirinha em significar a cidade em suas dimensões festivas. As passagens a seguir talvez ilustrem melhor o que está sendo dito, pois, contêm a propriedade de ludovicenses relacionados com a Feirinha:

*“Vim à Feirinha é um prazer imenso, me possibilita vivenciar e ratificar minha paixão por nossa cultura”* (Moradora do bairro Maiobão, entrevistada em dezembro de 2020).

*“Particularmente, adoro vim à feira com minha família, é um momento de descontração, confraternização e encontro com nossa história e cultura”* (Morador do bairro Cidade Operária, entrevistado em novembro de 2020).

*“Quem vem à Feirinha se depara com uma imensidade de belezas históricas ao seu redor, principalmente por conta da ótima localização que ela ocupa. Pra mim, é sempre um privilégio ver as culturas e a diversidade que compõem a Feirinha. Me sinto no meu habitat natural”* (Moradora do bairro Centro, entrevistada em janeiro de 2021).

Qualificados discursos nos permitem perceber uma feira que em festa faz instigar uma paisagem de celebração, ou o que Maffesoli (2004, p. 57) chamaria de “lugares de sociabilidade, mistura de afetos, e de emoções, consolidados pelo cimento cultural”. Assim, o patrimônio de “pedras e cal” pode ser tocado pelas “pedras” em dia de *reggae*. O cimento? Ver acima. O chão? A Feirinha, significada. As palavras formuladas em sequência por outro morador, entrevistado em novembro de 2020, residente do bairro Angelim, soam mais uma vez como um recurso primordial da nossa parte:

*“Uma grande festa nessa área que não era tão utilizada pelos próprios ludovicenses trouxe vida pra cá; é uma programação a mais para os domingos. Para mim significa uma importante iniciativa, no sentido de ser um local aconchegante, para onde eu penso a semana quase toda em vir, encontrar os amigos, curtir, aproveitar a cidade [...] vim à Feirinha é diversão, desestressar, ver gente e sorrir”.*

Pensar na semana para chegar o domingo, como que torcendo, sugere um sentimento diretamente relacionado com uma espécie de “fuga da rotina”, algo peculiar ao acontecer festivo (CLAVAL, 2014). De uma maneira geral, a ruptura com o cotidiano nos faz lembrar também do fazer turístico, do lazer (URRY, 2001), que prometem proporcionar certa energização do corpo e da alma. Seguindo esta acepção, os ludovicenses percebem a Feirinha São Luís como “*espaço de lazer muito interessante, que reúne pessoas em um lugar que*

*antes ficava bastante vazio”* (Morador do bairro Parque Vitória, entrevistado em dezembro de 2020), *“com acesso livre para todas as camadas da sociedade”* (Morador do bairro Vivendas do Turu, entrevistado em janeiro de 2021), oportunizando *“lazer para o público desde crianças a mais idosos”* (Moradora do bairro Liberdade, entrevistada em janeiro de 2021).

E se sabendo relacionada com outros, o registro público que é aquela paisagem, faz com que se reconheça que *“a Feirinha é uma atração tanto para moradores quanto para turistas”* (Morador do bairro Parque Vitória, entrevistado em dezembro de 2020), e que o Centro Histórico é condição cabal para a atratividade turística da Feirinha. Por mais festiva que o fosse, se fosse realizada em outro local da cidade a Feira seria outra coisa. Já a moradora do bairro Centro, entrevistada em janeiro de 2021, nos oferece um quadro analítico que diz:

*“A cidade carece de atrativos turísticos desse tipo, e que a maior parte das coisas a se fazer num domingo se resume em ir à praia ou bares. Claramente a Feirinha veio com o intuito de trazer vida ao Centro e toda essa beleza que podemos observar aqui. Temos essa grande e bonita festa nesse cenário histórico. Para os turistas, um prato cheio, deve fazê-los quererem participar e voltar, quando tem grupos tradicionais, um bumba-meu-boi então. [...] Vejo como um projeto que deu certo, num local turístico que estava carente do próprio turismo. Isso tudo representa um renascimento e reaproveitamento desse local”.*

Diante disso tudo, a festa parece mesmo ocorrer em um lugar diferenciado, num conjunto especial que tem história significada (TUAN, 2012). E de acordo com as diversas narrações dos ludovicenses, a Feirinha São Luís tem ressignificado a paisagem patrimonial e turística do Centro Histórico, este ente cidadão que *“por muitos anos foi visto como local inóspito e perigoso”* (morador do bairro Cidade Operária, entrevistado em novembro de 2020). *“Antes da Feirinha, o Centro Histórico era bastante deserto aos domingos [...] ganhou um público e vida”* (moradora do bairro Maiobão, entrevistada em dezembro de 2020), *“era uma área não visitada, apesar de grande valor histórico”* (morador do bairro Turu, entrevistado em janeiro de 2021).

A respeito da discussão em tela, Paes (2010) e Cifelli (2005) evidenciam que as áreas centrais vêm sendo alvo de planos de ação e intervenções urbanas, justamente para aproveitar as vantagens locais e o conteúdo simbólico presentes na paisagem patrimonial. Em tal caso, para os ludovicenses, a Feirinha São Luís se aproveita e contribui também com a promoção e preservação da paisagem patrimonial e turística do Centro.

Nesse sentido, ao se referirem à questão locacional da Feirinha, para além dos seus efeitos na área da Praça Benedito Leite e do seu entorno, a moradora do bairro Bequimão e

o morador do bairro Angelim, entrevistados em novembro de 2020, de maneira eloquente, respectivamente exprimem:

*“Por ser um ambiente que está inserido em um local que é patrimônio histórico, ela também reforça a visita em outros espaços do Centro, movimenta o local, movimenta as compras e por sempre ter algum tipo de atração faz com que a Feirinha seja um local de encontro, de compras, de apreciação cultural”.*

*“Contribui e muito, como tenho dito, a Feirinha trouxe vida para o local. Acredito que a população passou a ver a região com um outro olhar, zelar mais pelo espaço. Não só a Feirinha, mas alguns outros projetos passaram a ter maior engajamento do povo; as reformas feitas no Centro o deixaram mais atrativo, dentre outros fatores que fazem com que a gente veja melhor o valor do local”.*

É interpretando falas com estes teores que é possível entender o título atribuído a presente dissertação, cuja ideia reza pela noção de a Feirinha São Luís ter feito *(re)viver* a paisagem do Centro Histórico. Ademais, *“a Feirinha trouxe um sentimento de pertencimento, de orgulho, de poder presenciar de forma mais palpável a cultura”* (moradora do bairro Bequimão, entrevistada em novembro de 2020). É uma *“ocupação fundamental, tanto para os que moram, pra quem vive do turismo, pro turista e pra as futuras gerações saberem sua história”* (Moradora do bairro Centro, entrevistada em janeiro de 2021). Estando na Feirinha, quem também se torna sabedor desta história são os turistas, que enxergam em tal espelho simbólico de modo mais ou menos aprofundado, mas com certeza em muito festivo.

#### 3.1.4. Turistas: “isso aqui é encantador”

Enquanto turismóloga, fazendo turismo pela geografia, não poderíamos deixar de escutar sujeitos de outros mundos: os turistas; sujeitos que enxergavam com encanto a Feirinha São Luís. Na Feira, os identificamos pela aproximação, com grande atenção às falas e sotaques, bem como por meio da observação da movimentação na Central de Atendimento ao Turista (CAT).

Cabe mencionar que para Tuan (2012) as impressões das pessoas que estão de passagem não podem ser negligenciadas, pelo contrário, estas são capazes de perceber qualificações na paisagem que outros talvez não o façam. Assim, *“à procura dos significados”* (GEERTZ, 2008) atribuídos pelos que estavam de passagem por São Luís – os turistas –, continuamos a interpretar experiências e percepções concernentes à Feirinha São Luís.

A paisagem é sabidamente um dos elementos centrais em termos de motivação do turista, e, cada vez mais, é antevista por informações midiáticas, sonhos e intuições (YÁZIGI, 2002). Desse modo, em trabalho de campo, no primeiro momento, tentamos saber de tais motivações atreladas à Feirinha nos aproximando do CAT – um *stand* situado perto da entrada principal<sup>30</sup>, que tem o objetivo de direcionar, divulgar e dar informações sobre a cidade e seus atrativos turísticos.

Presenciando a movimentação e os diálogos no CAT, escutamos atentamente que as perguntas mais frequentes dos turistas para os atendentes estavam relacionadas ao que fazer nas proximidades do Centro, isto é, não eram questões especificamente sobre a Feirinha São Luís. Desse movimento, era perceptível que a feira-festa se apresentara para alguns turistas como uma “porta de entrada” para o conhecimento de outras paisagens e lugares do Centro Histórico.

Para uma turista de Minas Gerais, escutada em dezembro de 2020, “*o movimento na Praça, o colorido e a música*” aguçaram a sua curiosidade para que assim iniciasse as deambulações pelo Centro, pela Feirinha. Contudo, diferentemente deste caso, no qual a turista conheceu a Feirinha em meio a uma visita despreziosa pelo Centro Histórico, os relatos sobre como tomaram conhecimento da Feirinha São Luís se diversificaram. De acordo com o que podemos decifrar, (ver apêndice 4), os turistas souberam da existência da Feirinha através da família, dos amigos e também pela internet, sobretudo, usando do *Instagram* da Secretaria de Turismo, no *TripAdvisor* e no *Google*.

Depois do vai e vem dos diálogos de entrevistas que realizamos, justamente sobre a questão por ora discutida, obtivemos conteúdos relevantes, alguns destes selecionados em trechos ventilados abaixo:

*“Antes da gente vir, eu tava pesquisando pontos turísticos de São Luís, mas só encontrava os museus no Centro Histórico e alguns não funcionavam hoje [...] eu queria ver algo mais cultural e por acaso achei a Feirinha e disse para ele que queria visitar. Eu tô amando as comidas, a música, as lojinhas de artesanato”* (Casal de turistas de Brasília, entrevistados em dezembro de 2020).

*“Eu costumo ver fotos e ler os comentários sobre os lugares antes de ir. O pessoal falava que aqui era um ótimo lugar para visitar no domingo, pelas comidas típicas, para comprar artesanato, assistir atrações culturais e que depois dava de ir conhecer outros lugares perto, e aqui estamos [...] Vale a pena essa visita, tem muita coisa boa; eu avalio como um lugar cultural muito bom e tranquilo”* (Família de turistas do Rio de Janeiro, entrevistada em janeiro de 2021).

---

<sup>30</sup> Antes do contexto de Pandemia, um dos CATs da cidade era um ponto fixo na Praça Benedito Leite que funcionava todos os dias, inclusive aos domingos. Hoje temos um CAT como *stand* na Feirinha.

Pode-se perceber nestes relatos que tem sentido a apreciação de Corrêa (2014), para quem as cidades também se constroem pela acumulação de múltiplas e variadas paisagens e culturas, reais e/ou imaginadas, tocadas e/ou virtuais. No cenário da Feirinha, diríamos que tais fatores atraem e criam o desejo de experimentar os charmes e descobrir os mistérios de São Luís, atração predisposta ao turismo (MOESCH, 2008; PAES, 2010; YÁZIGI, 2002). A saber, estes turistas foram atraídos por imagens e *pré-leituras* das paisagens do Centro Histórico da Feirinha São Luís, o que gerou os deslocamentos para que se pudesse “ver” e “ser” tal paisagem, experimentada e reproduzida continuamente como um “texto”, um “sistema de criação de signos” (DUNCAN, 2004, p.106).

Entre uma caminhada e outra pelo sistema significado Feirinha São Luís, não é tão fácil distinguir turistas de moradores. Somente com a atenção voltada para alguns traços é possível fazê-lo. Atentos a alguns sinais, foi assim que um jovem nos instigou à aproximação, em janeiro de 2021. Ele usava um “mochilão” e conversava sobre Alcântara<sup>31</sup> com comerciantes. Após aguardar a troca entre eles, questionamos o turista a respeito das motivações de tal visita à Feirinha. Respondendo mais que isso, tecendo avaliações e dispensando palavras prenhes de sentimentalismos, ele disse:

*“Tomei conhecimento da Feirinha através de uma amiga. Já tinha vindo pra São Luís outras vezes, mas não conhecia esse espaço. Eu tava em Alcântara esse final de semana, cheguei ainda a pouco e resolvi dar uma volta pelo Centro e, ‘vei’ pra mim já é o melhor lugar pra vim no domingo [...] A Feirinha mantém a cultura viva através da música e dos artistas locais, é uma oportunidade também para aqueles que não conhecem a culinária e o artesanato [...] Eu acho que a localização foi bem pensada, tem muita história e o Centro é esse patrimônio todo aqui, parece com Alcântara, mas lá tem muitas ruínas [...] O Centro daqui é muito bonito, tem que preservar, fazer manutenção nos casarões. Olhando daqui tão bem legais, mas tem outros espaços que não tão não, tá deserto e parece perigoso”* (Turista de Pernambuco, entrevistado em janeiro de 2021).

Esse relato denota o conhecimento e apreciação do turista sobre o patrimônio histórico-cultural da cidade, já experienciado em outrora. Para esse entrevistado, a partir dos artistas locais, da música, da culinária e do artesanato, a Feirinha tem contribuído para “fazer (re)viver” a paisagem patrimonial nas proximidades da Praça Benedito Leite. Entretanto, o turista salienta, também, que as áreas mais afastadas carecem de preservação e pela falta de movimentações humanas parecem perigosas. A ênfase dada por este significante nos faz recordar as contribuições de Paes (2010; 2017) que, na compreensão das inter-relações entre

---

<sup>31</sup> Município do Maranhão, considerada uma cidade histórica e localizada próxima São Luís.

patrimônio cultural, planejamento urbano e valorização turística, evidencia que por não ter ocorrido um efetivo planejamento turístico, em muitos Centros Históricos brasileiros, o afastamento da população contribui para a descaracterização do patrimônio paisagístico dos sítios tombados e não tombados.

Por sua vez, Santos, Hardt e Hardt (2016), ao analisarem as influências da prática turística na paisagem do Centro Histórico de São Luís, destacam que deve haver uma integração de políticas, planos, programas e projetos em diversas áreas para que o processo de revitalização e requalificação seja desenvolvido adequadamente. Sem dúvidas, perguntar os turistas sobre as suas impressões é um ato de pesquisa valioso.

Foi perguntando que obtivemos as impressões do turista pernambucano, o mesmo que apontou a necessidade de intervenções urbanísticas e paisagísticas no que se refere ao patrimônio arquitetônico do Centro. Foi perguntando que, com uma narrativa semelhante ao discurso do pernambucano, o casal de turista de Brasília relatou sobre não se sentir seguro nas outras áreas, principalmente nas praças da “Cidade Alta”:

*“Nosso circuito começou lá em cima. A gente encostou na Praça do Pantheon e depois mais aqui embaixo na Praça João Lisboa e no Largo do Carmo para tirar fotos. Vi que tinham sido reformados e tá tudo lindo, a biblioteca e a igreja é só o ouro, gostamos muito, mas achamos um tanto arriscado e não tinha muita gente, diferente daqui [...] Vejo como um lugar de gente jovem e de famílias também, é seguro, o policiamento tá presente, e acho que deve ser mais divulgado”.*

As avaliações da paisagem pelos turistas se complementam ao entendimento da atratividade, ou da não atratividade, do potencial enquanto recurso turístico do Centro Histórico (SANTOS; HARDT; HARDT, 2016). Neste âmbito, em termos de avaliação da paisagem, alguns turistas quando comentaram sobre o Centro Histórico o fizeram na escala de sua totalidade, mesmo sem o conhecer por completo, e, se por um lado falaram da sua beleza, por outro lado, destacaram a necessidade de melhorias. Já quando indagados sobre a paisagem da Feirinha São Luís, os comentários se concentraram na segurança, organização, limpeza, sinalização e nas medidas sanitárias adotadas em tempos de pandemia, por exemplo, e isso tudo de modo positivo.

Já na reta final da pesquisa, em dezembro de 2020, numa Feirinha sensivelmente arrefecida pelo contexto da pandemia, a turista de Minas Gerais, expôs:

*“A Feirinha é uma mistura boa, animada e bem acessível para todos, o povo parece gostar [...] é um espaço organizado e seguro, e mais importante agora, não é nem a segurança com os policiais, é se proteger*

*contra esse vírus, e aqui tão medindo a temperatura, tem álcool em gel espalhado pelos cantos e o povo tá respeitando o uso da máscara”.*

De imediato, aqui, lançamos mão da teoria de Dias (2006), autor que aponta que o turismo, ao provocar impactos na economia e na cultura dos lugares, pode também ser feito preservando a saúde. Nesta esteira de discussão, recentemente, São Luís, por adotar protocolos padronizados de segurança sanitária, recebeu o selo *Safe Travels*<sup>32</sup>, sendo reconhecida como um destino seguro para viagens. Estaria a Feirinha, de quando não paralisou por total suas atividades, contribuindo para a legitimação do selo? A percepção da turista citada nos dá um caminho de reflexão. A propósito das questões de saúde e higiene, tratando-se da atual pandemia, é possível interpretar que a Feirinha vem se comportando como um espelho da cidade, do mundo (JEUDY, 2005).

Percorrendo a Feirinha, em fevereiro de 2021, conversamos com um até então desconhecido turista do interior do Maranhão, do município de Pedreiras. Descontraído e falando afoitamente, ele estava localizado próximo ao palco, acompanhado de familiares (um casal de senhores). Já conhecedor da cidade, aceitando as nossas provocações temáticas, esse comentou sobre o turismo no Centro Histórico e também sobre os valores que a Feirinha São Luís agrega à ludovicenses e turistas:

*“O governo sempre tá fazendo eventos como esse para enriquecer a cultura de todos. Aqui existe uma grande interação de diferentes povos. Acredito que o turismo melhorou o movimento do Centro [...] A Feirinha proporciona lazer pra quem mora aqui e é uma oportunidade de fazer compras, com preços mais ou menos acessíveis à população [...] além do comércio, é uma grande troca de experiências”.*

Retomando as reflexões dos capítulos anteriores, embora a cultura esteja integrada a quase todas as formas de turismo, enquanto modalidade relevante, pode-se considerar o turismo cultural como a busca para apreciar e vivenciar diferentes culturas, através de manifestações culturais (in)tangíveis. Ao destacar as principais tendências do turismo cultural, Dias (2006, p.44) afirma que há “um aumento do número de eventos culturais e de festivais promovido pelas cidades como forma de agregar valor cultural aos espaços públicos e de aumentar o número de atrativos”. Por esta compreensão, o turista de Pedreiras (MA) percebeu e listou características que podem ser associadas o turismo cultural a partir da Feirinha São Luís.

A partir das narrações de outros turistas entrevistados entre novembro de 2020 e fevereiro de 2021, foi possível perceber que para eles a Feirinha São Luís também tem

---

<sup>32</sup> Para saber mais, consultar o site da Secretaria Municipal de Turismo: <https://www.saoluis.ma.gov.br/setur/conteudo/3171>

refletido nos aspectos sociais, culturais e econômicos, como se pode observar nos seguintes registros: “*agrega conhecimento e diversão, para eles deve ser isso e renda também*” (turista de Minas Gerais, entrevistada em dezembro de 2020); “*para os moradores, eu acho que agrega mais cultura e mais trabalho*” (família de turistas do Rio de Janeiro, entrevistada em janeiro de 2021); “*é mais uma opção de lazer para eles*” (turista do Pará, entrevistado em fevereiro de 2021). Mesmo tendo críticas sobre a possibilidade de harmonia entre turistas e moradores, quanto ao turismo cultural, pensamos que isso pode ser utopicamente pensado.

De acordo com Brasil (2010), a utilização turística dos bens culturais pressupõe valorização, promoção e a manutenção da memória e da identidade local. A estes termos, nas construções de significados estabelecidas nos diálogos com os turistas entrevistados, aprofundando-nos sobre a relação do turismo com o patrimônio cultural – considerado a essência do turismo cultural (DIAS, 2006; PAES, 2010) –, foi possível apreender determinada estrutura de pensamento, a qual resumimos assim: a Feirinha contribui na preservação e visibilidade do patrimônio cultural de São Luís, do Centro, em especial.

Não fugindo a lógica da afirmação feita, acumulamos aqui mais uma representação neste sentido:

*“Tenho família aqui, então tô sempre vindo para São Luís, nem que seja para passar 3 dias (risos). E quando passo o domingo aqui, vir pra Feirinha já é sagrado. Pra mim isso aqui é mágico. Tá mais parado agora por conta da pandemia, mas sempre achei um lugar muito animado e festivo, o pessoal no palco agitava muito [...] aqui representa a cultura do maranhão, eu amo as comidas típicas, a minha mais nova paixão é a patinha de caranguejo que encontrei ali [...] Como disse, sempre frequentei esse espaço. Eu acho o Centro Histórico de São Luís belíssimo, me transporta para uma outra época, e acredito muito que a Feirinha tem contribuído para preservar e promover, no sentido que faz as pessoas quererem vir pra cá; vem tanto turista quanto as pessoas que moram aqui”* (turista do Pará, entrevistado em fevereiro de 2021).

Portanto, no decurso desta seção, encaminhando o trabalho para as suas considerações finais, reitera-se que a paisagem patrimonial ludovicense, aos domingos, assume grande importância enquanto recurso turístico decorrente da atratividade da Feirinha São Luís. Notadamente, se não por este termo em si, o turismo cultural é praticado naquilo que fomos chamando de feira-festa: uma feira para cada um.

## **FIM DE FEIRA: INTERPRETAR O APURADO DA FESTA**

Antes do fim, há começo e meio. Esta dissertação pode ser lida como um meio interpretativo sobre a Feirinha São Luís, agora apurada “em festa” como que nas suas considerações finais com foco no dia de domingo. Quando ainda é sexta-feira, na Praça Benedito Leite, Centro Histórico de São Luís do Maranhão, é montada a estrutura da feira. No sábado as coisas se avolumam ainda mais por ali, geografia e turismo parecem ter outros sentidos. A paisagem é adicionada de conteúdo. A riqueza patrimonial está lá, mas vai acumulando outras especificações de olhar e contato.

Num breve retorno nas questões tratadas nos capítulos da presente dissertação, condensamos a seguir algumas lembranças. Inicialmente propomo-nos fundamentar o trabalho, tratando teoricamente turismo e geografia, na tentativa de esclarecer que o fenômeno do turismo é uma experiência geográfica e que exerce determinados papéis culturais. Não por acaso lançamos mão de reflexões sobre a abordagem cultural em Geografia. A dimensão simbólica da questão ganhou em relevo e o fizemos pelas possibilidades da paisagem e das leituras preservacionistas acerca do patrimônio cultural.

À vista dessas questões, tentou-se gerar a compreensão de que as paisagens patrimoniais não se restringem tão somente às (i)materialidade registradas por meio dos processos de patrimonializações governamentais, pois, antes de serem instituídas como patrimônio, as paisagens são apropriadas pelos sujeitos. Em outras palavras, apostamos na ideia pela qual o que torna a paisagem dotada de valor patrimonial é a atribuição dos significados atribuídos pelo “sentir” daqueles que a experienciam e a percebem. Nesse sentido, como um estudo cultural, o que buscamos transmitir foge do rigor da precisão social, e admite a incompletude da análise, como nos ensina Geertz (2008), autor este que também nos fala que uma boa interpretação nos leva ao cerne do que nos propomos interpretar.

Propomo-nos, assim, interpretar a Feirinha São Luís, apresentada no capítulo dois, mas ela no contexto do Centro Histórico de São Luís: rico em paisagens patrimoniais, de onde a cidade se espalhou, reconhecido e atrativo, turisticamente falando, e que, notadamente, acumula marcas e influências de sua colonização, refletidas na arquitetura e nos costumes de modo geral, e que na sua própria história espacial faz reconhecer inúmeras intervenções urbanísticas no tocante à requalificação dos lugares e paisagens que o compõem. A propósito das referidas intervenções, apontamos isso como parte da política de imagem da cidade.

Observamos que a trajetória de preservação do Centro Histórico esteve atrelada à cultura dominante, na qual foram selecionadas e tombadas, principalmente, heranças ligadas à política e ao imaginário “europeizado”. E, posteriormente, com ampliação do conceito de patrimônio, outros bens (i)materiais, bem como as culturas alternativas, ganharam novos valores. Daí então deva ser correto dizer que o Centro histórico de São Luís se tornou um espaço mais democrático, e que é reconhecido pelas suas paisagens patrimoniais em nível local, estadual, nacional e internacional, incidindo como um espaço cultural relevante em termos turísticos.

Por seu turno, lançamos luz ao Programa Reviva Centro, que assumiu grande destaque ao reunir elementos de representação histórica e cultural da cidade, justificando, assim, a origem da Feirinha São Luís. Enquanto parte das estratégias de intervenções urbanísticas e turísticas de algumas cidades de centro histórico no Brasil, as feiras ganharam relevância econômica, social e cultural. Como no caso da Feirinha São Luís, algumas possuem dimensão festiva e são capazes de fazer (re)viver as paisagens dos centros históricos onde são instaladas. Um esclarecimento é preciso ser feito sobre este (re)viver, para além do explícito trocadilho de palavras que impomos: esta questão não pode em si ser mensurada.

Retornando aos dias da semana, nos acheguemos ao domingo, que é Dia de Feirinha São Luís, que mesmo em tempos de pandemia, resistiu quando foi possível, e respeitou o distanciamento físico-social quando a recomendação sanitária disse para fazer. Em meio ao movimento de pessoas, sons, odores e cores, os patamares de significados da Feirinha, interpretados pelas experiências e percepções da coordenação da Feirinha, de comerciantes, ludovicenses e turistas, nos indicou um singular espelho simbólico da cidade, da sua história, da sua cultura, refletido pelo encontro festivo, vivenciado físico e imaginariamente.

Sem a pretensão de ter as experiências e percepções dos sujeitos como absolutas verdades, e levando em consideração as limitações teóricas e metodológicas da pesquisa, a partir da predominância da leitura fenomenológica, compreendemos que, através dos diálogos expressos, a Feirinha São Luís ressignifica positivamente o espaço da Praça Benedito Leite, se apresentando como parte das paisagens patrimoniais e turísticas do Centro Histórico.

Na extensão da reflexão acima, considerando que a Feirinha São Luís é uma forma simbólica espacial com fortes incidências (i)materiais patrimoniais e turísticas, e que tem contribuído para fazer “reviver” a paisagem patrimonial e turística do Centro Histórico. Destarte, a paisagem da Feirinha pode e deve ser utilizada em prol da cidade, e daí continuar sendo um vetor do desenvolvimento social, cultural, econômico e turístico.

Sim, é fim de feira, entretanto, é importante salientar que os estudos sobre a Feirinha São Luís não se limitam aos temas aqui abordados. No próximo fim de semana tem mais: Domingo é dia de Feirinha São Luís, em festa e entre paisagens patrimoniais e turísticas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Shirley. **Fazendo a feira**: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social), Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Montes Claros, 2009.
- ALVES, Rubem. Ciência, coisa boa. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Introdução às ciências sociais**. Campinas, SP: Papirus, 1988.
- ANDRÈS, Luiz Phelipe Carvalho de Castro. **Programa de preservação e revitalização do Centro Histórico de São Luís**. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 2008.
- ANDRÈS, Luiz Phelipe Carvalho de Castro. **Reabilitação do Centro Histórico de São Luís**: análise crítica do programa de preservação e revitalização do Centro Histórico de São Luís (PPRCHSL), sob enfoque da conservação urbana integrada. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano), Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2006.
- ASSIS, Lenilton Francisco de. Turismo de segunda residência: a expressão espacial do fenômeno e as possibilidades de análise geográfica. **Revista Território**, Rio de Janeiro: UFRJ, v. Ano VII, n. 11,12, 13, p. 107-122, 2003.
- BARBOSA, Andréia. **Riqueza que mexe com os sentidos**: feira livre de Senhor do Bonfim. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade), Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2013.
- BARRETTO, Margarita. Processos de revitalização urbana e a percepção dos usuários. **Arxiu d'Etnografia de Catalunya**, n. 13, p.231-252, 2013.
- BECKER, Elsbeth. Geografia e Turismo: Uma introdução ao estudo de suas relações. **Revista Rosa dos Ventos**. v. 6, n.1, jan./mar., p. 52-65, 2014.
- BERDOULAY, Vincent. Espaço e Cultura. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Olhares Geográficos**: modo de ver e viver. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.) **Geografia cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.
- BESSE, Jean-Marc. **O Gosto do Mundo**: exercícios de paisagem. Tradução de Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BO, João Batista. **Proteção do patrimônio na UNESCO**: ações e significados. Brasília: UNESCO, 2003.

BOGÉA, Santos Kátia; BRITO, Stella Regina Soares de; PESTANA, Raphael Gama. **Centro Histórico de São Luís: Patrimônio Mundial**. São Luís: IPHAN, 2007.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **A Athenas Equinocial: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro**. Tese (Doutorado), Universidade Federal Fluminense – UFF, Rio de Janeiro, 2009.

BOULLÓN, Roberto. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru: EDUSC, 2002.

BRASIL. **Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília: DF, 1937.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: DF, 1988.

BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000**. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Brasília: DF, 2000.

BRASIL. **Turismo Cultural: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010a.

BRASIL. **Segmentação do turismo e o mercado**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010b.

CASTRIOTA, L. B., (2009). **Patrimônio Cultural: Conceitos, Políticas, Instrumentos**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS.

CASTRO, Nair Aparecida Ribeiro de. **O Lugar do Turismo na Ciência Geográfica: contribuições teórico-metodológicas à ação educativa**. Tese (Doutorado em Geografia Física), Universidade de São Paulo – USP, 2006.

CHANTAL, Blanc-Pamard; RAISON, Jean-Pierre. Paisagem. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, v.8, p. 138-159, 1986.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

CIFELLI, Gabrielle. A refuncionalização turística do patrimônio cultural: os novos usos do território apropriado pelo turismo em Ouro Preto – Mg. In: PAES, Maria; OLIVEIRA, Melissa (Org.). **Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Annablume, 2010.

CIFELLI, Gabrielle. **Turismo, patrimônio e novas territorialidades em Ouro Preto – MG**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

CLAVAL, Paul. Etnografias – Conclusão. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 69-74, jan./jun. 1999.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Paris: Nathan, 2007.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.) **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

CLAVAL, Paul. A festa religiosa. In: **Ateliê Geográfico**, Goiânia: v. 8, n. 1, p.06-29, abr/2014.

CLAVAL, Paul. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CORRIOLANO, Luzia. SILVA, Sylvio. **Turismo e Geografia: abordagens críticas**. Fortaleza: UECE, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. Formas simbólicas e espaço – algumas considerações. **Aurora Geography Journal**, v.1, p.11-19, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Processo, Forma e Significado: uma breve consideração. **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove: A paisagem e as imagens. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 7-21, jan./jun., 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

COSTA, Andréa Katiane Ferreira. **Ações educativas e práticas preservacionistas no Centro Histórico de São Luís no período de 1995-2008**. São Luís: EDUFMA, 2016.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2003.

CUTRIM, Kláutenys Dellene Guedes; SANTOS, Saulo Ribeiro dos. Políticas federais de preservação: uma abordagem histórica. In: SOUZA, Maria. **Políticas públicas e o lugar do turismo**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

DE LA TORRE, Óscar. **El Turismo: fenómeno social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do Turismo**. São Paulo: Atlas, 2008.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.

DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

FALC; FARIAS, Lauro; LOBATO, Marcelo; XANDÃO; YUKA, Marcelo. A Feira. In: **O Rappa**. Rappa Mundi. Rio de Janeiro: Warner Music, 1996, 1 CD, Faixa 1.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As festas populares na expansão do turismo: a experiência italiana**. São Paulo: Arte e Ciência, 2001.

FIGUEIREDO, Tayana do Nascimento Santana Campos. **Expressões e desafios do restauro arquitetônico em edificações da arquitetura luso-brasileira no Centro Antigo da cidade de São Luís (MA/Brasil)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2012.

FONSECA, Maria. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2009.

FUNARI, Pedro; PELEGRINI, Sandra. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOOGLE EARTH, 2020. **Itinerário simbólico do Passeio Serenata**. Disponível em: <https://earth.google.com/web/@-2.5283079,-44.30515774,30.79853513a,840.63363567d,35.00000007y,-0.0000002h,0.0808707t,0r>  
Acesso em: 12/04/2021.

GOOGLE EARTH, 2020a. **Praça Benedito Leite, São Luís (MA)**. Disponível em: <https://earth.google.com/web/@-2.52864469,-44.30566836,17.73177575a,419.50490653d,35.00000007y,0.00000002h,0.08086535t,0r>  
Acesso em: 12/04/2021.

GOOGLE EARTH, 2020b. **Praça Benedito Leite, São Luís (MA)**. Disponível em: <https://earth.google.com/web/@-2.52842269,-44.30447355,27.64920799a,133.30344795d,35.00000007y,187.76741907h,0t,0r>  
Acesso em: 12/04/2021.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.49-76, 2000.

GONÇALVES, Alexandre; ABDALA, Mônica. Na banca do 'seu' Pedro é tudo mais gostoso - Pessoaalidade e sociabilidade na feira-livre. **Ponto Urbe** (USP), v. 2, p. 1-7, 2013.

GONZÁLEZ, Perla Elizabeth Guerrero; MENDOZA, José Roberto Ramos. **Introducción al Turismo**. México: Grupo Editorial Patria, 2014.

HISSA, Cássio. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

HISSA, Cássio. **Entrenotas**: Compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

IBGE. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-luis/panorama>  
Acesso em: 13/04/2021

IPHAN. **Portaria nº 127, de 30 de abril de 2009**. Estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira. Brasília: DF, 2009.

JEUDY, Henry-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

JIMÉNEZ, Celeste; NECHAR, Marcelino. Phenomenon of Tourism. In: JAFARI, J; XIAO, H. (Org.). **Encyclopedia of Tourism**. Switzerland, 2015.

KNAFOU, Remy. Turismo e território. Para um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastri (Org.). **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **Jerônimo de Albuquerque Maranhão**: guerra e fundação no Brasil Colonial. São Luís: UEMA, 2008.

LOPES, José Antônio Viana. **Capital Moderna e Cidade Colonial**: o pensamento preservacionista na história do urbanismo ludovicense. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

LOPES, José Antônio Viana. (Org.). **São Luís, Ilha do Maranhão e Alcântara**: guia de arquitetura e paisagem. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes; Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.) **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2001.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade**: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Ed. Atlântica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MARANHÃO. Governo do Estado. Documento: **Projeto Praia Grande**: Programa de Obras para o Largo do Comércio e Adjacências. São Luís, MA: 1981.

MARANHÃO. Governo do Estado. Documento: **Proposta do Governo do Estado do Maranhão para Inclusão do Centro Histórico de São Luís na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO**, 2.v. São Luís, 1997.

MARTINS, Ananias. **São Luís: fundamentos históricos do patrimônio cultural – Séc. XVII, XVIII e XIX**. São Luís: Sanluiz, 2012.

MARTINS, Sandra. A Experiência da Modernidade e o Patrimônio Cultural. **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, v. 1, 2014.

MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 13, 2003.

MEIRELES, Mário Martins. **França equinocial**. São Luís: Editora do Serviço Social do Comércio do Maranhão – SESC-MA; Civilização Brasileira, 1982.

MENESES, Ulpiano. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

MICELI, Sérgio. SPHAN: refrigério da cultura oficial. In: **Intelectuais à brasileira**. São Paulo, Cia. das Letras, pp. 357-368, 2001.

MOESCH, Marutschka. Para além das disciplinas: o desafio do próximo século. In GASTAL, Suzana; BENI, Mário; CATROGIOVANNI, Antônio (Org.). **Turismo investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

MOESCH, Marutschka. O fazer-saber turístico: possibilidades de superação e limites. In: GASTAL, Suzana (Org.). **Turismo: 9 propostas para um saber-fazer**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. **Territorialidades e Sociabilidades na Feira Livre da Cidade de Caicó (RN)**. Instituto de Geografia da UFRN, 2006.

NORONHA, Raquel Gomes. **No coração da Praia Grande: representações sobre a noção de patrimônio na Feira da Praia Grande**. São Luís: EDUFMA, 2015.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Geografia do turismo na cultura carnavalesca: o sambódromo do Anhembi**. São Paulo: Paulistana, 2007.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Carnavalização e complexidade turística: formação de paisagens rituais em eventos no Estado do Ceará. **Revista Ra'ega**, Curitiba, n. 16, p. 37-46, 2008.

PAES, Maria Tereza Duarte. Apresentação. In: PAES, Maria; OLIVEIRA, Melissa (Org.). **Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Annablume, 2010.

PAES, Maria Tereza Duarte; OLIVEIRA, Melissa (Orgs.). **Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Annablume, 2010.

PAES, Maria Tereza Duarte. Introdução e Apresentação. In: PAES, Maria; SOTRATTI, Marcelo. **Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural**: Identidade, usos e ideologias. São Paulo: Annablume, 2017.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do Turismo**: Teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.

PEARCE, Douglas. **Geografia do turismo**: fluxos e regiões no mercado de viagens. São Paulo: Aleph, 2003.

POSSAMAI, Zita R. Destruição legal e ilegal do patrimônio histórico. In: HEINZ, Flávio M.; HARRES, Marluza M. (Org.). **A história e seus territórios**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). São Paulo: Vértice, Editora revista dos tribunais, 1988.

REIS, Eliana Tavares dos. Em nome da “cultura”: porta-vozes, mediação e referenciais de políticas públicas no Maranhão. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília: v. 25. n. 3., set/dez. p. 499-523. 2010.

REIS, Fernanda; VIEIRA, Soraya. **Tudo Junto**: pessoas, relações e peculiaridades na feira livre de Viçosa. In: ANAIS. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Prêmio Expocom – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, 2011.

RIBEIRO JÚNIOR, José Reinaldo Barros. **Formação do espaço urbano de São Luís**: 1612-1991. 2.ed. São Luís: Fundação Municipal de Cultura – FUNC, 2001.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RODRIGUES, Adyr. Desafios para os estudiosos do turismo. In: RODRIGUES, Adyr (Org.). **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

SACCO DOS ANJOS, F.; GODOY, W. I.; CALDAS, VELLEDA, N. **As Feiras-livres de Pelotas sob o Império da Globalização**: Perspectivas e Tendências. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2005.

SANCHEZ, Joan E. **Espacio, economia y sociedad**. Espanha: Siglo Veintiuno, 1991.

SANTOS, Karolyne; SANTOS, Saulo Ribeiro dos; MARQUES, Ana Rosa. Percepção dos atores sobre a Feirinha São Luís como espaço de incentivo à economia solidária e ao turismo. **Revista Ciência Geográfica**, Vol 24, nº 3, 2020.

SANTOS, Mariana Antonio dos; MARQUES, Matheus Andrade; SANTOS, Saulo Ribeiro dos. Lecturas de paisaje: análisis de intervenciones turísticas en el casco histórico de São Luís (Maranhão, Brasil). Revista Turydes: **Turismo y Desarrollo**, Vol 13, Nº. 29, 2020.

SANTOS, Saulo Ribeiro dos; HARDT, Letícia Peret Antunes; HARDT, Carlos. Paisagem urbana e turismo no centro histórico de São Luís-MaSão Luís (MA)ranhão: o caso da rua Portugal. In: SANTOS, Saulo Ribeiro dos; SANTOS, Protásio Cezar dos (Org.). **Gestão Urbana e Desenvolvimento local e regional: Estudos de caso no Brasil**. São Luís: EDUEMA, 2016.

SANTOS, Saulo Ribeiro dos; SILVA, Gisele Polanski França da; MAIA, Luana Ferreira; SOUZA NETO, Valério Rodrigues de; SILVA, Saulo Rondinelli Xavier de. Paisagem Sensorial e Turismo: Estudo sobre as Percepções dos Turistas em Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade no Brasil. **Marketing & Tourism Review**, v. 2, n. 2 (, 2017). Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/mtr/article/view/4563>

SANTOS, Milton. Estrutura, Processo, Função e Forma como Categorias do Método Geográfico. In: **Espaço e Método**. São Paulo, Nobel, 1985.

SÃO LUÍS. **Lei Municipal nº 3.253, de 29 de dezembro de 1992**. Dispõe sobre o zoneamento, parcelamento, uso e ocupação do solo urbano e dá outras providências. Diário Oficial do Município de São Luís, Poder Executivo. São Luís, MA, 30 dez. 1992.

SÃO LUÍS. **Lei nº 3.392 de 04 de julho de 1995**. Proteção do patrimônio cultural do Município de São Luís e dá outras providências. Diário Oficial do Município de São Luís, Poder Executivo. São Luís, MA, 1995.

SAUER, Carl. Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

SAUER, Carl. Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

SILVA, Gisele Polanski França da; SANTOS, Saulo Ribeiro dos; ARAGÃO, Ivan Rêgo. Paisagem preservada: intervenções turísticas na Feira da Praia Grande em São Luís – Maranhão – Brasil. **Cadernos de Geografia**, nº 42 – 2020, Coimbra, FLUC - pp. 103-116. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/cadernosgeografia/article/view/7791/7032>

SOUZA, José Arilson Xavier de; ALVES, Cristiano Nunes. Por uma análise geográfica do reggae em São Luís do Maranhão (Brasil): apontamentos preliminares. 2020, 4. ISSN: 2683-8915. **Posición** (Luján, Argentina). Disponível em: [https://716132a6-9cf5-45de-baee-6a15e46210f7.filesusr.com/ugd/df634b\\_eb3579f8c9cf414398c2bca4d006c41f.pdf](https://716132a6-9cf5-45de-baee-6a15e46210f7.filesusr.com/ugd/df634b_eb3579f8c9cf414398c2bca4d006c41f.pdf)

SOUZA, José Arilson Xavier de; AMARAL, Márcio Douglas Brito. Caminhar por Centros Históricos de Cidades Amazônicas: ver e sentir os usos do território em São Luís-MA e Belém-PA. **Ciência Geográfica**, Bauru - XXIV - Vol. XXIV- (3): janeiro/dezembro – 2020.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. A Viagem como Experiência Significativa. In: PANOSSO NETTO, Alexandre (Org.); GAETA, Cecília (Org.). **Turismo de Experiência**. São Paulo: SENAC, 2010.

TUAN, Yi-fu. **Paisagens do Medo**. Tradução por Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Tradução por Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

UNESCO. **Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural**. Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris, de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133369\\_por.locale=en](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133369_por.locale=en) Acesso em: 10/04/2021.

UNESCO. **Convenção sobre A Salvaguarda Do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 2003. In: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>> Acesso em: em: 10/04/2021.

UNESCO. **Recomendação de Nairóbi**, 1976. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=249>. Acesso em: 10/04/2021.

URRY, John. **O Olhar do Turista**: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

VARGAS, Heliana; CASTILHO, Ana. **Intervenções em centros urbanos**: objetivos, estratégias e resultados. Barueri SP: Manole, 2009.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. Introdução: um estudo sobre as feiras permanentes de Brasília. In: MADEIRA, Angélica. **A cidade e suas feiras**: um estudo sobre as feiras permanentes de Brasília. Brasília/DF: IPHAN, 2007.

VIEIRA, Natália Miranda. **Gestão de sítios históricos**: a transformação dos valores culturais e econômicos em programas de revitalização em áreas históricas. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2008.

WAGNER, Philip L.; MIKESELL Marvin W. Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

YÁZIGI, Eduardo. **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

# APÊNDICES

## Apêndice 1

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, NATUREZA E DINÂMICA DO  
ESPAÇO – PPGeo

*PROJETO DE PESQUISA:*

**DOMINGO É DIA DE FEIRINHA SÃO LUÍS: (re)viver em festa e entre paisagens  
patrimoniais e turísticas**

### Roteiro de Entrevista – Coordenação da Feirinha

*Este roteiro de questões tem como intenção alcançar experiências e percepções com relação à paisagem patrimonial e turística do Centro Histórico de São Luís e da Feirinha São Luís em termos festivos, e comporão o texto da Dissertação da pesquisadora entrevistadora.*

\*\*\*

- i. O que significa coordenar a Feirinha São Luís? Por quanto tempo já desempenha esta função social?
- ii. Sobre a Feirinha São Luís, existe um projeto com informações sobre quem a idealizou, quando surgiu, objetivo inicial, comerciantes previstos, como se dá as programações culturais? Entre outras questões.
- iii. Além da Prefeitura e da SEMAPA (Secretaria Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento), quem mais são os parceiros da Feirinha São Luís? Como acontece o diálogo com outras secretarias no que concerne ao *Programa Reviva Centro* (a exemplo da SETUR e SECULT)?
- iv. Na sua concepção, a Feirinha São Luís contribui para preservação e promoção do patrimônio cultural do Centro Histórico? Se sim, em quais sentidos? Hoje, ela mesma (a Feira) pode ser compreendida como sendo revestida de qualificações patrimoniais?
- v. Em sua opinião, quais valores a Feirinha São Luís agrega aos ludovicenses e ao turismo realizado no Centro Histórico de São Luís?

*Espaço aberto para outros acréscimos:* \_\_\_\_\_



Grupo de Estudos sobre Espaço e Cultura

### **Agradecidos!**

*Gisele Polanski França da Silva (orientanda)  
José Arilson Xavier de Souza (professor orientador).*

## Apêndice 2

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, NATUREZA E DINÂMICA DO  
ESPAÇO – PPGE0

*PROJETO DE PESQUISA:*

**DOMINGO É DIA DE FEIRINHA SÃO LUÍS: (re)viver em festa e entre paisagens  
patrimoniais e turísticas**

### Roteiro de Entrevista – Comerciantes

*Este roteiro de questões tem como intenção alcançar experiências e percepções com relação à paisagem patrimonial e turística do Centro Histórico de São Luís e da Feirinha São Luís em termos festivos, e compor o texto da Dissertação da pesquisadora entrevistadora.*

\*\*\*

- i. Em qual bairro você mora? Há quanto tempo trabalha na Feirinha São Luís?
- ii. O que significa trabalhar numa Feira de natureza festiva e que se encontra instalada num Centro Histórico?
- iii. Na sua concepção, a Feirinha São Luís contribui para preservação e promoção do patrimônio cultural do Centro Histórico? Se sim, em quais sentidos?
- iv. Em sua opinião, quais valores a Feirinha São Luís agrega aos ludovicenses e ao turismo realizado no Centro Histórico de São Luís?

*Espaço aberto para outros acréscimos:* \_\_\_\_\_



Grupo de Estudos sobre Espaço e Cultura

**Agradecidos!**

*Gisele Polanski França da Silva (orientanda)  
José Arilson Xavier de Souza (professor orientador).*

### Apêndice 3

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, NATUREZA E DINÂMICA DO  
ESPAÇO – PPGE

*PROJETO DE PESQUISA:*

**DOMINGO É DIA DE FEIRINHA SÃO LUÍS: (re)viver em festa e entre paisagens  
patrimoniais e turísticas**

#### Roteiro de Entrevista - Ludovicenses

*Este roteiro de questões tem como intenção alcançar experiências e percepções com relação à paisagem patrimonial e turística do Centro Histórico de São Luís e da Feirinha São Luís em termos festivos, e compor o texto da Dissertação da pesquisadora entrevistadora.*

\*\*\*

- i.** Em qual bairro você mora? Com qual frequência vem a Feirinha São Luís? Na sua concepção, o que a Feirinha significa para a cidade de São Luís? E para você? O que é estar aqui?
- ii.** Suponhamos que você tem visitas em casa (de outros municípios, estados e ou países), você os traria ou indicaria a Feirinha São Luís? Por quê?
- iii.** Na sua concepção, a Feirinha São Luís contribui para preservação e promoção do patrimônio cultural do Centro Histórico? Se sim, em quais sentidos?
- iv.** Em sua opinião, quais valores a Feirinha São Luís agrega aos ludovicenses e ao turismo realizado no Centro Histórico de São Luís?

*Espaço aberto para outros acréscimos:* \_\_\_\_\_



Grupo de Estudos sobre Espaço e Cultura

#### **Agradecidos!**

*Gisele Polanski França da Silva (orientanda)  
José Arilson Xavier de Souza (professor orientador).*

**Apêndice 4**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, NATUREZA E DINÂMICA DO  
ESPAÇO – PP GEO

*PROJETO DE PESQUISA:*

**DOMINGO É DIA DE FEIRINHA SÃO LUÍS: (re)viver em festa e entre paisagens  
patrimoniais e turísticas**

**Roteiro de Entrevista - Turistas**

*Este roteiro de questões tem como intenção alcançar experiências e percepções com relação à paisagem patrimonial e turística do Centro Histórico de São Luís e da Feirinha São Luís em termos festivos, e comporão o texto da Dissertação da pesquisadora entrevistadora.*

\*\*\*

- i.** De qual cidade você é? Como tomou conhecimento deste espaço e o que lhe motivou a visitar a Feirinha São Luís? Até então, qual a *avaliação* você pode fazer deste espaço?
- ii.** O que para você significa estar/participar de uma Feira-Festa instalada em meio a um Centro Histórico?
- iii.** Pela sua experiência de vida, esta Feirinha contribui para preservação e promoção do patrimônio cultural do Centro Histórico de São Luís? Se sim, em quais sentidos?
- iv.** Em sua opinião, quais valores esta Feirinha São Luís agrega aos turistas que buscam o Centro Histórico de São Luís no domingo pela manhã?

*Espaço aberto para outros acréscimos:* \_\_\_\_\_



Grupo de Estudos sobre Espaço e Cultura

**Agradecidos!**

*Gisele Polanski França da Silva (orientanda)*  
*José Arilson Xavier de Souza (professor orientador).*